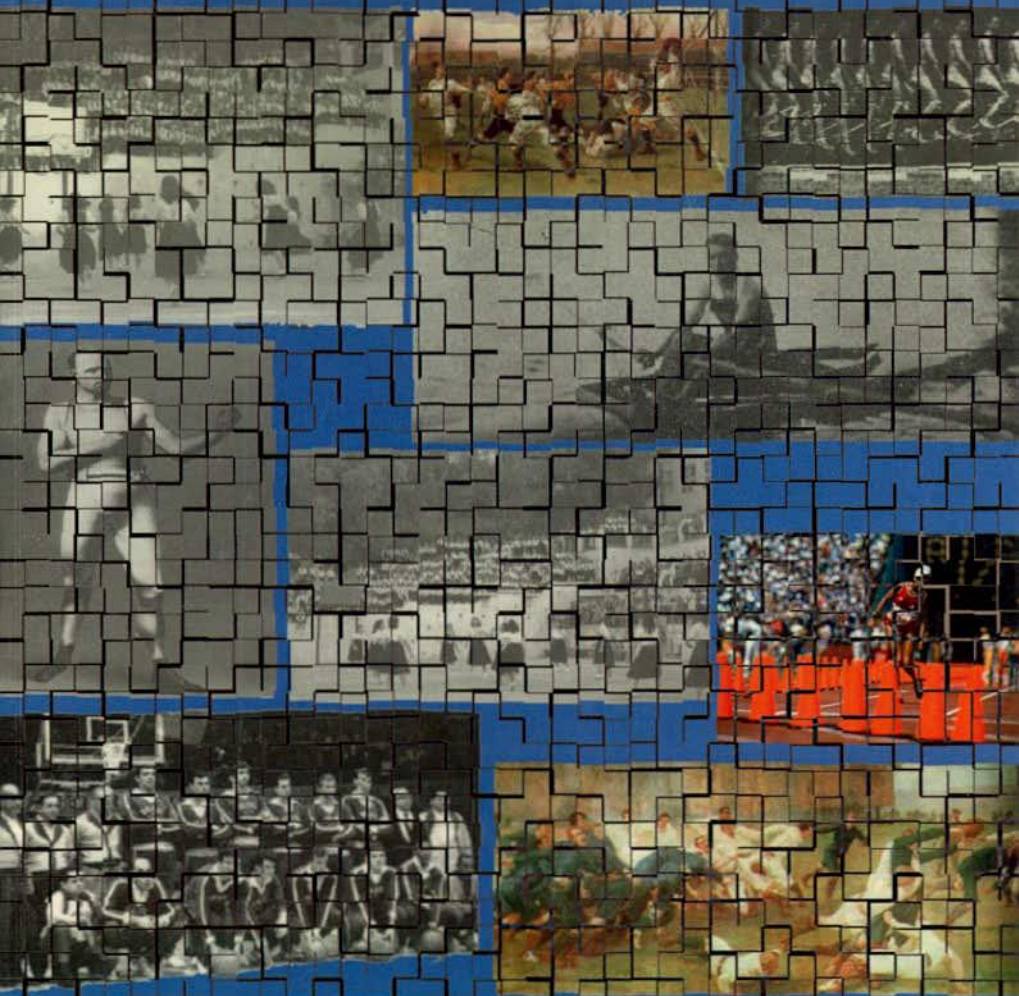


ESPORTES NO NORDESTE um mosaico sócio-histórico



Ricardo de Figueiredo Lucena
Maria Isabel Brandão de Sousa Mendes
Priscila Santos Canuto
Organizadores



O CENTRO DE MEMÓRIA DA
EDUCAÇÃO FÍSICA E DO
ESPORTE NO NORDESTE -
CEMEFEN

É com muita satisfação que o Centro de Memória do Esporte e da Educação Física apresenta seus primeiros resultados de pesquisa: O Livro "Esportes no Nordeste: Um Mosaico Sócio Histórico". Esse livro é resultado da pesquisa acerca do esporte feita pelos membros do CEMEFEN. O nosso Centro de Memória foi criado em 2010 com o propósito de reunir professores e alunos pesquisadores da memória e história do esporte e da educação física na região nordeste do Brasil. Nosso propósito é criar uma narrativa que considere a pesquisa sobre a história e a memória do esporte e da educação física como fator relevante na compreensão das formações sociais urbanas do Nordeste. A cidade como campo de convivência e embates entre grupos sociais distintos é o locus privilegiado de nossas análises. Esperamos assim, estamos lançando um pouco de luz sobre um aspecto da nossa vida social muitas

ESPORTES NO NORDESTE
um mosaico sócio-histórico



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Reitor

RÔMULO SOARES POLARI

Vice-reitora

MARIA YARA CAMPOS MATOS



EDITORA UNIVERSITÁRIA

Diretor

JOSÉ LUIZ DA SILVA

Vice-diretor

JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO

Supervisor de editoração

ALMIR CORREIA DE VASCONCELLOS JUNIOR

Editoração eletrônica

EMMANUEL LUNA

E77

Esportes no nordeste: um mosaico sócio-histórico / Ricardo de Figueiredo Lucena, Maria Isabel Brandão de Souza Mendes, Priscila Santos Canuto, organizadores.-- João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.
206p. :

1. Esporte - nordeste. 2. Atividades esportivas. 3. Esporte na escola. 4. Educação física na escola. 5. Prática de esporte - políticas pedagógicas. I. Lucena, Ricardo de Figueiredo. II. Mendes, Maria Isabel Brandão de Souza. III. Canuto, Priscila Santos.

UFPB/BC

CDU: 796(812/813)

Direitos desta edição reservados à:

EDITORA UNIVERSITÁRIA/UFPB

Caixa Postal 5081 - Cidade Universitária - João Pessoa - Paraíba - Brasil

CEP 58.051-970

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Foi feito o depósito legal

Ricardo de Figueiredo Lucena
Maria Isabel Brandão de Souza Mendes
Priscila Santos Canuto
Organizadores

ESPORTES NO NORDESTE um mosaico sócio-histórico

Editora Universitária da UFPB
João Pessoa
2011

**CONSELHO EDITORIAL
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

- Maria de Fátima Agra (Ciências da Saúde)
Jan Edson Rodrigues Leite (Linguística, Letras e Artes)
Maria Regina V. Barbosa (Ciências Biológicas)
Valdiney Veloso Gouveia (Ciências Humanas)
José Humberto Vilar da Silva (Ciências Agrárias)
Gustavo Henrique de Araújo Freire (Ciências Sociais e Aplicadas)
Ricardo de Sousa Rosa (Interdisciplinar)
João Marcos Bezerra do Ó (Ciências Exatas e da Terra)
Celso Augusto G. Santos (Ciências Agrárias)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
AS CORRIDAS DE LONGA DISTÂNCIA: prazer, excitação e êxtase	13
<i>Antônio de Pádua dos Santos</i>	
<i>José Pereira de Melo</i>	
FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DO REMO NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX NA CIDADE DE NATAL	35
<i>Maria Isabel Brandão de Souza Mendes</i>	
<i>Silvana Vilodre Goellner</i>	
<i>Hellyson Ribeiro Costa</i>	
DAS PRAIAS CARIOCAS AOS RIOS RECIFENSES: A institucionalização do remo no Rio de Janeiro e no Recife	51
<i>Leone Severino do Nascimento</i>	
<i>Joanna Lessa Fontes Silva</i>	
A RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: Algumas anotações de memória.....	71
<i>Ricardo de F. Lucena</i>	
FUTEBOL E TORCIDAS ORGANIZADAS: Uma história de paixão e violência	87
<i>Priscila S. Canuto</i>	

HISTÓRICO DO BASQUETEBOL- DE MASSACHUSETTS A PERNAMBUCO (1891-2001): reflexões preliminares acerca da criação, desenvolvimento e ensino-aprendizagem 105

Júlio Ricardo de Barros Rodrigues

IMAGENS E ESPORTE: Modos de ver e de compreender o fenômeno..... 133

Allyson Carvalho de Araújo

O ESPORTE CONFESSADO NA ESCOLA: Reflexões sobre práticas esportivas no contexto escolar no início do século XX..... 153

Maria Helena Câmara Lira

Rita Cláudia Batista Ferreira

O ESPORTE EM RECIFE EM MEADOS DO SÉCULO XIX: O caso do turfe no ano de 1859 173

Paulo Fernandes de Oliveira

OS ESPORTES NA CIDADE DO RECIFE EM FINS DO SÉCULO XIX (com especial atenção ao Remo) 187

Joanna Lessa Fontes Silva

Leone Severino do Nascimento

Sobre os autores..... 201

APRESENTAÇÃO

Abrindo o Mosaico Esportivo

Este livro é o resultado da colaboração de vários pesquisadores atentos e incansáveis no manuseio das ferramentas científicas, que expõem de maneira irreverente algumas reflexões sobre uma das mais fantásticas invenções sócio-técnicas dos seres humanos; o esporte.

Esta é uma iniciativa incontestada de jovens pesquisadores, alguns não tão jovens, que por experiência mantêm a robustez do método científico para explicar e, em alguns casos, construir representações possíveis de um objeto tão dinâmico como a própria vida social.

Os autores fundamentam seus textos nas mais variantes epistemologias, e ressaltam o seu olhar pujante, a partir de quem vive em paragens nordestinas. Eis, portanto, um princípio que norteia os escritos que se seguem: “o olhar de quem vive em instituições de pesquisa sediadas na Região Nordeste”. Esse simples fato faz diferença, até porque, segundo Leonardo Boff, *“os olhos vêem a partir de onde os pés pisam”*. E o piso nordestino tem demonstrado que não só houve uma variada prática de atividades esportivas, como o remo, o turfe, o futebol, o basquete, etc., como também, é nesse piso onde se assentam uma considerável produção do conhecimento, que toma o esporte como objeto científico.

No seu conjunto, os textos mostram a prática esportiva como divertimento, mas, também, em alguns casos, como parte significativa dos conteúdos ministrados nas instituições escolares, cujos

procedimentos pedagógicos davam conta da disciplinarização do corpo, do controle sobre os impulsos e a sua submissão à fé cristã católica.

Os que escrevem neste mosaico são originários de três Universidades Federais, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, cuja cooperação acadêmica já vem de longa data. Nesses centros foram gestados os conhecimentos que chegam por meio desta publicação, assinalando o compromisso dos pesquisadores na circulação dos saberes advindos da dinâmica social que toma de empréstimo o esporte para compreender as múltiplas relações humanas.

Os trabalhos aqui publicados possuem vários méritos, um deles diz respeito à capacidade dos pesquisadores em desenvolver quadros ou modelos explicativos gerais que refletem no micros social. Outro é a reconstrução, ou melhor, a compreensão de alguns momentos que marcaram a vida de muitos indivíduos aficionados pelos esportes. E essa compreensão só é possível pela densidade da narrativa exposta pelos pesquisadores, mas, sobretudo, pelas incansáveis visitas aos arquivos públicos e privados, como também a constatação “in lócus” de eventos patrocinados na contemporaneidade.

Para abrir o Mosaico Sócio-Histórico do Esporte, o artigo de Ricardo de Figueiredo Lucena, *Relação entre Esporte e Educação Física na Escola: algumas anotações de memória*, cunha o ambiente escolar como espaço privilegiado para a prática de esporte, amparada, obviamente, por “políticas pedagógicas” condicionadas historicamente, seja pela presença marcante das elites nas instituições escolares, seja pela urbanização e industrialização crescentes nos principais centros do país.

O autor destaca, ainda, que no século XIX, práticas esportivas como o futebol, já eram amparadas no pátio das escolas, para garantir uma ação muscular saudável, que contribuía para “uma conduta aceita socialmente”, enquanto modelo de comportamento de uma elite escolarizada.

Esse mesmo quadro temporal também é referência para Joanna Lessa Fontes Silva e Leone Severino do Nascimento, e em seu artigo *Os Esportes na Cidade do Recife em fins do Século XIX: com especial*

Apresentação

atenção ao remo, os autores enfatizam as grandes mudanças alçadas tanto pela revolução francesa como a industrial, que contribuíram com significativos impactos políticos, econômicos e nos divertimentos públicos.

A narrativa trata das “agitações” impulsionadas pelas práticas esportivas, especialmente as britânicas, em terras nordestinas, e constrói um enredo em torno das regatas realizadas pelos “moços da marinha” nas margens do rio Capibaribe, na cidade do Recife.

O mosaico sócio-histórico ativa as preocupações de Allyson Carvalho de Araújo com o seu artigo *Imagens e Esporte: modos de ver e de compreender o fenômeno*, que traz para análise a contextualização histórica dos registros da sensibilidade e observações humanas no que se refere aos processo de divulgação das práticas corporais.

A ênfase central desse artigo recai nos usos das imagens nos telespetáculos, as relações sociais construídas e estabelecidas num jogo de implicações estéticas, comerciais e político-econômicos, que acabam por alterar os modos de ver e praticar o esporte.

Numa perspectiva histórica, Maria Helena Câmara Lira e Rita Cláudia Batista Ferreira, publicam neste mosaico *O Esporte Confessado na Escola: reflexões sobre práticas esportivas no contexto escolar no início do século XX*. A narrativa toma como cenário empírico a Academia Santa Gertrudes localizada em Olinda, e enfatiza o cotidiano da instituição beneditina cotejado por práticas corporais femininas bastante expressivas.

Considerando a abundância dos documentos encontrados sobre as práticas corporais nessa instituição e os registros impressos que circularam no mesmo marco temporal, as autoras chamam a atenção para fato de que é possível compreender o porquê de o esporte ter sido evidenciado, ainda hoje, como conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física.

Para corroborar com a esteira do passado, Paulo Fernandes de Oliveira, escreve neste mosaico *O Esporte no Recife em Meados do século XIX: o caso do turfe no ano de 1859*. O autor apresenta argumentos

suficientes que apontam os esportes como traços significativos da modernidade, por serem praticados em países considerados modelos nesse período histórico.

A narrativa toma o cavalo como personagem central da trama de uma sociedade em construção, cujo cenário é a cidade do Recife, considerada, na época, economicamente estratégica para a região Nordeste. Neste contexto, a prática do turfe era acompanhada por grandes movimentações na província do Império de D. Pedro II, e que por esta razão deram origem a vários bairros da cidade, como Prado, Hipódromo e Derby.

Compondo a reflexão sobre a diversidade dos usos do corpo nos ambientes urbanos, Maria Isabel Brandão de Souza Mendes, Silvana Vildre Goellner e Hellyson Ribeiro Costa, escrevem no mosaico, *Fragmentos da História do Remo no Final do Século XIX e Início do XX na Cidade de Natal*. Esta, banhada pelo rio Potengi que abrigou as primeiras regatas, configurou momentos de lazer, entretenimento e competição, movimentando o comércio da pequena província, e também a organização dos clubes náuticos, que proporcionavam às elites um encontro para o trato de diversos assuntos, inclusive, a política.

Os autores destacam que o remo surge no período estudado compondo o imaginário da modernidade e, como tal, traz consigo outros elementos significativos para o cotidiano, como a oportunidade da “rapaziada” desfilar seus corpos com uma vestimenta bastante peculiar, motivando alguns registros da imprensa local.

Práticas esportivas, como estilo de vida da sociedade contemporânea, é objeto das reflexões de Antônio de Pádua dos Santos e José Pereira de Melo. No artigo *As Corridas de Longa Distância: prazer, excitação e êxtase*, são apresentados dados significativos das exigências e emoções daqueles que buscam o desempenho, o prazer e o desafio de seus próprios limites.

Os professores recolheram as memórias mais recentes de atletas de rendimento, que produzem sentido nas provas de atletismo, matizado por um imaginário da eficiência e agressividade, cuja tensão agradável é

Apresentação

construída em longos percursos mesmo sem a presença de espectadores. Nessas corridas, o fundamental não é obter a vitória, o troféu ou a premiação em dinheiro, mas a satisfação de superar a dor e sentir prazer.

Com o objetivo de prestar homenagem póstuma ao professor Antônio Maria, Júlio Ricardo de Barros Rodrigues, escreve o artigo *Histórico do Basquetebol - De Massachusetts a Pernambuco (1891-2001): reflexões preliminares acerca da criação, desenvolvimento e ensino-aprendizagem*. O texto apresenta a Associação Cristã de Moços - ACM, como o primeiro cenário de criação e disputa de uma partida de basquetebol, em função de um inverno rigoroso nos Estados Unidos.

No contraponto, o autor destaca o percurso realizado por essa atividade esportiva; sua chegada ao Brasil, e em Pernambuco, os preconceitos enfrentados pelos praticantes e, sobretudo, os aspectos pedagógicos que devem nortear os fundamentos técnicos e táticos, na perspectiva da cultura corporal, acompanhada pelo processo de profissionalização de atletas e professores.

Para remontar um dos aspectos da sociedade moderna, também impulsionada pela prática esportiva, Leone Severino do Nascimento e Joanna Lessa Fontes Silva, contribuem no mosaico com o texto *Das Praias Cariocas aos Rios Recifenses: a institucionalização do remo no Rio de Janeiro e no Recife*. O artigo sinaliza a urbanização das duas cidades como pontos fundamentais para o desenvolvimento de esportes que negavam comportamentos e costumes antigos, tendo o remo como um dos esportes que mais representou o desejo de modernidade.

A análise comparativa está centrada no processo de institucionalização da prática do remo nas duas cidades, enfatizando que esse esporte ainda não gozava de prestígio e nem atraía grandes públicos, como o turfe; corrida de cavalos como era chamada na época. O texto ainda discute as dimensões simbólicas que recaem sobre a dinâmica da sociedade no século XIX, conjugadas com as mudanças econômicas e sociais do país.

No contexto das reflexões esportivas, Priscila Santos Canuto, realiza um ensaio intitulado *Futebol e Torcidas Organizadas uma História*

de Paixão e Violência. A discussão gira em torno do desequilíbrio de tensões geradas entre torcedores de futebol quando da vitória ou derrota de seu time de paixão.

O texto traz alguns aspectos históricos da sociedade inglesa e o principal fenômeno de desequilíbrio de tensões; o *hooligan*, que se internacionalizou como está posto em algumas situações das torcidas organizadas em vários estados brasileiros. De maneira bastante criativa, a autora traça alguns apontamentos analíticos desse fenômeno a partir de fontes da Liga Parahybana de Futebol.

Considerando as narrativas e as construções teóricas alçadas a partir do esporte enquanto objeto de investigação científica, esta publicação tem um caráter inovador e se impõe como um marco nos novos traçados da “política editorial” das editoras universitárias.

Por fim, este mosaico representa um significativo contributo dos pesquisadores que tomam o esporte e seus aspectos *miméticos* como objeto de suas preocupações científicas, seja na construção da memória e história das variantes do uso do corpo, ou nas representações que as modalidades esportivas assumiram em diferentes cenários, a partir de determinado quadro temporal.

Recife, 23 de maio de 2011.
Edilson Fernandes de Souza

AS CORRIDAS DE LONGA DISTÂNCIA: prazer, excitação e êxtase

*Antônio de Pádua dos Santos
José Pereira de Melo*

INTRODUÇÃO

Nossa proposta nesse artigo é trazer aspectos teóricos e metodológicos que considere e compreenda o sujeito envolvido na prática do esporte de rendimento, para além do consumo, do mercantilismo e da competição. A partir desse olhar, acreditamos na possibilidade de podermos compreender como o sujeito-atleta se produz e é produzido diante dos diversos aparatos sociais que o cercam. Considerando o pressuposto que os atletas envolvidos na prática do esporte de rendimento, em especial o atletismo, afirma-o como uma marca importante nas suas vidas, por isso a necessidade compreender melhor os sentidos que estes atletas estão produzindo, de que modo se pensam e são pensados enquanto atletas.

Assim, a ideia de corpo e de esporte naturalizando o imaginário que cerca as práticas esportivas ditas de rendimento, imaginário que delas exige a eficiência, a agressividade competitiva, e uma dedicação psíquica, talvez despropositada, para uma saúde física e mental razoável,

clama por um novo entendimento de corpo e compreensão destes atletas ao inserir-se em práticas esportivas de rendimento, neste caso, corredores adultos e que participam de corridas de longa distância referentes ao atletismo.

Nesse sentido, não podemos deixar de considerar que o esporte de rendimento em sua estrutura interna traz elementos semelhantes aos que estruturam as relações sociais na contemporaneidade, ou seja, orientação no rendimento e competitividade, seletividade, esforços exagerados para conseguir alcançar metas, etc. Têm-se então, nessas características do esporte de rendimento, um reproduzidor da sociedade ocidental, entendida por alguns como sendo “democrática”, igualitária, na qual o que importa é o resultado obtido. Estas questões são colocadas por pensadores importantes não como uma prática do esporte competitivo e de rendimento em si, mas como este acaba por ser um meio de reprodução ideológica do modelo econômico vigente, entre eles Bracht (1997), Bourdieu (1983) e Adorno (1962).

O esporte, na sociedade contemporânea, vem ocupando grande destaque na mídia, consagrando uma cultura esportiva que penetra na vida diária dos cidadãos afirmando-se como uma referência primordial no estilo de vida de cada um através da construção de novos equipamentos, vestimentas, gestualidades, influenciando nos discursos e na aparência das diferentes camadas sociais.

Por outro lado, o esporte pode trazer em seu seio, outras vertentes de análises e de compreensão como encontramos em Elias (1992) quando relaciona essa prática a fortes experimentações de emoções e excitação. Parece-nos evidente que as atividades de lazer sejam elas de caráter individual ou coletivo, desenvolvidas nas sociedades ditas complexas e civilizadas (a nossa, por exemplo), exerçam exigências evolutivas no modo de ser das atividades de lazer, entre elas o esporte, para que possam dar conta das novas formas de vida, para atender as suas necessidades emocionais, de excitação, sentimentais entre outras. A excitação que os indivíduos procuram no seu lazer, especificamente no esporte, passa a ser compreendido como

singular, como veremos no decorrer deste artigo, tratando-se em geral de uma excitação agradável.

Para a realização da pesquisa, fizemos um acompanhamento junto aos atletas durante seus treinos e em competições, para observarmos seu dia a dia nessa prática esportiva. Durante esse acompanhamento, os discursos dos atletas foram importantes para podermos compreender que

O discurso não é independente do simbolismo [...]: o discurso é tomado pelo simbolismo. Mas isso não quer dizer que lhe seja fatalmente submetido. E, sobretudo, o que o discurso visa é outra coisa que o simbolismo: é um *sentido* que pode ser percebido, pensado ou imaginado; e são as modalidades dessa relação, com o sentido que fazem um discurso ou um delírio [...] (CASTORIADIS, 1982, p. 169).

A BUSCA DO PRAZER NO ESPORTE: da teoria a prática

Refletindo sobre o propósito da vida humana – e incluindo nessa reflexão o esporte –, nos ancoraremos no pensamento de Freud (1978), o qual mostra como o princípio geral que move todo ser humano diante da vida é o esforço para obter felicidade: as pessoas querem ser felizes e assim permanecer. O propósito da humanidade é a busca intensa do *prazer*, procurando-se evitar, a todo custo, o sofrimento. Freud (1978) reconhece, entretanto, que esse objetivo jamais será satisfatoriamente alcançado sem que haja sofrimento. Isso porque tanto o macrocosmo quanto o microcosmo do homem agem em sentido contrário a esse princípio.

Segundo Freud (1978), o princípio do prazer, como força que move toda a vida humana, terá que superar limitações, sejam elas da constituição interna do sujeito, sejam configuradas pelas ameaças e fontes de sofrimento que o mundo externo proporciona, dificultando a realização e a efetivação da felicidade. Tudo é planejado contra a realização dessa *pulsão de vida*. Regula-se a *fonte social do sofrimento*

pelas relações sociais, estas sendo o primeiro momento da civilização, pautadas e valorizadas pela capacidade de efetivar as restrições à liberdade individual, que, em sua origem, é ilimitada. A partir dessas restrições, o ser humano passa a viver em permanente conflito com o mundo dito civilizado.

Dessa maneira, o ser humano é constituído e transformado em um ser social, que, ao ser aprisionado nos moldes da civilização, mantém-se diante de certa ordem, pagando um custo muito alto, com a restrição da liberdade. Por perder a liberdade, ele entra em estado conflituoso e constante com a dita civilização, mas é assim que evolui e que é aceito pelo grupo social.

Elias (1994) esclarece-nos a respeito do conceito de civilização, utilizando, para isso, um tratado de 1530 intitulado *De civilitate morum puerilium* (Da civilidade em crianças). Esse tratado, elaborado por Erasmo de Rotterdam, dá força a uma palavra bastante antiga originada de *civilitas* e depois interpretada por várias línguas. *De civilitate morum puerilium* foi dedicado a um menino nobre, filho de príncipe, aparentemente sem maiores pretensões, mas causou mudanças sociais, estabelecendo um novo modelo de comportamento para as pessoas, que incluía desde a maneira de olhar, passando por posturas na mesa, asseio, modos de sentar, de lavar as mãos antes das refeições, etc. O tratado chama a atenção por pontuar a diferença entre as atitudes bárbaras, ou incivilizadas, e as ditas civilizadas.

Dessa maneira, a sociedade sofre mudança, começa aos poucos, a suprimir um componente importante nas pessoas, que é o prazer, ao mesmo tempo que engendra a ansiedade, tornando os prazeres privados secretos e aumentando a proibição social de muitos impulsos. Chega-se à situação em que “[...] os jovens têm apenas uma alternativa: submeter-se ao padrão de comportamento exigido pela sociedade, ou ser excluído da vida num ‘ambiente decente’” (ELIAS, 1994, p. 146). As crianças também são submetidas a esse tipo de controle das emoções e, quando não alcançam as exigências ditadas pelo padrão social corrente, chegam a ser tachadas de doentes, anormais e insuportáveis, sendo excluídas da vida social.

Pode-se perceber que essas mudanças acontecem através do que será denominado de *processo civilizador*. Entretanto, não podemos acreditar que esse prazer tenha acontecido de maneira planejada. Segundo Elias (1993, p. 193), a civilização “[...] não é, nem o é a racionalização, um produto da ‘ratio’ humana ou o resultado de um planejamento calculado em longo prazo”. Mesmo tendo acontecido sem planejamento, o *processo civilizador* não deixou de ter certo tipo de ordem, o que é demonstrado pelos diversos controles impostos aos indivíduos e do modo como isso, através de outras pessoas, é convertido em autocontrole.

Na verdade, isso não foi uma ideia concebida por pessoas isoladas nem dotadas de tal perspectiva a longo prazo. O que se pode colocar como evidente é que

O processo civilizador nada mais é do que o problema geral de mudanças históricas. Tomada como um todo, essa mudança não foi ‘racionalmente’ planejada, mas tão pouco se reduziu ao aparecimento e desaparecimento aleatórios de modelos desordenados (ELIAS, 1993, p. 194).

Uma peculiar estabilidade do aparato do autocontrole mental emerge como traço decisivo, uma vez que a expressão dos sentimentos já não pode mais ser saboreada sem ressalvas ou sem reflexão sobre suas possíveis consequências. Isso porque, embutida nos hábitos de todo ser humano *civilizado*, mantém-se, da maneira mais estreita possível, uma relação entre a monopolização da força física e a crescente estabilidade dos órgãos centrais da sociedade. Mas, se, por um lado, ao monopolizar-se essa força física, reduz-se o medo que o homem tem do outro, por outras certas possibilidades de descarga emocional, através da imposição do medo e do terror, são restringidas e, de modo específico, atingem a satisfação do prazer.

Nesse sentido, Elias e Dunning (1992, p. 125) observam que, apesar de todo esse aparato de controle imposto pela sociedade, ela segue com a tendência para experimentação de fortes emoções, mesmo

que sejam de caráter não duradouro, mimético (o termo não está sendo utilizado em seu sentido literal, de imitativo). De certa maneira, na teoria elisiana, o termo *mimético* é usado num sentido específico, podendo ser aplicado em referência à “[...] relação entre os sentimentos miméticos e as situações sérias específicas da vida”. O que pode ocorrer em situações sérias da vida é que os indivíduos venham a perder o controle e se tornem um perigo para si mesmo ou para os outros ao seu redor. Na excitação mimética, essas coisas podem não acontecer, porque ela segue numa perspectiva social e individual, desprovida de perigo, e pode ter um efeito catártico, possibilitando aos indivíduos experimentarem a explosão de emoções em público, um tipo de excitação que não coloca em risco a ordem social determinada, diferentemente do que ocorre nas situações sérias da vida.

Por isso a excitação que as pessoas buscam no lazer pode ser interpretada como única. Em geral, ela acontece de maneira agradável, encontrando-se nas sociedades contemporâneas vários fatores que podem levar à excitação, entre eles o esporte. Nosso interesse é discutir sobre a excitação e o prazer que os atletas sentem em praticar, especificamente, corridas de longa distância, tendo em vista que eles fazem desses encontros um espaço propício para deixarem extrapolar suas emoções sem constrangimento, ressentimentos e culpabilidades. Adriana diz: “O atletismo é uma coisa prazerosa, porque me ajuda a relaxar”.

Nem sempre isso acontece sem que o corpo passe por sofrimentos e dores, mas também não se pode negar que esses sofrimentos e essas dores provocam prazer e excitação nos sujeitos-atletas. Observamos esse tipo de sofrimento durante um desafio de seis horas realizado em Natal/RN. Correr seis horas praticamente ininterruptas, parando apenas algumas vezes, rapidamente, para hidratação não foi uma tarefa das mais simples: exigiu toda uma preparação física e psicológica adequada, que, segundo os atletas, foi feita por eles mesmos, pois não dispunham de psicólogo nem de boa alimentação. O desafio começou às 10h da manhã e terminou às 16h, sob uma temperatura bastante alta. Mesmo assim, os participantes se mantiveram motivados a ir até o final da corrida.

Depois de duas horas de corrida, os corpos pareciam não estar em seu estado normal, mas, nos comentários de alguns dos atletas que vinham hidratar-se na tenda montada para dar-lhes apoio durante o desafio, não havia sinais de desistência. Eles seguiam a máxima de que “persistir é preciso”.

Mesmo sabendo do risco de morte que havia, segundo Josenaldo, as pessoas traçam objetivos como, por exemplo: “terminar a prova, conseguir terminar as seis horas correndo”. Muitos colocam a superação de si mesmos em primeiro plano, esquecendo os outros como adversários.

Josenaldo e Sheyla¹ fizeram, respectivamente, os comentários seguintes:

Eu penso assim: eu acho que esse desafio... muita gente vai para buscar a própria superação, tentar superar os seus limites [...] Essa maratona, ali, para ele, é uma boa, mas é uma prova muito desgastante. Pois é bom ir com precaução, para não sobrecarregar demais. É uma prova muito desgastante, principalmente pelo horário que elas são realizadas.

Superação... passa tudo no início da prova. Você começa a correr, você tá bem. Quando passa assim... três horas, a partir dali você já sente o cansaço, porque é visível, né? Você pensa assim: ‘Meu Deus! ainda falta a metade!’ Dá um desespero [risos]. Aí, conforme vai passando o tempo, tem as prévias, eles [os árbitros] vão falando de hora em hora. Aí, você... o pessoal desistindo de um lado, dá vontade de você desistir também. Porque você vê: Fulano já foi, então chega a minha hora também?. Mas, por outro lado, vem aquele que aparece [sopra] no seu ouvido: ‘Poxa! [risos] você pode, você não é tão pequeno. Tem que ir até o final, entendeu?!’.

1 Atletas entrevistados.

Estamos diante de uma prática em que, mesmo reforçando-se o espírito de *performance*, a competição de cada corredor acontece consigo próprio, faz com que ele afirme seu ego autoconstrutor e triunfe em relação a si mesmo. Essa vitória é o objetivo principal. Essa busca da superação de si mesmo, tão bem ressaltada pelos atletas, confirma o esporte como uma atividade dominada pela procura do prazer, da excitação e da experiência consigo mesmo.

Mesmo havendo premiação em dinheiro, esta não foi muito significativa, em relação ao prazer do desafio a si mesmo, para alguns atletas realizarem a prova e conseguirem chegar até o final. Diz a atleta Sheyla:

Eu cheguei a ganhar. Ganhei, mas é pouco. Cheguei em terceiro lugar, ganhei R\$ 150,00. Não é pelo dinheiro, jamais, porque não vale a pena: perdi todas as unhas [risos], estraguei os meus tênis, perdi o dia de sábado.

A quantia ganha pela atleta não dava para ela comprar um tênis adequado para esse tipo de corrida. Ela foi uma das que, mesmo chegando ao final da corrida, teve que passar por situações incompreensíveis por quem assiste. Os próprios familiares dos atletas que estavam vendo a prova achavam aquilo uma loucura. Mas os atletas acham que tudo isso vale a pena, como enfatiza Sheyla:

Pra quem olha, fecha os olhos. Mas, para mim, eu ganhei, foi um desafio que eu consegui, foi um desafio mesmo. A palavra já diz tudo: a prova é um 'desafio'. Foi dura, foi dureza, mas 'eu vou conseguir! eu vou conseguir!' Mas foi muito sofrido. Quando acabou a prova, dever cumprido.

Essa atleta chamou nossa atenção devido ao fato de, na última hora do desafio, quando parecia que ela não mais conseguiria correr (perdeu as unhas dos pés, além de ficar com calos e bolhas, conforme suas palavras acima), ter tirado os tênis e passado a correr descalça, para não desistir. Foi uma cena emblemática, numa pista de terra batida,

toda esburacada, com poucas condições de uso. No final do desafio, ao perguntarmos se ela não tinha sentido vontade de desistir, Sheyla afirmou que “sim”, mas que não pudera, pois o prazer de “conseguir terminar mais uma corrida é maior que o cansaço”.

Outras cenas vistas após a corrida marcam bem o que é, para alguns, correr seis horas, de maneira ininterrupta. Viam-se cenas de vômito, de choro – provocado pelo cansaço –, corpos caídos no gramado do campo de futebol. Muitos eram socorridos pelos amigos e familiares, pois assistência médica não existia. Além das pernas bambas, incapazes de sustentar o corpo, das câimbras e das dores musculares, os sujeitos-atletas estavam, com certeza, desidratados, pelo esforço despendido durante a corrida.

Nesse desafio parecia haver algo, além da premiação financeira, movendo esses atletas, que corriam sem público para assistir, a não ser alguns familiares e alguns amigos ajudando na hidratação, de vez em quando dando massagem e incentivando-os a ir até o final da prova; algumas dessas pessoas pediam aos que estavam fora da premiação que parassem. A maioria dos atletas, mesmo sabendo da impossibilidade de ganhar a corrida e da pequena premiação em dinheiro oferecida pelo patrocinador, não desistiu e foi até o final. A lógica da premiação ocorria de outra maneira: na satisfação de terminar a corrida e no prazer em *desafiar-se, como ouvimos de alguns atletas*.

Observamos, por exemplo, que Francimário², o vencedor da prova, destacou-se entre todos, porque não parou em nenhum momento: fez a hidratação sem parar, na tenda de apoio.

Durante a corrida, poucos desistiram definitivamente. Estes afirmaram que não queriam “ultrapassar o limite”, pois consideravam a corrida como “um treino, um longão”. Mas o vencedor do desafio, Francimário, ultrapassou seu limite: ele esqueceu o perigo de morte ou danos consideráveis para sua saúde, já que, durante as seis horas, como

2 Atleta entrevistado.

vimos anteriormente, não parou em nenhum momento para fazer uma reposição alimentar correta. Diz ele:

Eu ultrapassei o limite, porque foi 6 horas de prova e eu fiquei ali aguentando, aguentando [...] e veio o psicológico pra eu parar, e eu tava com muita vontade de conseguir o 1º lugar e não parei não. Agora, ali, eu passei do meu limite mesmo. Passei [do limite] e eu fiquei brigando comigo, ali, meu corpo querendo parar, minha mente querendo parar, e eu não deixando. Pronto, ali eu [estava] no limite no desafio... [...] Não, eu acho perigoso, mas só que eu tava fazendo, só que eu tava sentindo bem, num tava pra desmaiar, pra cair, não tava com aquele negócio de passar mal não, entendeu? tava com o corpo só suportando, mas se mexer, o corpo não tava querendo se mexer não.

Na ânsia de ganhar ou de terminar uma prova de longa distância como aquela, ele esqueceu que o corpo tem seus limites fisiológicos, biológicos e químicos. Usou toda a capacidade de suportar dor para realizar uma proeza que lhe poderia custar muito caro, talvez mesmo a perda da vida. Esses atos praticados no esporte podem ser percebidos como expressões irrefletidas, como proezas notáveis.

Para Sheyla, o atletismo, a corrida, “é uma coisa!... é uma adrenalina!... Mexe com muita coisa!”. O mexer com muita coisa é o que fez essa atleta correr a última hora de uma prova descalça, como vimos anteriormente. A compensação é terminar, é ir até o final, provar a emoção de correr e desafiar-se, seja num desafio de seis horas ou numa meia maratona. Ela diz: “[Estar lá] correndo – me arrepio todinha! – é uma coisa que mexe comigo, entendeu? Então eu gosto muito”.

Essa adrenalina que os atletas afirmam sentir quando correm nos faz lembrar de Deleuze e Guattari (1996, p. 9) quando trazem a ideia do que venha a ser um *Corpo sem Órgão*. Para os autores, o CsO³³ “Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de

3 Sigla do Corpo sem órgão.

práticas. Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite”. São esses corpos que desfilam por aí, seja costurados, seja vitrificados, dançarinos – e por que não incluir os corredores de longa distância? –, muitas vezes, plenos de alegria e de êxtase! Vive-se na necessidade constante de encontrar o CsO, e saber “[...] fazê-lo é uma questão de vida e de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 11).

Esse corpo é construído de tal maneira que só as intensidades interessam, mesmo que sejam passageiras, como observamos nos atletas. Ele cria de forma diferente suas ações e as condições de vivenciá-las. Vejamos o exemplo do corpo do masoquista:

O que é certo é que o masoquista fez para si um CsO em tais condições que este, desde então, só pode ser povoado por intensidades de dor, *ondas doloríferas*. É falso dizer que o masoquista busca a dor, mas não menos falso é dizer que ele busca o prazer de uma forma particularmente suspensiva ou desviada. Ele busca um CsO, mas de tal tipo que ele só poderá ser preenchido, percorrido pela dor, em virtude das próprias condições em que foi constituído (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 12).

Ao falarem dessa adrenalina que o esporte proporciona, mesmo com o cansaço que ele provoca, as dores, os atletas o fazem entre risos e com um ar de emoção que só o prazer pode justificar. Para um deles, Eudésio⁴⁴, o atletismo não é um esporte que traz “sacrifício. Isso é uma alegria, bicho!”. Continua ele: “Pra quem não sabe o que é isso, pra quem não tá acostumado... ‘Porra! você é louco!’. Ó loucura boa!... é um prazer!...”. Os atletas demonstram que praticar atletismo, corridas de longa distância, não só exige esforço físico, representa, para eles, um encontro consigo mesmos, uma superação saudável e prazerosa.

Esse prazer não se desliga do desejo; é aliviado na

44 Atleta entrevistado.

[...] alegria imanente do desejo, como se ele se preenchesse de si mesmo e de suas contemplações, fato que não implica falta alguma, impossibilidade alguma, que não se equipara e que também não se mede pelo prazer, posto que é esta alegria que distribuirá as intensidades de prazer e impedirá que sejam penetradas de angústia, de vergonha, de culpa (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 16).

Há, portanto, atletas que encontram na prática do esporte momentos que eles afirmam ser de pleno prazer, nos quais o desejo é aliviado. Muitas vezes, eles terminam a corrida cansados, alguns estropiados, pés calejados, cheios de dores, ou até vomitando. Eles experimentam o que os autores citados chamam de positividade do desejo, na qual a junção desejo-prazer não pode ser reduzida a nenhuma lei. Isso só se torna possível através da “lei da descarga”. É importante ressaltar que os atletas não se culpam, não reclamam das “torturas” que precisam passar para estar no esporte.

O CsO precisa, portanto, ser construído. Isso não significa que não tenhamos um, nem que estejamos afirmando que ele preexistia, mas, de qualquer maneira, estamos sempre construindo um, pois, se essa construção não acontecesse, não poderia haver o desejo. O “CsO é desejo, é ele e por ele que se deseja” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p.16). O CsO revela-se pelo que é, por suas conexões com outros CsOs, num ininterrupto *continuum* de intensidades. Segundo Deleuze e Guattari (1996, p. 13),

[...] o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Nada a ver com um fantasma, nada a interpretar. O CsO faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num *spatium* ele mesmo intensivo, não extenso.

Tais intensidades constroem um CsO na figura de um corpo drogado, que busca seu prazer nas drogas, fazendo-as seu alimento. Os atletas parecem buscar no esporte essa droga que lhes falta e que, quando é obtida, lhes serve de alimento para um corpo que precisa ser

preenchido, saciado. Para Eudésio, praticar esporte, atletismo, é drogar-se. Ele se considera um viciado: “É um vício [...] é uma coisa que você sente falta se você parar um dia [...] É endorfina, anestesia”. Batista também afirma que, quando passa um dia sem treinar, sente falta. Ele precisa “dessa anestesia, dessa morfina, dessa endorfina. O corpo fica viciado”.

A construção de um CsO é muito arriscada: exige cálculo, muita prudência, sem se abrir mão de um certo rigor. No fundo, essa construção poderá nunca acontecer por completo. Faz-se, pois, necessário compreender-se seu limite, para se ter alguma chance de realizá-la.

Observamos nesses atletas a busca permanente da experimentação do corpo na atividade esportiva, vivenciada de uma maneira que lhes é favorável, sem que eles deixem de lado as intensidades.

Essas intensidades fazem com que as dores corporais, no esporte, pelo que observamos, sejam uma constante. Muitos daqueles com quem tivemos oportunidade de conviver, de conversar, já sentiram dor ou continuam sentindo no seu dia a dia, tendo que conviver com ela, de alguma maneira, para não terem de abrir mão de continuar treinando e participando das corridas. Cada um, a seu modo, acha um significado para a dor. Ela se manifesta de maneira evidente na relação que os sujeitos-atletas constroem para poder suportá-la. As formas de senti-la e de expressá-la não se depreendem dos códigos criados culturalmente, a partir dos significados que lhes são conferidos pela coletividade ou pelo individual, que sancionam, de certo modo, as formas como ela se manifesta. Embora singular para quem a sente e convive com ela, podemos afirmar que a dor se insere num universo de referências simbólicas e imaginárias, configurando um fato cultural importante para atletas de corridas de longa distância.

O sofrimento e a dor que o corpo sofre durante a prática do esporte são entendidos como positivos. Os atletas encontram no sofrimento e na dor um desafio a mais, transformando dor em prazer e passando, muitas vezes, por situações extremas, como comentam respectivamente, Josealdo e Sheyla:

Eu acho que é importante você saber conviver com a dor, porque ali é uma dor de um esforço físico, então não é aquela coisa de machucado. Então, eu acho que todo atleta tem aqueles momentos de dores. Às vezes os excessos de trabalho, às vezes o esforço físico você sente.

A dor é uma constante em qualquer corredor. Se tiver treinando bem ele tá sentindo alguma coisa. Não quer dizer que tenha alguma coisa errado não, é porque é comum mesmo. É convivência: vai ter que aprender a conviver com a dor, né?

A dor que os atletas sentem ao praticar esporte deve ser compreendida como uma experiência que faz parte de uma construção subjetiva. Embora singular para quem a sente, como qualquer experiência humana traz a possibilidade de ser compartilhada, em seu significado, numa realidade coletiva – ainda mais quando estamos falando de atletas que estão sempre se refazendo no coletivo, mesmo que possuam interesses individuais na prática desse esporte. Os momentos de dor e de cansaço são sempre compartilhados com os outros, quer seja apenas para desabafar quer seja para receber algum conforto. A dor ultrapassa o fenômeno neurofisiológico: admite-se, cada vez mais, que, além dos componentes neurofisiológicos e psíquicos, existam os componentes sociais, que vão definir como se deve sentir e deixar transfigurar isso para os outros.

Para alguns atletas, a dor tem um sentido de desafio e de superação, que os faz resistir a momentos difíceis durante os treinos e as corridas, como afirma Francimário:

Com as dores? Rapaz, eu não sei nem explicar a você como é isso aí. Porque as pessoas quando vai fazer alguma coisa é porque suporta aquilo ali, entendeu? Pronto: você faz um treinamento forte hoje de noite, no outro dia eu não vou deixar de treinar, porque eu tô doído; aí eu vou e treino. Eu não vou deixar de terminar um trabalho: eu treino, mesmo estando doído. Finda você fazendo aquilo

ali, e faz com seu corpo. A força de vontade é tão grande que você supera aquele cansaço e aquela dor; supera tudo.

A dor, para esses atletas em geral, pode ser considerada, como afirma Durkheim (1989, p. 381), como uma fonte “[...] geradora de forças excepcionais”, pois é pela “[...] maneira que o homem enfrenta a dor que se manifesta melhor a sua grandeza”. A dor e o sacrifício do corpo parecem ser extremamente necessários para que o atleta prove sua capacidade no esporte, de estar se superando, mesmo diante dela. Com essa atitude de não recuar diante da dor, o atleta conquista sua singularidade, ao mesmo tempo que conquista seu espaço no esporte.

Evidentemente, Durkheim não realizou estudo a respeito da dor no campo esportivo, mas, sim, no religioso. Mas identificamos uma semelhança entre esses dois campos, nos quais a dor e o sacrifício do corpo estão sempre presentes. As dores impostas ao corpo na religião “[...] não são, pois, crueldades arbitrárias e estéreis; são escola necessária onde o homem se forma e se fortalece, onde adquire as qualidades do desinteresse e da resistência, sem as quais não existe religião” (DURKHEIM, 1989, p. 382). O sacrifício do corpo presente no campo religioso tem função de purificação, de tornar o corpo sagrado, sem pecado.

No atletismo, o que os atletas deixam transparecer diante da dor é que esta é necessária, já que a prática desse esporte não é fácil. A dor, sendo um componente sempre presente na vida do atleta, precisa ser relevada, ao mesmo tempo que é valorizada de forma positiva. Ela é sempre um obstáculo a mais a ser vencido.

Mas, segundo Durkheim (1989, p. 382-383), a dor não está presente só no ato religioso ou no esportivo; para o autor, ela existe em toda a sociedade e

[...] só é possível a esse preço. Mesmo exaltando as forças do homem, ela, muitas vezes, é rude para com os indivíduos: ela necessariamente exige sacrifícios perpétuos; ela ataca continuamente os

nostros apetites naturais precisamente porque ela nos leva acima de nós mesmos.

Isso nos faz considerar a dor como uma construção sociocultural que se insere no corpo como uma realidade que não existe fora dele, mas também ele não a antecede. O social não atua ou intervém sobre um corpo preexistente, conferindo-lhe significado; o social constrói o corpo a partir do significado que a este é atribuído. Nenhuma realidade humana prescinde de dimensão social, tampouco o corpo ou a dor. A singularidade da dor, como experiência social, atravessada por questões objetivas e subjetivas, torna-a um campo privilegiado para se pensar a relação entre o indivíduo, a sociedade e o esporte. As experiências vividas pelos indivíduos, seu modo de ser, de sentir ou de agir, referem-se constitutivamente à sociedade à qual pertencem, inclusive quando se trata do significado da dor como constituinte da experiência humana. Há, portanto, de um lado, o confronto do indivíduo com o social; de outro, o esporte, que conflui para o dado objetivo, ao mesmo que é subjetivado.

A dor, segundo essa concepção, ultrapassa qualquer ordem médica, tornando-se necessária para a prática do esporte. Passa pelo crivo da impossibilidade de se viver sem sentir dor. No caso dos atletas, o corpo esportivo é criado e significado de acordo com as regras sociais a eles concernentes. O biológico e o fisiológico, sendo dados universais no ser humano, em alguns espaços precisam ser criados, recriados e passar por adaptações, para que os corpos permaneçam e vivam suas experiências humanas e sociais.

A dor, como realidade social, é simbolizada, ainda, mediante os distintos lugares sociais dos indivíduos. Dentro de uma mesma sociedade, os indivíduos têm condições sociais diferenciadas, de acordo com as clivagens sociais, entre elas as de gênero, de classe e de etnia. Pode haver maior ou menor tolerância à dor, conforme aquilo que do indivíduo se espera, segundo seu lugar social.

Tal realidade é bem expressa por Sheyla ao afirmar que a dor é constante em sua vida de atleta:

As corridas de longa distância

Mas assim... durante a corrida que eu tô sentindo muita dor, às vezes eu choro durante a corrida – 'Nunca mais eu venho, nunca mais!' –. É aquela de desespero, né? É um sofrimento. E, quando acaba a corrida, que passa o sofrimento, já tô pensando na próxima corrida.

A dor, nos atletas, pode ser compreendida sob diversos ângulos. Vejamos o que comentam Josenaldo e André⁵, respectivamente:

Quando começava a aquecer, começava a sentir aquela dor no joelho. Então, eu parei um tempo, para me recuperar. E depois disso acabei ignorando a dor: achei que aquilo ali era só psicologicamente. Acho que às vezes você psicologicamente coloca aquilo na cabeça.

Lógico que não é uma dor que me impede de treinar. Se fosse uma dor que eu não tivesse como suportar, eu ia ter que ficar tomando remédio ou algum analgésico pra treinar. Eu não faria isso, é uma dor suportável.

O corpo é o lugar em que se inscreve cada gesto aprendido. Ao mesmo tempo que é internalizado, ele revela trechos da história da sociedade a que pertence. Mesmo submetido às normas, que o transformam constantemente, engendradas pelos costumes e pela ordem social, o corpo se revela em textos a serem lidos em quadro vivo, que essas mesmas regras sociais imprimem sobre ele.

Compreendemos, assim, que, ao se expressar em tempos e lugares diferentes, o corpo passa a representar não apenas aquilo que se revela biológico no homem, mas também as paixões, as sensibilidades, os saberes, marcas, trejeitos culturais, imposições, os prazeres, as excitações e etc. Isso não difere da construção da dor e do sacrifício do corpo realizados na prática esportiva.

5 Atletas entrevistados.

Levando em consideração os rastros e as marcas que o homem vai deixando no corpo, através de suas imensas e diversas manifestações culturais e das interações que ele estabelece com a natureza, podemos refletir sobre cada momento histórico específico a partir dos modos como os indivíduos tratam os seus e os outros corpos, modos que acabam, de certa maneira, forjando um determinado tipo de indivíduo, um determinado tipo de estrutura social. O esporte é uma dessas estruturas sociais que demarcam um momento histórico, com suas especificidades e valores, como ocorre, por exemplo, na construção do sofrimento e na dor corporal com que os atletas convivem no dia-a-dia ao praticarem o atletismo com o objetivo de poderem participar de corridas de longa distância, sem abrirem mão do prazer e da busca da felicidade, mesmo que para isso, tenham que sacrificar o corpo, como vimos, anteriormente, nos diversos discursos dos atletas.

Nesse sentido, Elias (1992) traz uma contribuição importante para a compreensão do esporte e do lazer, como momentos propícios a excitação, prazer e emoções, quando diz que as atividades miméticas quebram a rotina da vida cotidiana, geralmente controlada. A atividade mimética seria um passaporte para se sair da rotina, o que só no momento do lazer é possível. Este, sob o ponto de vista do autor, corresponderia a uma esfera da vida dos indivíduos, podendo oferecer a experimentação agradável das emoções, ao mesmo tempo que se constitui numa excitação direcionada para o divertimento, experimentada em público, compartilhada com outras pessoas, e com aprovação social.

Não podemos deixar de reconhecer que o lazer, com essa potencialidade que apresenta, não está cercado de normas sociais, tese sobre a qual já discorreremos no início deste capítulo.

É neste aspecto que Elias (1992, p. 49) faz uma observação importante a respeito do esporte como prática não violenta:

A emergência do desporto como uma forma de confronto físico relativamente não violento encontrava-se no essencial, relacionado com um

As corridas de longa distância

raro desenvolvimento da sociedade considerada sob a perspectiva global; os ciclos de violência abrandaram e os conflitos de interesse e de confiança eram resolvidos de um modo que permitia aos dois principais contendores pelo poder governamental solucionarem as suas diferenças por intermédio de processos inteiramente não violentos, e segundo regras concertadas que ambas as partes respeitavam.

Assim, mesmo o esporte contemporâneo sendo configurado por essas regras e normas, para que apareça como uma prática social aceitável ele também se estabelece como um modo de se descarregarem as tensões, os sentimentos gerados no dia-a-dia, empurrando os indivíduos para o autocontrole. Na contemporaneidade, o indivíduo tem certa tendência para refrear seus impulsos de excitação. Mesmo assim, existem espaços nos quais ela pode ser exercida. Não é mais o encontro religioso que proporciona o relaxamento, a excitação; no lazer, o relaxamento está noutros espaços, noutras experiências, experimentando-se outros tipos de emoções, novos tipos de excitação.

O esporte aparece como uma prática de lazer que permite a explosão de emoção nos sujeitos-atletas. Podemos observar esses momentos de explosão nas competições, com socos no ar, com gritos de "Cheguei! Cheguei!" Ao terminarem uma corrida, os atletas beijam o chão e agradecem ao céu com as mãos para o alto.

Na chegada das corridas, os assistentes também acompanham essas cenas de emoções. Em geral, muitos familiares acompanham as corridas, e também extravasam gritando "Valeu! Valeu!". Correm para o abraço e comemoram como se o atleta fosse um grande campeão. Arnóbio comenta que "todo mundo quer extravasar; o esporte é uma dessas maneiras".

Nesse sentido, chamamos a atenção para a possibilidade de se compreender o corpo – e seus diversos sentidos – levando em consideração a construção cultural que o envolve, já que cada sociedade se expressa diferentemente por meio de seus corpos e de diferentes

maneiras. Ao se pensar o corpo de maneira puramente biológica, especialmente no que diz respeito à dor, pode-se incorrer em erros, já que, nesse patrimônio universal, no qual a cultura escreveu, escreve e escreverá histórias diferentes, existe todo um arcabouço de construções de sentidos e significados para cada sociedade, elaborados ao longo do tempo, definindo o que é ser corpo e as diversas maneiras dele existir e se expressar:

Observando-se bem a exposição desses atletas a situações de cansaço, de esforço nas corridas, fica explicada a profunda satisfação que eles sentem e exteriorizam. Assis comenta, de maneira contundente, essa situação vivida no esporte: “Quem participa é sofrido, mas quem participa do atletismo não quer largar fácil”. Para Sheyla, “As pessoas que participam agora do atletismo é um povo apaixonado. Quem corre é apaixonado: é um esporte muito pobre, duro, é de quem gosta mesmo”.

Nos atletas, há um mecanismo permanente de busca de fortes emoções. Eles se saciam por um breve momento, para depois buscá-las novamente. Mal termina uma corrida, já estão pensando no próximo treino, na próxima competição.

Essa emoção tem forte identificação com os diversos grupos que se formam em plena contemporaneidade. O esporte é apenas um exemplo. Os atletas se unem não só para conviver nos momentos das corridas, mas também para vibrar e para compartilhar emoções, na tentativa de fugir da cotidianidade social, organizada e racionalizada em demasia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece-nos evidente que as atividades de lazer – sejam elas de caráter individual ou coletivo – desenvolvidas nas sociedades ditas complexas e civilizadas como a nossa têm passado por uma evolução no modo de ser, para poderem dar conta das novas formas de vida, para atenderem às necessidades emocionais, de excitação, de prazer, sentimentais, entre outras, dos indivíduos.

Com base nas falas dos atletas e no que observamos, podemos afirmar que o prazer da prática ou do espetáculo esportivo deve-se não ao descanso e ao relaxamento proporcionados por uma situação de lazer (entendida, no senso comum sociológico, como complementar e antitética em relação ao trabalho), mas à excitação e à tensão produzidas pelo enfrentamento individual ou coletivo de corpos, pela excitação agradável, a busca do êxtase, mesmo os atletas tendo que passar por momentos de sofrimento corporal, dores e cansaços.

Os atletas se revelaram apaixonados pelo atletismo. Foge-se, de alguma maneira, da norma e da utilidade, para se ganhar liberdade, autocriação e criatividade. Podemos compreender que, através do contexto evolutivo, cultural e histórico, o esporte – como fenômeno social que, na cultura de movimento e na motricidade humana, assume formas, sentidos e significados distintos: dependendo do local e do espaço no qual se desenvolve, adquire características próprias, provocando excitações e emoções variáveis, conforme os indivíduos e os grupos, nos quais a dor e o sacrifício do corpo também estão inseridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Prismas**. Crítica de la cultura y sociedad. Barcelona: Ariel, 1962.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

BRACHT, Valter **Sociologia política do esporte: uma introdução**: Vitória: UFES, 1997.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. (Coleção TRANS, v. 3).

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Tradução da versão inglesa Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. V.2

_____. **O processo civilizador**. Tradução da versão inglesa Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. V.1

_____. DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: _____. **Cinco lições de psicanálise**. Seleção de textos de Jayme Salomão. Tradução Durval Marcondes. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DO REMO NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX NA CIDADE DE NATAL

Maria Isabel Brandão de Souza Mendes

Centro de Memória do Esporte e da Educação Física

Silvana Vilodre Goellner

Hellyson Ribeiro Costa

Reconstruir o passado a partir do presente não é tarefa fácil, pois na sociedade do esquecimento, não raras vezes nos deparamos com o apagamento de memórias, ou melhor, de determinadas memórias, especialmente aquelas que não interessam à oficialidade do poder. Como qualquer prática social, a memória é um campo de disputa, de conflitos, de busca de significações e, por assim ser, aquilo que aconteceu um dia pode ser rememorado de modo diverso. Vale lembrar que não há neutralidade no rememorar e esse exercício, além de exigir uma mediação entre o passado e o presente, é influenciado, ainda, pela identidade de quem narra. Portanto, as questões étnicas, raciais, religiosas, etárias, de gênero, de posição social, de classe, de renda também importam naquilo que se rememora e naquilo que se esquece. Afinal, “entre aquilo que teve lugar um dia, em um tempo físico já transcorrido e irreversível e o que aconteceu, há uma mediação” (PESAVENTO, 2005) e essa não é ausente de subjetividade.

Essa afirmação marca nosso olhar sobre o fazer historiográfico que norteia essa pesquisa sobre os primórdios do remo na cidade de

Natal. Ao buscarmos suas memórias para reconstruir uma possível história dessa prática esportiva específica, cabe destacar que iremos nos contrapor a uma compreensão tradicional que defende somente a objetividade no processo de reconstrução de histórias. Como destaca Burke (1992, p. 15), “segundo o paradigma tradicional, a História é objetiva. A tarefa do historiador é apresentar aos leitores os fatos”, dizer como aconteceram de verdade.

Por não acreditarmos na verdade mas em verdades possíveis de serem narradas a partir daquilo que conseguimos reunir sobre o tema em análise, fundamentamos nossa pesquisa na busca de fontes primárias e secundárias que pudessem fornecer indícios sobre remo no final do século XIX e início do XX entendendo que essas fontes são produções humanas, portanto, passíveis de serem questionadas para delas extrair-lhes dizibilidades e visibilidades.

No âmbito da historiografia da Educação Física e do Esporte no Brasil, encontramos algumas pesquisas nas quais o remo foi tomado como objeto de análise. Destacam-se os trabalhos de Lucena (2001) e Melo (2000) sobre a cidade do Rio de Janeiro e Mazo e Frosi (2009) cuja atenção se dirige para a cidade de Porto Alegre. Essas pesquisas, de certo modo, contribuíram para que pudéssemos reconstruir as memórias do remo na capital do Rio Grande do Norte visto que possibilitaram entender que, no Brasil, o esporte integrou um conjunto de práticas e discursos que buscava modernizar o país e os sujeitos que nele habitavam.

Para o levantamento de fontes primárias pesquisamos o acervo do Instituto Histórico Geográfico e do Arquivo Público, este último com maior frequência e investimento, dado a ausência de fontes em outros locais destinados a preservação da da memória. Ainda assim, neste espaço encontramos somente o Jornal *A Republica*, que começou a ser publicado em 1889 e teve seu término em 1990.

Ao lermos algumas fontes secundárias, como livros e dissertações, que retratavam o período investigado, descobrimos a existência de uma Revista denominada “*Cigarra*” que foi publicada no Rio Grande

do Norte entre os anos de 1928 e 1930 cujas edições analisadas foram encontradas no Museu Câmara Cascudo.

A ausência de fontes mais específicas sobre o esporte e, mais detalhadamente, sobre o remo na cidade de Natal não foi um empecilho ao trabalho investigativo. Ao contrário, reconhecemos ser relevante investir na busca de fragmentos que pudessem, de alguma maneira, contribuir para a construção e preservação da memória individual e coletiva da cidade e do país. Fragmentos dos quais ecoam vozes, que dão vida aos corpos e que, pela sua existência, nos possibilitam conhecer as transformações políticas, econômicas, sociais e urbanas de uma época.

Os fragmentos que circulam nesse texto narram uma prática corporal específica do final do século XIX e início do XX, e, em grande medida, foram extraídos do Jornal *A República* e da Revista *Cigarra*. São eles que nos permitem visualizar um tempo que não vivemos mas que, pela presença da memória, nos é possível imaginar. E, assim, imaginamos o remo na cidade de Natal, suas significações, seus praticantes, a assistência, enfim, seu acontecer nesta cidade que, como qualquer outra capital do país, nesse tempo buscava se modernizar.

O jornal *A República*:

O jornal *A República* foi durante muito tempo o principal veículo de comunicação da Imprensa Oficial e tinha como objetivo defender os ideais republicanos, mesmo não sendo um jornal do governo. Além disso, surgiu das suas páginas o Diário Oficial que, em 1932, foi separado do jornal *A República*, ficando na circulação os dois jornais. Um com publicação de leis, decretos portarias e outros atos governamentais (Diário Oficial), e o outro com reportagens diversas (*A República*). Oficialmente, a Imprensa Oficial foi criada em 28 de janeiro de 1928, por ato do governador Juvenal Lamartine.

As imagens presentes no jornal *A República* relacionadas ao remo no início do século XX são muito raras, fato que se explica devido às dificuldades existentes na falta de tecnologia das máquinas fotográficas

e dos altos preços que eram cobrados para se obter essas imagens. Durante a pesquisa, apenas no ano de 1932 foram encontradas imagens diretamente relacionadas ao remo. A maioria das imagens presentes no jornal estava relacionada às autoridades da época ou aos anúncios e propagandas de serviços e produtos.

Durante as consultas realizadas em, várias de suas edições, identificamos registros da prática do remo na cidade desde o ano de 1897, data da primeira regata realizada no rio Potengi¹. Até a década de 1910, a maioria das regatas organizadas não se destinava a grupos de atletas profissionais, nem mesmo aos sócios de clubes oficiais. Dessa forma, as reportagens sobre esportes, em especial o remo só começaram a ganhar destaque na segunda década do século XX, período no qual surgiram os clubes esportivos, mais especificamente, os clubes náuticos.

Considerando-se que Natal no início do século XX era uma cidade pequena e com características de província, com uma população bem inferior às grandes cidades brasileiras da época, o remo surge não apenas como um fenômeno esportivo, mas também de ordem social, pois compunha o imaginário da modernidade. Segundo Marinho (2010), no final do século XIX apareceram as primeiras tentativas das elites locais de incutir o gosto pelos esportes. Nas suas palavras destaca que:

assim como os bailes e retretas, o esporte moderno exercia um papel pedagógico na cidade moderna. Ele tinha função de educar os corpos dos jovens, dotando-os de agilidade, competitividade, e energia, características consideradas virtuosas para o novo tempo industrial que se instalava no Brasil (p. 288)

1 (...) muitos escaleres cheios de espectadores estacionaram na ilha d'água; todos os trapiches estavam apilhados de curiosos e, no da Alfândega, vistosamente decorado e, onde postou-se a banda musical da Favrica de Tecidos, via-se, representado por mais de duzentas senhoras, o bello sexo natalense. (REGATA, A REPUBLICA, 1987 apud MARINHO, 2010).

Como opção de lazer e entretenimento ou carregando funções educativas, o esporte começou a figurar como um espaço de sociabilidade, o que demandou a criação de clubes e associações. Em 1900 foi criada o Velo Club, associação que promovia excursões e corridas de bicicleta; em 1909, o Sport Clube Natalense que oferecia diversas modalidades esportivas, com destaque para as corridas de cavalo e, em 1915, dois primeiros clubes náuticos: o Centro Náutico Potengy e Sport Club de Natal.

Na cidade do Rio de Janeiro (capital da República), em 1880, o remo já figurava nos jornais como uma prática de lazer que atingia grande popularidade. Direcionado à juventude carioca, foi considerado como o primeiro esporte que se tentou se organizar nacionalmente. No Rio de Janeiro, as regatas contribuíram ainda com a ocupação do espaço urbano carioca (LUCENA, 2001).

Segundo Melo (2000), no contexto de moralização e controle social do final do século XIX e início do XX, no Rio de Janeiro, o esporte servia como um substituto moderno e adequado para as práticas tradicionais da população. Era apresentado como possibilidade de substituir práticas consideradas sujas e de hábitos desregrados por outras reconhecidas como disciplinadas. Nesse cenário, o remo:

que se desenvolvia adaptado aos discursos de saúde, progresso e moralidade, ajustou-se plenamente a essa marca do projeto de modernização: a substituição e a destruição de práticas/espços sociais tradicionais (que passam a ser considerados ultrapassados, não-civilizados) por outros julgados "adequados", segundo o padrão que interessava às elites (MELO, 2000, p. 65).

No Rio Grande do Sul, a emergência do remo também estava relacionada à idéia da modernização e da civilidade. Além disso, estava fortemente marcada pelas representações étnicas que formaram o estado do Rio Grande do Sul tendo as primeiras associações de remo fundadas por teuto-brasileiros. Em 1888 foi fundada a primeira associação de remo da cidade, denominada *Ruder Club de Porto Alegre*, considerada

por Daut (1952) como a primeira associação de remo do Brasil. Em 1892 surge outra associação criada por imigrantes alemães: a *Ruden-Verein Germania*, cuja existência permitiu a organização da primeira liga esportiva do Rio Grande do Sul, denominada *Comitê de Regatas* (GOELLNER e MAZO, 2010).

A filiação étnica, no entanto, não impedia a circularidade dos atletas e praticantes de remos nas diferentes associações náuticas, principalmente, entre os alemães, portugueses e italianos.

Embora o Club Tamandaré tenha sido organizado pela iniciativa de luso-brasileiros, cujo primeiro presidente foi o luso brasileiro Gaspar de Azevedo, não restringia o ingresso de teuto-brasileiros que estavam descontentes com suas associações em razão da oficialização estatutária do idioma (dialeto) alemão (MAZO E FROSI, 2009, p. 62).

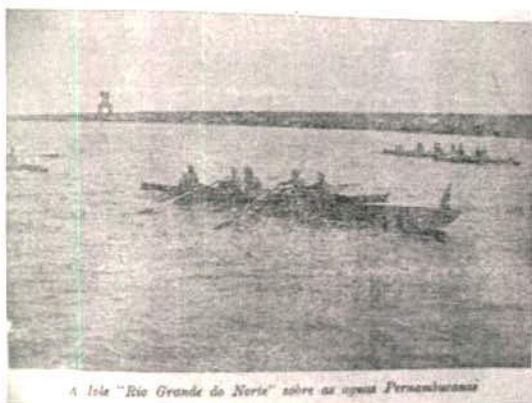
Se retornarmos à população potiguar, no início do século XX, uma forma de lazer existente situava-se no remo, seja para praticar ou assistir à beira do rio Potengi ou de barcos as regatas que eram disputadas pelos atletas. A população passou também a freqüentar festas que constantemente eram oferecidas pelos clubes náuticos, o que acabou por gerar uma admiração da sociedade diante dos corpos atléticos exibidos pelos remadores.

Os clubes náuticos traduziam-se, portanto, como espaços de sociabilidade na cidade potiguar. Para Lucena (2001), as cidades são o centro de manifestações político-culturais e provocam o aparecimento de configurações e interrelações diversas. As relações sociais nas cidades contribuíram com a constituição de grupos diversos advindos de interdependência mútua.

O jornal *A Republica* a partir da segunda década do século XX destaca em algumas de suas edições, notas e reportagens relacionadas ao remo, tais como convites para os treinos, convocação para assembléias nos clubes, cobranças das mensalidades referentes aos sócios dos clubes náuticos, convite e descrição das festas oferecidas pelos clubes, convites

Fragmentos da história do remo no final do século XIX e início do XX...

para as eleições de diretores dos clubes, notas esportivas de competições realizadas, propagandas de vestuário já relacionando às cores dos clubes existentes, além da apresentação dos estatutos dos clubes náuticos.



A *REPUBLICA*, 07 de Abril de 1932.

Para demonstrar esse destaque oferecido pelo jornal *A Republica*, ressaltaremos trechos de algumas reportagens, como por exemplo o que vemos a seguir:

Já é por demais conhecida a delicadeza da forte rapazeada do Centro e as suas festas, pelo muito que agradam, são tidas como um acontecimento do nosso meio esportivo (...) (*A REPUBLICA*, 1916).

Essas festas organizadas pelos clubes eram verdadeiras reuniões, onde principalmente a elite da cidade se encontrava para tratar de assuntos diversos, inclusive políticos. Além disso, era a oportunidade dos rapazes praticantes do remo desfilarem seus corpos, que passaram a ser muito admirados pelas moças e outros rapazes da época.

(...) Festas ruidosas, entusiásticas, onde a ostentação agradável da fortaleza d'uma mocidade sadia e pajante, casa-se bem com a alegria do

ambiente, as regatas constituem em todos os centros adiantados excelentes diversões (...) (A REPUBLICA, 1917).

Além das festas, as regatas eram também momentos das pessoas que assistiam enxergarem aquelas competições como instantes de entretenimento. Além disso, os discursos médico-higienistas, eugenistas, e os ideais de patriotismo que estavam presentes no contexto da cidade no início do século XX, influenciaram, sobretudo, os jovens, fossem eles espectadores ou praticantes do remo.

(...) Ninguém mais poderá negar o adiantamento a que atingiu o sport nautico natalense, graças sem duvida, á dedicação de seus cultores, que trabalham incessantemente em prol de seu desenvolvimento, e o que, felismente, vão conseguindo a passos rápidos (...) (A REPUBLICA, 1918)

Após a organização dos clubes náuticos o remo ficou claramente popular na cidade do Natal conquistando, a cada dia, mais espaço nas páginas do jornal *A Republica*, principalmente através da coluna Desporto, que trazia informações sobre o esporte na cidade.

Aproveitando a paixão que começava a florescer nas pessoas pelos seus clubes, surgiu no jornal os primeiros anúncios de vestuários que destacavam as cores dos clubes náuticos e de futebol. Percebemos, assim, os primeiros indícios da comercialização do esporte na cidade, caracterizando-se cada vez mais como um fenômeno social, que influenciava não só os praticantes de forma direta, mas todos aqueles que estavam envolvidos de alguma maneira no contexto esportivo do início do século XX. Destacamos esse fato no seguinte anúncio:

(...) Centro Nautico e A.B.C. Camisas de meia com listas pretas e brancas a CASA REIS recebeu e está vendendo barato (...) (A REPUBLICA, 1916).

Com a popularização do remo na cidade de Natal, novos usos do corpo e de vestimentas se espalham pelos espaços urbanos, de lazer, de competição e de comércio. Nesse sentido a cidade também pode ser

reconhecida como “um ambiente onde os homens passam a viver, a criar “lugares” e dar sentido a “espaços”. Também lhe permite uma quantidade e qualidade de ações inestimáveis (LUCENA, 2001, p. 21).

A revista *Cigarra* ...

O Rio Grande do Norte, influenciado também pelos ideais modernistas e regionais, apresentava-se no final do século XIX e início do XX como um espaço vivo de manifestações artístico-culturais. Nesse cenário social, a revista era um meio profícuo para o registro dos produtos culturais, das artes e das ideias do que era produzido no estado. Para o período de sua publicação, a revista *Cigarra* era considerada atual. Trazia a beleza e as problemáticas da terra local e de seu povo. Seus registros escritos e de imagens configurava um estilo de vida de província, misturada aos preceitos da modernidade do contexto político e cultural da época (COSTA, 2000).

A revista *Cigarra*, que também serviu de fonte para essa pesquisa, apresenta mais imagens com relação ao jornal *A Republica*, principalmente dos comportamentos da sociedade na época, seja no esporte, cultura, política e em outras situações sociais. Por doação do acervo do museu Câmara Cascudo, conseguimos cinco volumes do segundo ano de circulação da revista, ou seja, do ano de 1929.

Com relação à presença do remo nesses cinco volumes, encontramos apenas uma reportagem relacionada a este esporte, na coluna Esportes do volume 5. Apesar de poucas reportagens, a única que encontramos consegue apresentar os significados que tinha o remo e o esporte de uma forma geral no final da década de 20 para a sociedade potiguar. Conforme alguns fragmentos encontrados nessa reportagem:

{...} A vida esportiva constituirá, sem duvida, factor por excellencia de regeneração da raça, desde que a athlética possa assentar nas bases propriamente scientificas da verdadeira educação physica {...} (A CIGARRA, v.5, Ano II).

O fragmento acima reflete os olhares que existiam diante daqueles que pensavam o esporte da época. Onde o esporte servia de instrumento dos pensamentos eugenistas, a pureza de determinada raça estava representada pelo seu porte atlético e suas habilidades esportivas.

Os ideais eugênicos de regeneração e embranquecimento da raça faziam parte do imaginário brasileiro e foi influenciado pelas teorias raciais que vinham da Europa. A Eugenia primava pela necessidade de garantir a procriação e melhorar a geração existente. De acordo com Soares (2001), ao estudar a Educação Física no final do século XIX e início do XX no Brasil, o negro era considerado irracional, bárbaro, primitivo e inferior. Essa representação possibilitou a emergência de vários discursos em favor da Educação Física e do esporte como agentes potencializadores do fortalecimento da raça brasileira entendida, nesse contexto, como o fortalecimento das elites brancas (GOELLNER, 2008).

Nas páginas da revista *Cigarra* identificamos várias reportagens nas quais percebemos que, não somente a Educação Física foi influenciada pelo pensamento eugênico, com vistas a contribuir com a construção de um Brasil Novo, mas também os esportes, inclusive o remo.

Esses pensamentos eram reforçados pela elite da cidade, o que explica o grande interesse dessa classe na prática do remo e nos envolvimento com os clubes náuticos.

(...) As nossas sociedades de remo e futebol deveriam, dest'arte, transformar-se de lógo em poderosos reservatórios de energias acumuladas, em que fôsse o exercito da nação (...) [A CIGARRA, v.5, Ano II].

Neste excerto, ficam nítidos os ideais nacionalistas em voga pois os atletas são comparados a verdadeiros soldados guerreiros cujos treinamentos não tem apenas como objetivo as competições esportivas, e sim a representatividade da nação também na dimensão militar².

2 Essa mesma intenção pode ser identificada em uma reportagem publicada no Jornal A republica, na qual se lê: Aproximadamente duzentos jovens

Fragmentos da história do remo no final do século XIX e início do XX...

(...) Assim compreendida e melhormente praticada, a vida esportiva substituirá o vinco da imperfeição corpórea, a projectar-se sobre a propia nação, amesquinhando-se e deprimindo-a, pela moldagem esplendida e radiosa da beleza plástica, eterna harmonia de suas linhas e de suas formas (...) (A CIGARRA, v.5, Ano II).

Superar a imperfeição corporal fazia parte das metas dos médicos eugenistas e higienistas. O corpo perfeito era sinônimo de corpo são. Os cuidados corporais a partir de um padrão eram ditados pelos médicos, no sentido de aquisição de ordem, limpeza e disciplina (SOARES, 2001).

A concepção de corpo perfeito, competitivo, além dos ideais médico-higienistas caracterizam o surgimento do esporte na sociedade natalense nas quatro primeiras décadas do século XX, isso não quer dizer que nas décadas seguintes esse pensamento mudou de forma rápida.



3. ALEXANDRE FERREIRA - LAGOA DO SAO PAULO, de Sport Club, remo e competicao de remo, na praia de 2.500 metros, "Banca do Brasil"

CIGARRA, v.5, Ano II

O esporte integrou o cenário da Natal que se modernizava possibilitando o florescimento de mudanças nos hábitos da cidade. Seu acontecer nas ruas, parques, praças e clubes influenciou o modo de vestir, de falar, de prestar atenção às informações esportivas noticiadas pela imprensa local e nacional (Marinho, 2010). Além disso, promoveu uma nova estética não apenas do cenário urbano que se modificava em

natalenses dedicam-se a pratica dos sports maritimos, procuram patrioticamente tornar-se fortes, sadios, capazes de desempenhar uma missão grandiosa no dia que a Patria exigir delles esse esforço (A REPUBLICA, 19 set. 1916).

função de sua existência mas, também, no semblantes dos moradores que passaram a admirar uma “estética corporal na qual a rigidez dos músculos e a vitalidade dos jovens desportistas deveriam substituir a aparência franzina e a indulgência de tempos passados” (p. 301)

Os fragmentos da memória do remo encontrados no jornal *A Republica* e na *Revista Cigarra* caminham nessa direção. Indicam o quanto o esporte esteve vinculado à construção de uma representação de cidade moderna. Nesse sentido, como afirma Marinho (2010), os esportes (dentre eles, o remo) “foram um dos elementos compositores da modernidade natalense, agindo diretamente no cotidiano da população, alterando seu calendário social, seu gosto estético, e sua percepção de tempo e velocidade, ajudando os natalenses a se sentirem, enfim, modernos (p. 305).

Considerações Finais

O desafio de reconstruir a história do remo na cidade de Natal mostrou-se um grande desafio, principalmente, pela ausência de fontes primárias que pudessem fornecer dados mais precisos sobre sua estruturação e desenvolvimento. Ainda assim, os poucos fragmentos identificados no processo de pesquisa nos acervos contribuíram para trazer à luz alguns documentos que estavam esquecidos nas prateleiras, muitas vezes, em precárias condições de conservação.

A análise destes fragmentos possibilitou o reconhecimento de traços em comum em relação a outras cidades brasileiras tais como Rio de Janeiro e Porto Alegre e, também, algumas singularidades. De certo modo é possível afirmar que em Natal o remo (e os esportes em geral) estava fortemente relacionado à edificação de uma nova representação da cidade: a cidade moderna. Representação essa que se fez presente em várias cidades brasileiras a partir do último quartel do século XIX, período no qual se dá um:

aumento da presença social do esporte, do número de modalidades e o estabelecimento de novos sentidos e significados para a prática esportiva,

relacionados às mudanças na sociedade brasileira que ansiava se inserir na modernidade; o remo é o esporte símbolo desse novo momento (MELO, 2010, p. 15)

Enfim, como em várias outras cidades brasileiras, o esporte fazia soprar os ventos de modernidade que vingava no país, entretanto Natal era ainda considerada uma província. Razão pela qual, o remo era direcionado para uma elite branca e, gradativamente foi se popularizando. Não podemos deixar de esquecer que esse esporte também era reconhecido como fator de regeneração da raça, de práticas higiênicas, de fortalecimento da juventude, de formação moral e patriótica. Assim, os clubes náuticos, além de contribuir com essa intenção configuraram-se, também, como espaços de sociabilidade, de divertimento e de lazer.

As aproximações que fizemos nesse texto, mais do que narrar a história do remo na cidade de Natal, buscou extrair das sombras algumas de seus vestígios de forma a fazer aflorar memórias individuais e coletivas capazes de contribuir para pensarmos nas rupturas e continuidades no tempo presente o quem sem dúvida, aponta para a necessidade de novas investigações.

Referências

BURKE, P. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. IN: BURKE, P (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

COSTA, Maria Suely da. **O canto de Cigarra e outros cantos: revistas literárias do Rio Grande do Norte nos anos 20**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2000.

DAUT, José. **Brasileiro de cabelos loiros e olhos azuis**. Porto Alegre: Catos, 1952.

GOELLNER, Silvana Vilodre. "As mães fortes são aquelas que fazem uma raça forte": esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Recorde**: Revista de História do Esporte, vol.1. nº 1, s.p. 2008. Disponível em <<http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV1N1_2008_15.pdf>> Acesso em 28 jan2010.

GOELLNER, Silvana V. e MAZO, Janice Z. Esporte, cidade e modernidade: Porto Alegre. In: MELO, Victor A. (org.) **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 169-198.

JORNAL A REPUBLICA, Natal, 20 de Junho 1918.

_____. 19 de Março de 1917.

_____. 26 de Julho de 1916.

_____. 27 de Outubro de 1916.

_____. 07 de Abril de 1932.

LUCENA, R. **O Esporte na cidade**. Aspecto do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001.

MARINHO, Márcia. Silvana. Esporte, cidade e modernidade: Natal. In: MELO, Victor A. (org.) **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 285-306.

MAZO, J. Z.; FROSI, T. O. Em busca da identidade luso-brasileira no associativismo esportivo em Porto Alegre no princípio do século XX. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n.2, p. 57-72, jan. 2009.

MELO, V. A. As camadas populares e o remo no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX/XX. **Movimento**, v. 6, n. 12, 2000.

MELO, Victor A. (org.) **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

Fragmentos da história do remo no final do século XIX e início do XX...

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

REVISTA CIGARRA, Natal, Ano 11 – v. 5, 1929.

SOARES, C. L. **Educação física: raízes européias e Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2001.

DAS PRAIAS CARIOCAS AOS RIOS RECIFENSES: A institucionalização do remo no Rio de Janeiro e no Recife

Leone Severino do Nascimento

Centro de Memória do Esporte e da Educação Física

Joanna Lessa Fontes Silva

Centro de Memória do Esporte e da Educação Física

Introdução

Inicialmente é importante delimitarmos o objeto de estudo do presente trabalho. Podemos ver o remo sob três aspectos diferentes: o ato de remar, as corridas marítimas e o remo esportivizado, que diferem entre si na complexidade da ação e das relações desenvolvidas. O ato de remar consiste em utilizar um instrumento – o remo – e através dele aplicar uma força (sua própria força) de impulsão na água para deslocar uma embarcação, e tem origens bem antigas, pois nasce da necessidade do homem de deslocar-se ou deslocar objetos sobre as águas; o caso das corridas marítimas, partindo do mesmo princípio da utilização do remo, o objetivo é deslocar-se mais rápido que outro ou outros e consiste em disputas individuais ou coletivas que se caracterizam pela liberdade da organização na improvisação e na recreação; já no caso do remo esportivo, apesar do mesmo princípio físico do ato de remar e do objetivo ser o mesmo das corridas marítimas, a organização tem um maior

nível de complexidade e as relações desenvolvidas em torno da prática envolvem uma quantidade maior de pessoas (competidores, juízes, expectadores, etc.) e instituições (clubes, imprensa, governo, etc.).

Partindo desse olhar, nosso estudo teve como objeto principal o remo na sua forma esportivizada e, como objetivo, comparar o processo de institucionalização do remo no Rio de Janeiro e no Recife, analisando o papel desse esporte no contexto social da época e a influência da sociedade no desenvolvimento do esporte buscando as especificidades e as generalidades nas duas cidades.

Rio de Janeiro e Recife no século XIX: as sementes para o desenvolvimento dos esportes

Alguns autores ao tratar da história de diversas modalidades do esporte nacional partem da cidade do Rio de Janeiro no ano de 1808, o ano da chegada da Família Real Portuguesa no Brasil refugiada da guerra contra a França que ocorria na Europa. Isso acontece por toda importância desse acontecimento no contexto de início a um processo de modernização da cidade e importação de hábitos, dentre eles, os passatempos e divertimentos: os jogos e os esportes. Aqui, ao tratar do Rio de Janeiro – a capital da Corte e depois da República – nos baseamos nas obras de Victor Melo (2001) e de Ricardo Lucena (2001) que retrataram a formação do campo esportivo dessa cidade. Ambos apontam que esse “evento” em 1808 foi o principal desencadeador do processo de urbanização que passou a cidade do Rio de Janeiro e que, mais cedo ou mais tarde, se expandiria para outras cidades do Brasil. Principalmente a partir da segunda metade do século XIX é possível perceber o quanto o esporte torna-se parte integrante da vida social da cidade, primeiro com o turfe e depois com o remo. Todavia isso não é um evento isolado, mas sim, parte integrante de toda uma mudança no desenvolvimento das comunicações, comércio, transporte, cuidados sanitários e infraestrutura.

Esse impulso para modernização não parte simplesmente de uma vontade do povo brasileiro, mas também, e talvez principalmente, pela

influência dos imigrantes que passam a chegar a nosso país a partir do início do século XIX. Segundo Victor Melo (2001) a influência dos imigrantes foi de grande importância nesse processo de modernização, principalmente de franceses e ingleses (inicialmente) e italianos e alemães (ao longo do século). Além disso, *“os imigrantes também trouxeram o hábito e o desejo de estruturar clubes, organizar competições esportivas e até mesmo ensinar práticas ligadas às atividades físicas e esportivas”* (p.24). Os clubes (ou *clubs*, no termo em inglês), como diz Victor Melo (2007) são instituições geralmente particulares, criadas com forte influência estrangeira e mantidas pelo seu corpo de sócios, que realizavam as mais diversas atividades: recreativas, literárias, políticas, esportivas; e constituíam-se como local de encontro e distinção social das classes mais favorecidas, apenas no século XX abrindo espaço para as camadas mais populares e as mulheres. A participação estrangeira no início da prática esportiva e da organização dos primeiros clubes no Brasil é tão representativa que os primeiros registros na imprensa sobre atividades esportivas são de 1814, com a organização dos ingleses de corridas de cavalos na praia de Botafogo.

Trazendo para a realidade recifense, nos baseamos nas obras de Vanildo Bezerra Cavalcanti (1977), Antônio Joaquim Barbosa Vianna (1970) e nos jornais da época: Diário de Pernambuco, O Tempo e Jornal do Recife, para fundamentar nossa contextualização do período. A cidade do Recife passa por um primeiro momento de “urbanização” durante a estadia holandesa na região ainda durante o século XVII, mas como apontam os autores, apenas no século XIX (com destaque para o governador da província de Pernambuco Francisco do Rego Barros, que depois seria mais conhecido como Conde da Boa Vista) que Recife passaria realmente por uma urbanização mais sustentada. A transcrição presente na obra de Vanildo Bezerra Cavalcanti do relato de uma viagem de Roberto Lallemant em 1859 para o “norte” do Brasil nos traz um recorte da situação do Recife em meados do século XIX:

Pernambuco é uma cidade inteiramente comercial, embora conte apenas 100.000 habitantes, e seja inferior em população às cidades do Rio de Janeiro

e Bahia, desenvolve, entretanto, extraordinária atividade comercial, atingida, contudo, nos últimos anos, por uma série de influências de que se ressentem em geral o Brasil. A cidade velha, chamada simplesmente Recife, compõe-se dum caos de ruas estreitas, tortuosas, na maioria mal cheirosas, ladeadas, em parte, por casas de quatro andares. Nela ficam as casas comerciais mais importantes, a Alfândega, a bolsa, o Arsenal, etc. Os outros bairros da cidade apresentam boa e até bonita aparência, com muitas ruas largas e direitas, magníficas lojas e belas perspectivas, que certamente lembram mais a Europa do que qualquer outra cidade do Brasil. Ao longo das encantadoras lagunas e no meio da cidade, já começaram a desenvolver-se certa distinção e beleza nas casas e edifícios públicos recém construídos, que um dia farão desta cidade, que surge nas águas, uma das mais bonitas do mundo, que nada tem a invejar, nem mesmo de Hamburgo com sua magnífica bacia do Alster. De fato, a vista das diversas pontes para todos os lados, sobretudo para o norte onde pompeia a velha Olinda é indizivelmente bela. Com todos esses elementos, é Pernambuco a verdadeira cidade do futuro do Brasil. Diante de si o mar largo, cujas vagas se quebram contra os arrecifes e se elevam, fervendo, em espessas massas de espuma, ao longo das margens das docas naturais, e se curvam, entrando em linhas, maravilhosamente belas nas duplas lagunas da cidade [...]. O palácio do Presidente, em S. Antônio, é simples e bonito. Perto dele um belo teatro, situados ambos numa grande praça, quase rodeada de todos os lados pela laguna, e que poderá vir a ser maravilhosamente bela, se souberem aproveitá-la devidamente (trecho do relato do viajante Roberto Lallemant em 1859, CAVALCANTI, 1970, p.271,272).

Podemos considerar esse relato de viagem um pouco ufanista (apesar de Vanildo Bezerra Cavalcanti considerá-lo apenas sincero), e podemos também identificar algumas diferenças que se devem, provavelmente, as considerações sobre a organização territorial (bairro, cidade, província), como por exemplo, Recife é chamado no relato de

Pernambuco, que na verdade é o estado do qual Recife é a capital; outra diferença é que o bairro do Recife Antigo como conhecemos hoje, é chamado simplesmente de Recife. Muito provavelmente isso ocorre porque o Recife começava a se expandir e deixar a condição de Vila para abarcar outros pontos de território e torna-se uma cidade mais desenvolvida. Apesar dessas diferenças, não se deve de forma alguma desconsiderar o relato, e muito pelo contrário, considerá-lo uma importante fonte na visualização e contextualização do período que a cidade passa em meados do século XIX. A descrição além de destacar a expansão territorial e comercial da cidade e a aparência de seus bairros, já indica a importância das águas para o Recife, destacando que a beleza da cidade está relacionada e desenvolvida em torno delas, e por fim aponta, como que um “conselho”, para o bom aproveitamento dos seus rios como forma de desenvolvimento do Recife.

É a partir desse processo de desenvolvimento urbano e nas mudanças das relações sociais, que, assim como o Rio de Janeiro, também o Recife tem suas primeiras experimentações dos esportes náuticos.

Os primeiros passos do Remo no Rio de Janeiro e no Recife

A geografia do litoral carioca, como diz Victor Melo (2001), há muito poderia ter sido explorada para o desenvolvimento dos esportes náuticos. A demora nesse acontecimento ocorre porque no início do século XIX os mares eram simplesmente locais de despejo dos dejetos de toda a cidade. A desvalorização das águas cariocas era um aspecto marcante do processo social que a cidade vivia. Esse cenário passa a mudar ao longo do século, principalmente na segunda metade, pelo processo de urbanização e saneamento da cidade e pela busca da aproximação aos costumes europeus. Um dos mais fortes alicerces no processo de valorização dos espaços dos mares se dá pelas recomendações terapêuticas dos banhos de mar. Esses banhos de mar passam a ser fundamentados em “conhecimento científico” e tornam-se frequentes e recomendados como forma de “curar todos os males”.

As praias passam então, a ser um local de encontro social, apesar de todas as restrições quanto à vestimenta, ao pudor e ao convívio de homens e mulheres. Logo essas regiões, cada vez mais valorizadas, movimentam toda uma população, principalmente ligada ao comércio.

O aumento da aceitabilidade e da presença dos banhos de mar no cotidiano, mesmo que a princípio compreendidos somente como prática terapêutica, semearam boas condições para o desenvolvimento de uma nova sociabilidade nas praias, lançando as sementes para o desenvolvimento dos esportes náuticos na cidade (MELO, 2001, p.46).

Os primeiros momentos de institucionalização do remo no Estado do Rio de Janeiro foram em Niterói, e não na sede da Corte, com a criação do primeiro grupo de regatas um pouco mais estruturado: Mareantes, em 1851. Com envolvimento estrangeiro, e sem tanta organização, esse associação promoveu apenas um regata em 3 de dezembro, se desfazendo já em 1852. A criação de um grupo em Niterói pode ser vista de algumas formas: tanto refletindo as características de colonização e dos habitantes de Niterói; bem como imaginando que existia muita resistência a exposição corporal e ao vigor do exercício físico, na sede da Corte, deslocando desta forma essas atividades para locais mais afastados.

No Rio de Janeiro (sede da Corte) em 1862 surgem duas associações lideradas pelas elites da cidade: o grupo Regata e o *British Rowing Club*, que como o nome sugere tinha formação inglesa. Esses grupos tiveram vida efêmera, pois o remo ainda não estava bem consolidado no cotidiano da sociedade, embora pudéssemos considerar que "os primeiros passos já tinham sido dados" (MELO, 2001, p.52).

Já no caso recifense, pode-se dizer que a cidade tem em sua hidrografia um dos principais pilares que justificam o desenvolvimento de esportes náuticos, tanto pela sua vasta faixa litorânea banhada pelo mar, quanto pelos rios que cortam a cidade praticamente de ponta a ponta. Dentre esses rios, destacam-se o Capibaribe e o Beberibe. O mar,

no entanto, assim como acontecia em outras cidades, como no caso do Rio de Janeiro, tinha sua importância deslocada para o segundo plano e frequentemente servia para o despejo de dejetos. Se no caso do Rio de Janeiro a urbanização da cidade muda a configuração da utilização do mar, no Recife isso não acontece na mesma proporção. No caso do Recife, durante praticamente todo o século XIX, o mar continua em segundo plano, e os rios sim, mantêm sua fundamental importância no transporte de pessoas, de materiais e na ligação de pontos da cidade. As “praias de rio” tornam-se uma atração na vida social da cidade do Recife.

É na utilização desses espaços fluviais para ocupação de tempo livre que provavelmente ocorreram às primeiras experimentações do remo esportivizado no Recife, tanto pelas pessoas comuns que frequentavam os rios e mares pelas mais diversas razões, como pelos profissionais da marinha, que tinham no ato de remar sua função no trabalho, mas que na busca de divertimento transformaram-no em disputa. Isso pode ser visto numa descrição, feita por Mário Sette em 1870, de uma “regata inesperada” justamente entre esses personagens em um dia normal de trabalho, quando sem nada preparado (pavilhões, raias marcadas, bandas tocando para animar o público que assistia, que também não existia) dois rapazes: José Pires e Vicente Ferreira resolvem apostar quem tem a embarcação mais veloz. Ao vencedor, os aplausos e um pouco mais, porque ao vencido, o compromisso de pagar 200\$000 e entregar seu escaler (embarcação). Logo surge um juiz, se junta uma boa assistência para acompanhar e vibrar com seu remador preferido, e é determinada a distância a percorrer. E como finaliza Mario Sette: “*Quinze minutos de ida e volta. Vicente Ferreira ganhara aposta. O seu escaler era realmente a fléxa do pôrto*” (p.8).

Apesar de não ser possível precisar desde quando essas práticas tornaram-se comuns na cidade do Recife, podemos afirmar que o ano de 1885 é o marco do início da organização e da institucionalização do remo em Pernambuco, mais especificamente na cidade do Recife. A fundação do *Club* de Regatas Pernambucano em 12 de abril de 1885 além de ser ponto de referência desse marco, certifica a intenção de

jovens recifenses de organizar o que até então era praticado de forma improvisada e recreativa. A nota do dia 07 de abril de 1885 no jornal Diário de Pernambuco já registrava a intenção dos pernambucanos de seguir os passos cariocas na organização do remo e apresentava os pilares de fundação do *Club de Regatas Pernambucano*:

Club de Regatas - Comunicam-nos:

Alguns moços residentes nesta capital tiveram a feliz idea que vão per em execução, de organizar - Um Club de Regatas - para proporcionar aos seus associados e ao publico um divertimento novo e digno de apreço. Querem seguir á risca o plano de um existente no Rio, sob a denominação de Club de Regatas Guanabara, e para isso pretendem preparam archi-bancadas, casas de poule, coretos, prêmios, pareos de senhoras, etc. [...] (Diário de Pernambuco, 07/04/1885).

Em 12 de julho do mesmo ano, apenas e exatamente três meses após a fundação, o *Club de Regatas Pernambucano* organiza a sua primeira regata. A repercussão na imprensa desta novidade foi muito positiva, com efusivos elogios aos seus organizadores, simpatia e votos de sucesso em eventos futuros, como pode ser visto nos trechos das notas dos jornais do dia 14 de julho, que diziam:

Club de Regatas Pernambucano - Apesar do máo tempo que fez ante-hontem à tarde, pois que frequentes ainda que pequenos aguaceiros cahiram sobre a cidade, esteve magnífica a festa inaugural do Club de Regatas, festa da qual devem guardar gratas recordações todos quanto assistiram-n'a. [...]. Na archibancada do caes do Capibaribe era immensa a multidão de pessoas de todas as classes, distinguindo-se as principaes autoridades da província e muitas outras pessoas elevadas do mundo político, litterario, scientifico e commercial. S. Exc. Sr. conselheiro presidente da província com sua Exma. Família [...] (Diário de Pernambuco, 14/07/1885).

Club de Regatas Pernambucano – Apesar do máo tempo que reinou em todo o dia de antehontem, esteve bonita a festa do Club de Regatas Pernambucano.

Immensa multidão correu a vel-a de uma a outra margem do rio Capibaribe, entre a ponte da Bôa-Vista e o Gasômetro, em que ella teve lugar.

Tambem no rio havia grande numero de embarcações cheias de gente.

Por toda a parte muita allegria e contentamento (Jornal do Recife, 14/07/1885).

Regata – assistimos antehontem, 12 do corrente, a primeira regata promovida pelo respectivo club.

Grande, e enorme foi a concorrência, de *espectadores de todas as classes; estando tambem presentes S. Exc. O Sr. conselheiro presidente da*

provincia e outras autoridades civis e militares. [...] Concluindo felicitamos os directores da festa, pela feliz lembrança e fazemos votos para que continuem a proporcionar para os habitantes d'esta cidade tão agradável diversão (O Tempo, 14/07/1885).

Essa regata, ao que parece, teve efeito immediato no movimento de desenvolvimento do remo em Recife. Apenas cinco dias após o evento do *Club de Regatas Pernambucano*, é fundado, em 17 de julho de 1885, o *Club de Regatas Ultramarino*, que um dia após a fundação muda o nome para *Club Internacional de Regatas*:

Club Internacional de Regatas – Esta sociedade que passou agora a denominar-se assim, em vez de *Club de Regatas Ultramarino*, por fazerem parte dela pessoas de diversas nacionalidades, reunio-se hontem estando presentes 48 socios, cujo numero eleva-se a 125. [...]

Foram ainda tomadas outras medidas inherentes a sociedade e levantada a sessão, sendo determinado que reunir-se-hiam outra vez quando fossem apresentados os estatutos (Jornal do Recife, 18/07/1885).

O *Club* Internacional de Regatas só viria a promover sua primeira regata cerca de um ano após sua fundação, justamente na comemoração desse aniversário. A regata foi em 18 de julho de 1886 e aconteceu num local diferente do utilizado pelo *Club* de Regatas Pernambucano (que utilizava a Bacia do Gasômetro) tendo ocorrido na Bacia de Santo Amaro, uma confluência dos principais rios do Recife, Capibaribe e Beberibe. Isso demonstra a extensão e as possibilidades oferecidas pelos rios da cidade para prática do remo.

Como pudemos verificar nas consultas aos jornais da época, nesse mesmo intervalo de tempo, o *Club* de Regatas Pernambucano se pôs em plena atividade e realizou sua segunda, terceira e quarta regatas em 25 de março, 16 de maio (em comemoração ao primeiro aniversário do clube) e 29 de junho de 1886 respectivamente. O Internacional viria a organizar outras regatas em 12 de setembro de 1886 e outras regatas já em 1887 e 1888.

Isso seria um indicativo de bastante atividade e sucesso para o remo no Recife, todavia, assim como no Rio de Janeiro, esse momento inicial das práticas do remo não seria a consolidação da modalidade na cidade.

Ao que parece, a “primeira fase” do remo organizado em Pernambuco termina com o fim das atividades náuticas do *Club* Internacional de Regatas em 1889, que passa a ser *Club* Internacional do Recife. Como afirma Matos (1985) em sua obra sobre o Centenário do Clube Internacional, a última regata promovida pelo clube se deu em 08 de setembro de 1888 na Bacia do Gasômetro, inclusive com participação e vitória de marinheiros franceses. E como diz o autor: “*Os bravos marinheiros franceses ganharam o páreo. Os recifenses perdiam, entretanto, muito mais: o Clube abandonava o remo*” (p.43). Matos destaca ainda trechos das atas de reuniões que registram o fim da prática do remo no clube:

O Sr. Presidente declarou que procedeu-se o leilão da arquibancada e botes deste Club, sendo que somente fora vendida a arquibancada e toldos

pelo máximo encontrado R\$492.980 sujeito a comissão do leiloeiro e despesas de annuncios e enquanto aos botes por duas vezes forão postos em leilão e não apareceu pretendentes (Reunião de 11/02/1889).

O Sr. Presidente declarou mais de que tem procurado dispor das embarcações até mesmo para outras províncias que já tem escrito e mandado oferecer vender, nada conseguiu, pedia pois que lembrassem um meio para dispor uma vez que... se estragando e toda demora seria prejudicial. Foi deliberado vender-se pelo preço que se encontrasse (Reunião de 08/04/1889).

O presidente declara que entregasse as embarcações por 200\$000 com exceção do escaler Pernambucano [...] (Reunião de 14/12/1891).

O autor diz ainda sobre o fim das atividades náuticas do clube em 1889 que *"A substituição do nome, o Clube de Regatas dando lugar ao Clube Internacional, não é mera preferência por rótulos. Traduz uma linha evolutiva. O social venceu o esportivo."* (p.42)

Vale salientar que nas duas cidades o remo "competia" em atenção, prestígio e público com outro esporte: o turfe, ou corrida de cavalos, termo largamente utilizado na época. No Rio de Janeiro o turfe já era uma atividade consolidada e que já havia vivido (e viveria em outros momentos) suas fases de altos e baixos. No Recife o turfe teria sua organização institucionalizada em 1859 com a criação do *Jockey Club* de Pernambuco, mas só viria a se consolidar no fim do século XIX, justamente nos primeiros momentos organizados do remo. Talvez nessa "concorrência" com o turfe esteja uma explicação para as dificuldades da consolidação do remo no Recife ainda no século XIX.

A relação do Remo com as Diferentes Classes Sociais

Com o objetivo de aproximar-se das representações europeias os membros da elite brasileira passam a participar, cada vez mais, das

atividades esportivas, primeiro com o turfe e mais tarde com o remo, fazendo dali um local de status, distinção e negócios (MELO, 2001). O esporte se torna parte da vida do homem "civilizado" (civilização referindo-se ao refinamento e controle das ações, diretamente relacionado às teorias de Norbert Elias) (LUCENA, 2001). A diferença é que a elite que participa ativamente no turfe é uma elite rural (fazendeiros, por exemplo) e mais ligada ao conservadorismo; enquanto no remo podemos dizer que a elite é mais urbana (engenheiros, médicos, por exemplo) e voltada para modernidade.

O turfe surge como primeiro esporte na capital. Tendo no cavalo o meio de transporte e valoroso componente militar. Além de símbolo de status, não é de causar espanto que o turfe tenha sido esse esporte pioneiro. No turfe, o *sportman* (literalmente o 'homem do esporte') é aquele que é dono do cavalo, que não participa diretamente da atividade e que mantém a imagem patriarcal na sociedade, onde a prática esportiva serve como "divertimento" próprio, pouco importando a participação e o prazer de terceiros (MELO, 2001). Enquanto isso, o remo surge como nova alternativa, trazendo novas características ao *sportman*, que dessa forma participa diretamente da prática esportiva, que tem nos próprios músculos o controle do seu sucesso e da sua saúde, que traz novos padrões de mostrar o corpo e que revigora os valores do homem no esporte (LUCENA, 2001).

No Rio de Janeiro, Victor Melo (2001) destaca a figura de Francisco Pereira Passos, engenheiro (e, portanto, parte da nova elite urbana) que ocupou importantes cargos políticos, inclusive o de prefeito do Distrito Federal, e que principalmente era amante do remo e ajudou muito o desenvolvimento desse esporte, pois para ele, o remo era componente do seu projeto de modernidade para a cidade do Rio de Janeiro. Ao lado de Rodrigues Alves, participou de importantes contribuições ao remo na forma de premiações, infraestrutura com a construção do Pavilhão de Regatas (local construído para abrigar os expectadores das regatas) e na concessão de um auxílio financeiro anual aos clubes. Recebeu por tudo isso o título de Presidente Honorário da Federação Brasileira de

Sociedades de Remo. Victor Melo (2001) faz esse destaque porque segundo ele, foi Pereira Passos “*que identificou que o esporte poderia ser eficaz estratégia para a difusão de imagens e a construção de um novo imaginário para a cidade*” (p.109).

No que concerne à participação das camadas populares no remo do Rio de Janeiro, Victor Melo (2001) analisa o processo de restrição e ‘distinção’ nos clubes de remo por meio de uma medida de controle de participação dos clubes mais populares e das camadas populares no esporte e nesse caso, no remo: a criação de entidade única que regulamentasse a prática dos vários clubes. A primeira iniciativa foi a União de Regatas Fluminense (1895) seguido pela União de Regatas (1897), Conselho Superior de Regatas (1900), e Federação Brasileira de Sociedades de Remo (1902). Essas iniciativas foram tomadas não com simples mudanças de nome, mas como o aprimoramento dos regulamentos, e com o aumento da abrangência de ação a entidade, primeiro no Rio de Janeiro e depois no Brasil inteiro (ainda que não tão bem alcançada) até o reconhecimento internacional como entidade do remo brasileiro em 1903, pela Federação Internacional de Sociedades de Remo.

Assim como ocorreu no Rio de Janeiro, também no Recife um novo setor da elite se envolveu nas primeiras experimentações organizadas do remo. O presidente do *Club* de Regatas Pernambucano foi o médico Dr. Antônio Joaquim de Barros Sobrinho, que entre outras atividades era membro do clube abolicionista chamado *Club* do Cupim. Entre outros clubes abolicionistas da época, este se diferencia porque em caso de necessidade poderia utilizar até de meios ilegais para libertar escravos, e por esse motivo, seus membros utilizavam pseudônimos, onde Barros Sobrinho, por exemplo, tornava-se “São Paulo”.

No caso do *Club* Internacional de Regatas o primeiro presidente foi Antônio João de Amorim (ao lado da figura de Alfredo Bartolomeu foi o fundador do clube), que em 1888 seria agraciado com o título de Barão de Casa Forte. No momento da fundação do Internacional era simplesmente um diplomata e um jovem representante da elite

recifense. Segundo Matos (1985), Antônio João de Amorim dirigiu o *Club Internacional* por treze vezes, e foi também, várias vezes presidente da Associação Comercial de Pernambuco. Sobre Antônio João de Amorim, o autor ainda resume sua história dizendo que:

Ex-mordomo da Santa Casa de Misericórdia, fundador do Clube Internacional, presidente da Associação Comercial (oito mandatos), homem de negócio e de sociedade, o Barão de Casa Forte é um personalidade a pedir estudo biográfico e a esperar – quem sabe – um busto no verde e belo jardim do Clube, no Benfica, na sede magnífica que não conheceu, mas, cujas raízes se devem ao seu trabalho generoso (p.21).

No que diz respeito ao envolvimento das classes populares no desenvolvimento do remo em Recife, não temos tanta fundamentação para avaliar o grau de participação da população mais necessitada nessa atividade. Todavia podemos julgar, por exemplo, que participar de um dos clubes de Recife não era para pessoas com poucos recursos, haja vista o alto preço da associação, compra de ingressos para as regatas e o preço das embarcações mais modernas. Uma nota interessante foi publicada no *Jornal do Recife* do dia 11 de julho de 1885, véspera da primeira regata do *Club de Regatas Pernambucano*. Não temos como julgar o sentido denotativo ou conotativo, mas a assinatura da nota sobre o pseudônimo de “Quebrados” merece destaque:

Nós, que somos uns verdadeiros Pindahybas, e que estamos morrendo de desejo por ver a regata desta sociedade, não podendo apanhar o sol ardente dos cães e não querendo ir para a patulén, porque nos incommoda o estarmos sentados nos escabrosos bancos de madeira e mesmo para que haja maior concurrencia, em beneficio do Club, rogamos aos seus generosos e honrados diretores que se dignem diminuir dez tostões nos preços das cadeiras. Se soubessem a falta que nos faz esta pingue quantia! anuiriam logo ao pedido dos *Quebrados* (*Jornal do Recife*, 11/07/1885).

A única forma de participação ativa da população mais carente nesse primeiro momento do remo era sendo profissional do remo, isto é, aqueles que tinham na atividade de remar sua função laboral. No início das práticas do remo, as regatas consistiam em disputas entre *amadores* e entre *profissionais*. Eram considerados amadores os sócios dos clubes e que de forma alguma recebiam remuneração pelas suas práticas com o remo; já os profissionais de forma alguma tinham o mesmo sentido que o termo é utilizado atualmente, sendo esse grupo constituído de pessoas que tinham suas atividades de trabalho relacionadas à prática de remar, ou seja, os pescadores, os catraieiros e principalmente os práticos da marinha (profissionais que ofereciam serviço auxiliar nas manobras de embarcações em locais costeiros). Vale salientar ainda, que esse amadorismo pelo não recebimento de dinheiro pela prática do remo, era muito mais no discurso do que na prática, haja vista que era permitido o recebimento de outros prêmios na forma de “presentes”. Na verdade tudo isso tinha o sentido de diferenciar o remo do turfe, que sempre fez uso da remuneração dos *jockeys* e da prática de apostas, que frequentemente terminavam em confusão pelas suspeitas de “armação de resultados” (MELO, 2007).

A relação do Remo com a Imprensa

No Rio de Janeiro, Victor Melo (2001) afirma que se deu rapidamente uma relação de comum convivência entre a imprensa e o esporte. Nos jornais vistos por ele: Gazeta de Notícias, O Paiz e Jornal do Brasil, revelam bem o espaço que o esporte ocupava nos jornais e a evolução dessa relação. Nos primeiros as notícias esportivas estavam dispersas no jornal; enquanto no último (já criado no fim do século XIX, onde o esporte já estava incorporado ao cotidiano carioca) o esporte tinha uma seção específica.

A institucionalização do remo traz uma nova relação entre a imprensa e o esporte. No início dessa relação, para a imprensa, o lucro com os anúncios, o aumento dos negócios e da vendagem; para os clubes

de turfe (e depois outros esportes, como o remo) praticamente a única forma de divulgação das atividades esportivas na cidade. Assim sendo, essa relação de negócio tornou-se cada vez mais estreita e fundamental. Todavia o alto número de tribofes (como eram chamadas as confusões geralmente causadas por problemas com as apostas e as acusações de resultados “comprados”) ocorridos nas corridas de cavalo tornou a relação dos clubes de turfe e da imprensa muito conturbada. Victor Melo (2001) afirma que *“no remo, contudo, o papel da imprensa foi menos crítico e, de alguma forma, esteve mais alinhado com os sentidos e significados que os dirigentes dos clubes e as elites em geral procuravam propagar”* (p.197).

Além dos meios já existentes de divulgação (jornais e periódicos dedicados quase que exclusivamente ao turfe), novos periódicos foram criados específicos para o remo: O Remo (1899/1900), Sport Náutico (1902) e A Canoagem (1903), sendo que esses dois últimos tiveram com subtítulo: Orgam Oficial da Federação Brasileira de Sociedades de Remo.

A relação era íntima ao ponto de alguns eventos levarem o nome e serem patrocinados por órgãos de imprensa. Isso levou a discussões internas dos clubes de remo, pela preocupação com o caráter amador da prática, que na verdade como já dissemos, ficava mais no discurso do que na prática.

Todavia, assim como no turfe, também no remo a relação era imprescindível para ambos e, pelo que o autor deixa a entender, principalmente para os clubes, que já sabiam perfeitamente o poder de influência que a imprensa exercia sobre a sociedade naquele período, assim como nos dias de hoje.

No Recife, segundo Barbosa Vianna (1970) no fim do século XIX existiam seis jornais da manhã (Diário de Pernambuco, Jornal do Recife, A Província, Jornal do Comércio de Pernambuco, Estado de Pernambuco e A concentração) e dois jornais da tarde (Gazeta da Tarde e Jornal Pequeno) para uma população de 190.000 habitantes. Outros periódicos também foram identificados em nossa pesquisa, ligados diretamente ao esporte ou não, como O Sport, O Sportman, Sportsman,

Lanterna Mágica, entre outros. Em todos os periódicos as notícias encontradas eram referentes ao turfe. Nesse momento a influência do turfe era tão grande que o termo *Sport* foi utilizado pela primeira vez nos jornais da cidade em 1888 para dar notícias sobre as corridas de cavalos, e já no ano seguinte, os jornais da época trariam um espaço exclusivo para tratar das atividades do turfe sob a nomenclatura de *Sport*.

Não foi possível ampliar a pesquisa para vários jornais da época, nem para todos os periódicos existentes, mas é fácil admitir que o turfe naquele momento fosse mais impactante na vida social, e assim mais interessante de ser noticiado pela imprensa, do que o recém-organizado, remo.

Conclusão

Baseados na literatura podemos afirmar que, notadamente, o século XIX foi o século do surgimento do esporte organizado no Brasil. Seja pela influência estrangeira, seja pelo desejo intrínseco de se modernizar, ou por ambos, essa época foi fundamental para a formação de um campo esportivo nacional. Victor Melo (2001) identifica, por exemplo, três grupos de manifestações que eram chamados de *sport*: as que hoje estão organizadas como esporte moderno, exemplo das corridas de velocípede que evoluiu para o ciclismo atual e as corridas à pé que foram os primórdios do atletismo; as que apesar da diversão proporcionada ao público (principalmente das camadas populares) nunca se tornaram esporte, como exemplo as brigas de galo e as touradas; e as que já surgiram organizadas e constituíram um campo esportivo, como exemplo o turfe, o remo e o futebol. Tudo isso numa época de transição e efervescência histórica que culminaria com dois acontecimentos importantes para a formação da identidade nacional: um novo momento social com a Abolição da Escravidão (1888) e uma nova ordem política com a Proclamação da República (1889).

No Rio de Janeiro, segundo Victor Melo (2001) durante o século XIX foram fundados os seguintes clubes e associações: Mareantes – de

Niterói (1851); Regata (1862); British Rowing Club (1862); Club de Regatas (1867); Club de Regatas Guanabarenses (1874); Club de Regatas Paquetaense (1884); Cajuense (1885); Club de Regatas Internacional (1887); Union des Cantioners (1892); Fluminense (1892); Club de Regatas Botafogo (1894); 15 de Agosto (1894); Escolar Militar (1894); Club de Regatas Gragoatá – de Niterói (1895); Icaraí – Niterói – (1895); Club de Regatas Flamengo (1895); Natação e Regatas (1896); Clube Boqueirão do Passeio (1896); Caju (1897); São Cristovão (1898); Club de Regatas Vasco da Gama (1898); Club de Regatas Guanabara (1899); Náutico (1900) e Club Internacional de Regatas (1900). Como se pode perceber, a maioria dos clubes foi fundada no quartel final do século, principalmente na última década, mostrando o processo de consolidação da modalidade que concorria com o turfe por espaço. Além de indicar que o início do século XX seria próspero, como de fato foi, inclusive com a criação de um clube feminino: Grupo de Regatas Feminino (1901). O autor salienta que houve algumas outras associações e grupo formados a partir de dissidências internas desses clubes citados; outros mudaram de nome ao longo do tempo pela adesão às novas modalidades; porém poucos resistiram ao tempo e às novas influências para se consolidar até os dias de hoje.

Em Pernambuco, e mais precisamente no Recife, durante o século XIX foram fundados: Club de Regatas Pernambucano (1885); Club de Regatas Ultramarino – depois Club Internacional de Regatas e por fim Club Internacional do Recife (1885); Recreio Fluvial (1889) e Club dos Pimpões (1898). Assim como no caso do Rio de Janeiro, a quantidade de iniciativas de formação de associações e clubes reflete o estágio de amadurecimento da modalidade na região. No Recife, o único clube que existe até os dias de hoje é o Clube Internacional do Recife, que abandonou o remo poucos anos após ter sido criado. Os demais tiveram vida curta, talvez por falta de organização, por novas prioridades, pela pesada concorrência por espaço com o turfe... Na verdade o remo na cidade do Recife só se consolidaria definitivamente no início do século XX, com a fundação de clubes que existem até os dias de hoje, os dois

primeiros permanecendo com a prática da modalidade (ainda que não com o mesmo espaço): o Club Náutico Capibaribe (1901), o Sport Club do Recife (1905) e o Clube Esportivo Almirante Barroso (1909). Estes clubes são os que melhor retratam a importância do remo para a cidade durante o século passado.

Por fim, é válido ressaltar que esta é apenas parte da história deste esporte, que como afirma Couceiro (2003) em seu estudo sobre os divertimentos públicos na cidade do Recife na década de 1920, tanto o Turfe como o Remo viverão altos e baixos ainda na primeira metade do século. Além disso, no início do século XX, um novo esporte entrará na disputa pelo espaço das cidades do Recife e Rio de Janeiro: o futebol. Mas este fica para uma outra partida.

REFERÊNCIAS:

Livros

CAVALCANTI, Vanildo Bezerra. **Recife do Corpo Santo**: Prêmio Joaquim Nabuco 1972 da Academia Pernambucana de Letras. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

COUCEIRO, S. C. **Artes de viver a cidade**: conflito e convivências nos espaços de diversão e prazer do recife dos anos 1920. 2003. 320 f.. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, Recife, 2003.

BARBOSA VIANNA, A. J. **Recife, Capital do Estado de Pernambuco**. Recife: Secretaria de Estado de Educação e Cultura, 1970.

LUCENA, Ricardo F. **O Esporte na Cidade**: Aspectos do Esforço Civilizador Brasileiro. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

MATOS, Potiguar. **Clube Internacional do Recife**: Um Século de História. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985.

MELO, Victor Andrade de. **Cidadesportiva**: Primórdios do Esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

_____. **Dicionário do esporte no Brasil**: do século XIX ao início do século XX. Campinas, SP: Autores Associados. Co-edição com a Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ através da Coordenação de Integração Acadêmica de Pós-Graduação, 2007.

SETTE, Mário. **Regata Inesperada**. Boletim da Cidade e do Porto do Recife. Recife, Jan-jun, p. 7-8, 1943.

Jornais pesquisados

DIÁRIO DE PERNAMBUCO
JORNAL DO RECIFE
O TEMPO

Notas de jornais citadas

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Club de Regatas**. Terça-Feira, 07 de Abril de 1885, p.2.

JORNAL DO RECIFE. **Ao Club de Regatas**. Sábado, 11 de Julho de 1885.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Club de Regatas Pernambucano**. Terça-Feira, 14 de Julho de 1885, p.2.

JORNAL DO RECIFE. **Club de Regatas Pernambucano**. Terça-Feira, 14 de Julho de 1885, p.2.

O TEMPO. **Regata**. Terça-Feira, 14 de Julho de 1885.

JORNAL DO RECIFE. **Club Internacional de Regatas**. Sábado, 18 de Julho de 1885, p.1.

A RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: Algumas anotações de memória.

Ricardo de F. Lucena

Centro de Memória do Esporte e da Educação Física
DFE/CE/UFPB

Em escritos anteriores - O Esporte na cidade (2001) e A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil (2003)¹ - busquei anotar a relação dos esportes na criação de lugares e na ocupação de espaços, em cidades brasileiras. Vide aí as corridas de cavalos, no Jockey Clube do Rio de Janeiro, no Recife ou as regatas de Vitória; as corridas de bicicletas no velódromo do Rio, os Jogos de Futebol, no Estádio do Fluminense, no Governador Bley, em Vitória ou na Ilha do Retiro, em Recife, só para ficar com alguns exemplos.

Em escrito ainda anterior a estes mencionados, busquei discutir a introdução da educação física na escola brasileira e necessariamente, aponte o papel da ginástica nesse contexto², observando o arcabouço

1 O Esporte na cidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2001 e "A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil". In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), vol. 25, n.1, 2003. P. 159 - 171.

2 Quando a lei é a regra. Vitória: CEF/UFES, 1994. Nesse trabalho o argumento central era que a educação física (a ginástica) se justificou na

legal que deu sustentação à introdução dos métodos ginásticos entre nós. Como conclusão dizia que,

fica a convicção de que baseado, principalmente, em uma estrutura legal de cunho intervencionista, já presente no início desse século [século XX], se forjou a definição do perfil da Educação Física na escola. O corporativismo de então matizou todo um projeto de homem que tinha na Educação Física um dos seus canais de materialização. As modificações e intervenções, feitas posteriormente, em nada ou muito pouco, mudaram as feições do problema, chegando mesmo, em alguns momentos, como na década de 1960, a aprofundar mais ainda as suas características tecnicistas e moralistas. (Lucena, 1994, p. 71-72)

Quando concluímos o doutoramento, tínhamos em mãos um texto que buscava compreender melhor o papel dos esportes entre nós. A tese que defendemos sobre a introdução das práticas esportivas, no Brasil tinha como palco as cidades e ajudou a entender o papel do esporte como ação que compunha aquilo que chamei de “esforço civilizador brasileiro”.

Um outro aspecto que surgiu como desafio, após aquele trabalho, foi tentar enxergar como o esporte, no espaço escolar, se chegou à educação física (ginástica), ou vice-versa. Em outras palavras: a partir de que período podemos enxergar a presença do esporte no ambiente escolar? Sob que propósito é possível pensar a prática do esporte e da educação física na escola?

Sobre esses problemas, vamos apresentar aqui algumas proposições iniciais, seguindo uma linha de raciocínio que busca edificar meios de explicar a introdução do esporte e da educação física em nossa sociedade.

Se há um espaço também privilegiado onde podemos anotar a presença do esporte no Brasil, esse espaço é a escola. A escola como

escola no Brasil através da construção de um arcabouço legal que lhe conferiu importância e justificativa.

palco de crescente atenção das elites brasileiras do final do século XIX, especialmente motivadas pela industrialização crescente e a urbanização daí decorrente, ou como campo de reivindicação de um segmento de trabalhadores urbanos em formação, foi se tornando também um espaço de emergência favorável a novas práticas e a formas de participação. Nesse campo, as políticas pedagógicas que incorporaram algumas atividades esportivas tipo esgrima e corridas bem como a interrelação crescente entre sujeitos distintos, agora vivendo em cidades cada vez mais diferenciadas, constituem fatores que nos possibilitaram observar o crescimento do esporte que passou paulatinamente a merecer uma atenção destacada.

Bem assim, sob alguns aspectos, podemos apontar que o espaço de ginástica e/ou de educação física também tiveram seu papel no contexto das políticas que acabaram por facilitar a “introdução” dos esportes entre nós. Embora se visse o pátio da escola como o lugar de maior presença, em muitos casos não se restringiam a eles. Vitor Melo, em artigo denominado “A Educação Física nas escolas brasileiras do século XIX : esporte ou ginástica?” citando Delso Renaout (1978) traz a seguinte passagem:

“Renoult observa que, na Travessa do Paço (Rio de Janeiro), já nos anos 1850, um certo prof. Bidegorry oferecia lições de ginástica, com o objetivo de tratamento de enfermidades e fraquezas.” (Melo, 200. p. 62)

Em Vitória, aulas de ginástica eram realizadas no Estádio Governador Bley. As paradas esportivas, no início do século XX tinham como palco o centro da cidade. O que vale observar é que esses lugares e espaços criados ou construídos na relação dos homens com o ambiente urbano, com ou para a prática dos esportes, ginástica ou educação física, marcaram a vida de diferentes cidades do Brasil. Ou por outra, são expressões de uma cultura corporal de movimento que reflete o sentido de um controle das aptidões para a expressão da violência que, ao serem organizados, perdem paulatinamente o seu “ferrão” e ocupam um lugar relevante na vida cultural de nossas cidades. Afinal, como diria James Hillman ao falar do esporte, “*não há nada que pertença mais a vida da*

cidade, pois que a cidade é o lugar do espetáculo, do desfile e do cortejo, a mostra da imaginação na sua complexidade mais rica."

Embora vários desses aspectos até aqui tratados não tenham merecido a devida atenção até bem pouco tempo no Brasil, é necessário considerar sua presença e os fatores daí decorrentes.

De antemão, é importante deixar claro que o conceito de esporte aqui veiculado se baseia numa linha de análise que segue alguns pontos propostos por Norbert Elias. Ou seja, o termo esporte se refere a um leque de ações, surgidas inicialmente na Inglaterra, com caráter mimético³ e com grau de regulamentação relativamente alto, que acompanha um processo de individualização e controle das emoções, fruto da divisão de funções características de sociedades com um certo nível de desenvolvimento social; no Brasil, se faz perceber especialmente a partir da segunda metade do século XIX. Por outro lado, a ginástica compreende os sistemas de atividades físicas ordenadas e metodizados, com base em fisiologia e em anatomia, portanto, em conhecimentos estruturados a partir das ciências modernas aplicadas aos seres humanos; isso foi introduzido no Brasil a partir de métodos surgidos na França, Alemanha ou Suécia.

Um pressuposto vale ser anotado, porque vai alavancar o funcionamento do pensamento que pretendemos aqui desenvolver; os mesmos elementos que moldaram o gosto pela prática esportiva, surgidos no contexto social específico da segunda metade do século XIX e início do século XX, no Brasil, vão oferecer subsídios para a argumentação pró ginástica no contexto escolar entre nós. Esses

3 O caráter mimético do esporte está baseado no seguinte: "O caráter mimético de uma prova esportiva como uma corrida de cavalos, uma luta de Box ou um jogo de futebol é devido ao fato de aspectos da vivência -sentida associados à luta física real entrarem no campo da vivência - sentida de uma luta física real é deslocada para um mecanismo diferente. O desporto permite as pessoas a experiência da excitação total de uma luta sem os seus perigos e riscos. O elemento do medo na excitação, ainda que não desapareça por completo, é bastante reduzido, e o prazer da excitação do combate é, por esse motivo, elevado. (...)" Elias, 1992, p. 80-81.

elementos estão baseados num processo crescente de diferenciação individual, a necessidade de refinamento das ações, especialmente quando realizados em público, e uma autocensura mais abrangente. Acerca disso, vamos também fazer alguns comentários adiante.

Além do mais, tratar do esporte na sua inter-relação com a educação física, no contexto das relações sociais contemporâneas requer destacar dois sentidos complementares. O primeiro deles é: quando pensamos no esporte na sua forma profissional ou de elite, nesse caso, destinado não só a praticantes, mas também a um público assistente cada vez maior, onde o atleta não é mais o único a determinar a sua participação no esporte. O segundo sentido diz respeito à questão recreativa ou de lazer; aqui o esporte se destaca dentre um lastro de outras atividades com caráter de lazer e podemos acrescentar, de caráter também pedagógico.

O ESPORTE e a GINÁSTICA.

O sentido que damos ao termo “esporte” remete aos jogos de competição, particularmente aos que se originaram na Inglaterra e que passaram, posteriormente, para outras sociedades. Aqui, o esporte é tratado como uma “ação figuracional” que, além de permitir pensar a participação do indivíduo em direção a uma crescente competitividade com seriedade, que busca resultados, também se apresenta como uma resposta não-planejada a um novo equilíbrio entre prazer e restrição, uma forma de desfrutar emoções, de prazer pessoal coerente com as formas de vida nas Sociedades-Estados dos dias atuais.

O esporte é um dos poucos canais possíveis que a nossa sociedade construiu para a expressão de formas de sentimentos que em outros tempos eram manifestadas por ações com um gradiente de violência bastante acentuado. Entender esse papel é um desafio para o qual ainda temos muito a fazer, até atingir o patamar de amadurecimento pleno. Conforme já demonstramos numa passagem de James Hillman em seu livro *Cidade e Alma* (199...), esporte pertence à vida da cidade; é criado

para dar sentido à vida urbana como lugar de reunião, espetáculo e desfile.

Dissemos que nosso propósito é tentar estabelecer uma linha de abordagem que permita construir um caminho a mais visando compreender o desenvolvimento dos esportes e da educação física, no Brasil.

Escolhemos como caminho a percorrer as primeiras ações esportivas no âmbito da escola, considerando que, ainda no século XIX, de acordo com alguns estudos, a prática do esporte, especialmente o futebol, já tinha no pátio da escola um espaço garantido. É certo que estamos tratando do esporte em sentido lato, como prática de exercícios corporais competitivos de forma razoavelmente bem reguladas, que conservam tensões miméticas características, e não um sentido mais restrito que parte da seleção de valores e a especialização dos gestos como uma condição necessária para a prática.

Argumentamos que é possível abrir um campo de exploração sobre o desenvolvimento dos esportes no Brasil, considerando sua prática na escola ainda no século XIX. Com isso, poderemos entender melhor o desenvolvimento do esporte e da ginástica, dita educação física na escola, ao longo do século XX. Postulamos que a racionalização das práticas corporais permitirão uma melhor distinção entre esporte e ginástica, no âmbito da escola; lembremos: a educação nesse período em foco estava mais sob os auspícios da Igreja do que do Estado. Somente no período escolanovistas, os arautos da educação lograram algum êxito e estabelecerão uma distinção formal entre práticas esportivas em geral e as ginásticas. É o que se dá, por exemplo, em Fernando de Azevedo, com a chamada "ginástica pedagógica", em um momento da educação dos meninos, e do esporte, em outro, dando à escola, doravante, um sentido diferenciado no desenvolvimento das práticas esportivas. Isso fica patenteado em suas próprias palavras, quando ele afirma:

...a educação física compreende a ginástica e o esporte, e que este é feito de emotividade, como aquela, de análise e raciocínio. Esta deve anteceder aquele, e o esporte, por isso, não pode

propriamente fazer parte de um programa escolar, nem se praticar, sem que a ginástica educativa tenha preparado o organismo a essa cultura física intensiva, porque a ginástica está para o esporte como as gamas para a música e a gramática para a literatura” (Azevedo, 1960, p. 76. Apud. Ferreira Neto, 1999, p. 121).

Reparem: a palavra “emotividade” tem aqui um caráter, no mínimo suspeito, a ação carregada de “emoção” que anima o esporte deve ser posto - quando se trata de educar - num período de vida em que ela (a emoção) já possa ser filtrada e, portanto, controlada. Data, portanto, desse processo de racionalização da prática elaborado pelos “escolanovistas” a dualidade entre educação física e esporte nas ações pedagógicas da escola.

Assim, a ginástica era, primeiramente o controle do gesto que teria seu prosseguimento de um controle mais suave, porque já dominado, proporcionado pelo esporte. Ginástica e esporte não são, assim, a mesma coisa, embora sirvam a propósitos muito semelhantes. Além disso, o uso do termo Educação Física pode ser visto como um indicador de um novo arcabouço conceitual que quer dar conta de variadas formas de intervenção corporal. Trata-se de um fato novo, por certo, num sistema educacional que via com desconfiança o exercício físico. Ainda aqui, Fernando de Azevedo nos apresenta a educação física a partir de um leque conceitual diferenciado. Para ele:

...a educação física - parte integrante de um sistema de educação pública - não somente se destina, pelo seu papel assimilador, a reunir numa corrente comum de idéias, práticas e aspirações as camadas sucessivas de jovens, como também (e essa é a sua função específica) se propõe a atuar sobre os indivíduos, para desenvolver e apurar, dentro dos limites do equipamento hereditário de cada um, as suas capacidades físicas e aptidões naturais (Azevedo, 1960, p. 281).

Um outro autor brasileiro, também interessado em tratar da relação educação física e esportes, nos traz mais algumas pistas nessa

linha de raciocínio. Trata-se de João Lyra Filho, para quem os jogos desportivos estão longe de significar uma perda de tempo e que para “*a pedagogia moderna as melhores lições, as de proveito mais direto, são as que os nossos filhos aprendem na lição dos jogos*” (Lyra Filho, 1944. p. 07).

Para Lyra Filho, assim como tantos outros educadores brasileiros do primeiro quartel do século XX, o importante era dosar as ações intelectuais e físicas, em busca de um equilíbrio que permitisse maior adaptabilidade ao meio físico e social.

Acreditamos ser possível perceber que a história do esporte entre nós pode ser enriquecida se considerarmos que a relação com a ginástica, para os nossos primeiros praticantes, não foi de simples oposição, mas daquilo que podemos chamar de uma “dualidade relacional”. É que, à medida que crescia como prática socialmente aceita por meio das ações de grupos como os literatos, o esporte também se achegava à escola, ao menos aquelas onde estavam os filhos das famílias “ilustres”.

Por intermédio de literatos como José de Alencar, Coelho Neto e Olavo Bilac, os primeiros divertimentos esportivos mereceram um destaque ímpar. Suas crônicas desvelam a complexa teia de inter-relações humanas que marca a vida de contatos na cidade. Por certo, antes mesmo que projetos educacionais descessem dos gabinetes do Império ou da República, alguns desses senhores já tratavam de tecer, nas páginas dos jornais, discussões acerca dessa nova forma de divertimento que mobilizava setores da vida na cidade⁴.

O esporte teve na instituição escolar, pelo que é possível perceber, mais um espaço de disseminação e desenvolvimento. Diferentemente do que geralmente nos dizem, o esporte já se fazia presente nas escolas, mas não explicitamente diferenciado de ginástica, porém como aquilo que chamamos anteriormente de “dualidade relacional”; ambos partiam do

4 A respeito da interferência de uma classe letrada na difusão e discussão sobre o esporte no Brasil, remetemos o leitor para um texto de nossa autoria e já citado anteriormente denominado “A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil.” Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Campinas, v. 25, n. 1, setembro de 2003.

mesmo princípio que animava a ação dos que dirigiam e frequentavam a escola, no século XIX. O que queremos sugerir é que a distinção se processa no caminho da racionalização acerca de práticas corporais realizadas no âmbito da escola, já bem iniciado o século XX. Importa considerar: o esporte e a ginástica/educação física são expressões da mesma realidade complexa. São ações complementares que apontam para um mesmo processo de inter-relação. Nesse sentido, o esporte não pode ser explicado por si mesmo, mas apenas em relação ao conjunto das atividades sociais, inclusive a ginástica. Se considerarmos o contexto da escola, isso fica marcante.

Quando tratamos do processo de inter-relação, partimos do princípio de que, na sociedade do século XIX, as ações que se manifestam na forma de exercícios ginásticos ou jogos esportivos são parte da constituição de um estilo de vida urbano que muito caracteriza o modo de ser e a conduta dos indivíduos. Carmen Lúcia Soares (2002), em seu trabalho *"Imagens da Educação no Corpo"*, faz uma análise da ginástica francesa no século XIX e aponta como um dos aspectos mais centrais da ginástica na relação com a educação, a criação de *"normas de conduta que fossem individualmente internalizadas para serem socialmente mais eficazes"* (p. 37). Essa introyeção, que vem se transformar numa segunda natureza é o contraponto que marca o processo de inter-relação crescente dos centros urbanos. Um aspecto que complementa o que vimos tratando é o que Jaques Defrance (2001), num artigo intitulado *"O gosto pela violência"*, vai apontar quando afirma que:

Ao longo do século XIX, uma técnica de treinamento físico como a ginástica se propõe aumentar a força e a capacidade de violência do corpo dos ginastas; e, simultaneamente, o programa de atividades dos homens que se exercitam está limitado permanentemente em sua intensidade, em sua amplitude, assim como a rivalidade competitiva é freada sem cessar. Em suma, a cultura das aptidões para a violência é organizada ao ser reprimida (Jaques Defrance, 2001, p. 232).

Reparem: primeiramente, a questão passa pela aquisição de uma “técnica” como uma forma que melhor define o tipo de sociedade emergente na Europa e que se materializa em formas de condutas bastante regradas; também é importante frisar: esse argumento passa, necessariamente, pelo controle de um dos aspectos mais marcantes de nossa sociedade: a violência. Ou melhor, ela é canalizada, controlada em ações apoiadas através de técnicas manifestadas em forma de práticas corporais que dirigem a violência, a partir de um campo de normas que a mantém “disciplinada”. Esse campo, entre nós, tem seu exercício mais aceito nas práticas esportivas.

Vale a pena ainda anotar: a íntima relação entre as práticas esportivas e a ginástica, mesmo para aqueles teóricos franceses que muito influenciaram o contexto brasileiro. Carmen Lúcia Soares registra ainda que, “*nas duas últimas décadas do século [XIX], há um forte movimento na sociedade francesa que vai lentamente fazendo aparecer inúmeras organizações de ginástica e esportes*” (p. 132). E aí, citando Rey Golliet (1930), vai apontar três grandes diretrizes para a ginástica na França:

...1) A ginástica educativa deveria ser regida de acordo com sua utilidade profissional;

2) A ginástica de aplicação deveria ser constituída por exercícios militares utilitários e **desportivos**, baseados sobre o princípio da economia de forças;

3) A ginástica de seleção deveria compreender exercícios especiais nos aparelhos e **desportos**(grifos nosso), exigindo aptidões especiais e, por isso, só deveria convir a uma elite. (p. 174)

Observe-se: a relação com o esporte aparece explicitamente na forma de aplicação e seleção, que, tanto em um, como em outro caso, é pensada a partir do princípio da ação comedida, baseada em determinadas atitudes. Ambos só poderiam convir a uma elite, pelas suas

características e pelos resultados esperados, pois careciam de aptidões especiais.

Pensemos mais detidamente no esporte: afora toda essa teia de ações que se estabelecia na sociedade brasileira, ainda no século XIX, e que fundamentou o desenvolvimento do esporte na cidade tratando de sua difusão no ambiente urbano como forma de acelerar as relações entre grupos distintos, há também de se considerar o espaço das escolas como um espaço de contato e exercício das práticas pedagógicas diversas que ajudou a consolidar o movimento de difusão do gosto pelo esporte, em um primeiro momento, entre indivíduos do sexo masculino. Ou seja, a criação do gosto pelos esportes também fazia parte de uma perspectiva de educação já presente no século XIX.

Nesse sentido, a própria legislação nos traz alguns exemplos. O Decreto n. 10.202 de maio de 1889, inclui no currículo do Imperial Colégio Militar a ginástica, a natação, a equitação, o tiro ao alvo e a esgrima (LEX, 1889, p. 251). A preocupação, certamente, não era só com a saúde, mas com uma conduta a ser assumida que essas práticas ajudavam a assimilar.

É certo que estamos considerando todo o processo, de uma maneira geral, como uma forma de manter os indivíduos dentro dos limites de conduta socialmente aceitos. Se aqui aceitamos que o que se controla, em última instância, é o gesto, o ímpeto motor visível dirigido ao outro, o esporte aparece como "ímpeto" aprovado socialmente, porque controlado. Em sentido lato, a educação constitui um produto reticular, formado numa interação contínua de relacionamentos com outras pessoas. Afinal, nenhuma sociedade pode sobreviver sem canalizar as pulsões e emoções do indivíduo, sem um controle muito específico de seu comportamento (Elias, 1993, p. 270).

Santos Neto (2002), ao tratar dos primórdios do futebol no Brasil, afirma que foi pela ação dos colégios, em geral os religiosos, que o futebol entrou pela primeira vez no Brasil (p. 25). Ou seja, nem só Charles Miller ou Oscar Cox, nem só os marinheiros ingleses, mas os padres jesuítas também contribuíram para a difusão dos esportes, particularmente o

futebol, nos seus colégios. Os alunos aí formados ajudaram a difundir a prática por várias regiões e estados do Brasil. Um exemplo disso foi o colégio jesuíta São Luís, fundado em 1861, na cidade de Itu / SP. Lá, por volta de 1880, após uma reforma no currículo, foi introduzido um conjunto de práticas esportivas, com destaque para o futebol, incluindo outras modalidades incorporadas, como: ginástica alemã, corridas, saltos em altura e distância, lançamento de disco e dardo, corridas com obstáculos e barra francesa (p. 19).

São ainda dignos de menção: no Colégio de Petrópolis, dos Vicentinos, e no Ginásio Nacional, em 1895, já se praticava o futebol. No Ginásio Nacional, por exemplo, o regulamento aprovado pelo Decreto n. 3914, de 26 de janeiro de 1901, permitia como jogos escolares o foot-ball, a prática do cricket, corridas, saltos e outros (Brasil, p. 182).

Pelo exposto, vai ficando cada vez mais relacionada com o esporte aquela prática que muitos de nós aprendemos a ouvir chamar de ginástica. Ou seja, acreditamos que em muitos casos, quando nossos instrutores falavam sobre a ginástica, reportavam-se a ações referentes às práticas esportivas.

Afrânio Peixoto, diretor da Escola Nacional e diretor da Instrução Pública, no Rio de Janeiro, ao proferir palestra sobre "A educação física, intelectual e cívica e a defesa nacional", em 1917, nos chama a atenção sobre essa não-distinção entre ações relacionadas ao esporte e à ginástica. Numa passagem, observando a reclamação dos pais de alunos contra as aulas de educação física, que, segundo ele, protestaram porque botaram os filhos na escola para aprender e não para serem acrobatas... (p.16), vai contra-argumentar fazendo a seguinte ponderação: Permite-me que vos conte uma impressão pessoal sobre a qual tenho gosto de insistir. Que pensais do jogo de foot-ball? Eu vos asseguro que ele está reformando, senão refazendo, o caráter do Brasil (p.17). Observemos que, ao tentar defender a ginástica diante da desconfiança dos pais, o que faz é narrar todo tempo sua primeira visita a um campo de futebol para apreciar um jogo entre jogadores brasileiros e ingleses. Era assim que dizia: Lembra-me sempre a primeira vez que fui aqui a um campo

de jogo. Povo garrido e entusiasta, a rebentar as arquibancadas para assistir a um match de patricios, desafiados por equipe forasteira, que atravessara os mares para se medir conosco. Ou seja, o que faz é defender o esporte.

Ainda interessa observar que a ginástica, assim como algumas práticas como a esgrima, a natação e o próprio futebol, segundo Delson Renault, já na década de 1880 apareciam nos colégios da Corte, como o Alberto Brandão. Isso deixa evidente que, longe de ser um ato de grupos sociais que estavam afastados do processo de civilização, a esportivização de algumas ações era mesmo uma obra daqueles que queriam orientar o processo. Por isso, a escola não poderia ficar de fora. Ao contrário, a escola, como espaço de civilidade ou civilização dos costumes, passa a merecer cada vez mais a atenção e o cuidado no sentido de veicular conteúdos, capazes de fazer integrar os novos comportamentos.

Nesse sentido, novamente a ginástica e os esportes são elementos de um mesmo movimento que tem como base a emergência de uma sociedade, onde as regras e os controles passam a merecer uma atenção maior. Não são, portanto, extremos contraditórios, porém diferentes e complementares no que têm de novidade e de precisão.

Para concluir, voltemos ao ponto de partida: a porta de entrada da escola nos permite ver uma trilha a mais na explicação sobre a implantação dos esportes entre nós. O dueto com a ginástica mostra e anuncia uma busca constante por uma forma de “antídoto” contra a crescente “rotinização” produzida pela racionalização da vida. Em nosso entendimento, o esporte foge à rotina como um transbordamento temporário e provisório de sensações agradáveis, ou melhor, específicas. O que o distingue de outras ações é que ele anuncia um outro patamar na relação intra e inter grupos, bem como no sentido de um autocontrole mais bem definido.

O crescente gosto pelos esportes, que desponta primeiramente nos grupos de elite e depois se expande para outros segmentos, demonstra o sentido desse processo. Isso não significa dizer que daí

estão alijadas as relações de poder e violência. Ao contrário, talvez nos permita mesmo afirmar, com Jaques Defrance que, quando o processo de civilização está adiantado [ou se adiantando], a violência também pode ser voltada contra si mesma, sob a forma de coerção autoministrada, disciplina, sacrifício, exposição ao risco. Um bom exemplo é dado pelo esporte de alta competição (Defrance, 2001, p. 239).

REFERÊNCIAS.

AZEVEDO, Fernando de. Da Educação física. 3 ed. São Paulo. Melhoramentos, 1960.

BRASIL. Atos do Poder Executivo. Decreto n. 10.202, maio de 1889.

BRASIL. Atos do Poder Executivo. Decreto n. 3914, de 26 de janeiro de 1901.

DEFRANCE, Jacques. O gosto pela violência. In: GARRIGOU, A e LACROIX, B. (orgs.) Norbert Elias: a política e a história. São Paulo. Perspectiva, 2001.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1993.

ELIAS, N. & DUNNING, E. A Busca da excitação. Lisboa. Difel, 1992.

FERREIRA NETO, Amarílio. APedagogia no exército e na escola: a educação física brasileira (1880-1950). Aracruz, ES: FACHA, 1999.

HILLMAN, James. Cidade e alma.

LUCENA, Ricardo de F. Quando a lei e a regra. Vitória, ES: CEFD/UFES, 1994.

LUCENA, Ricardo de F. O Esporte na cidade. Campinas/SP. Autores Associados, 2001.

LUCENA, Ricardo de F. "A Crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil." In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v. 25, n. 1, 2003. P. 159-171.

LYRA FILHO, João. Educação e desportos. Revista Brasileira de Educação Física. Rio de Janeiro. Ano I, n. 1, p. 7-9, janeiro 1944.

PEIXOTO, Afrânio. Ensinar a Ensinar: ensaios de pedagogia aplicada à Educação Nacional. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1923.

SANTOS NETO, José M. dos. Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo. Cosac & Naify, 2002.

SOARES, Carmen Lúcia. Imagens da Educação no Corpo. Campinas/SP. Autores Associados, 2002.

FUTEBOL E TORCIDAS ORGANIZADAS: Uma história de paixão e violência

Priscila S. Canuto

Centro de Memória do Esporte e da Educação Física
DFE/CE/UFPB

Faz-se necessário um levantamento histórico acerca da regulamentação e oficialização dos esportes para se falar sobre as torcidas organizadas. Estas surgiram com a desportivização, que sob o ponto de vista teórico, tendo como base a obra do sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990), pode ser um ponto de partida adequado à apreensão do fenômeno das torcidas organizadas. Isto porque após o desenvolvimento de seus principais fundamentos na Alemanha durante a década de 1930, acerca do *processo civilizador* na história européia, o autor iria transferir-se para a Inglaterra, onde o tema dos esportes modernos ensejaria um novo campo analítico para a comprovação de seus postulados.

A partir da década de 1950, no exercício de orientação de alunos que se dedicavam a teses sobre a gênese social do *rugby*, do *football* e do *cricket*, Norbert Elias observou a maneira pela qual as aristocracias e as burguesias da Europa, do século XVI a XIX, estavam se apropriando do monopólio da violência e, de modo gradativo, incutiam padrões de civilidade por meio das regras de etiqueta e do autocontrole de sentimentos e emoções.

No caso inglês, ao longo do século XIX, o autor e seus orientandos demonstraram de que modo os esportes, com o seu conjunto de regras

disciplinares e com a coibição do emprego da violência física, assumiram esta função na alteração de comportamentos e sensibilidades. Assim, Norbert Elias, Eric Dunning, entre outros, analisaram a trajetória do futebol como esporte amador inventado pela elite britânica, que de forma paulatina seria assimilado e profissionalizado pelas classes populares, mormente pelos setores operários vindo, em seguida, se espalhar com celeridade por vários países do mundo.

Com base em ensaio biobibliográfico do antropólogo José Sérgio Leite Lopes (Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1992), que serve de guia na exposição do pensamento de Norbert Elias, é possível a percepção da maneira pela qual tal autor dedicava-se ao delineamento das propriedades estruturais do fenômeno esportivo moderno e dos fatores que impulsionavam sua rápida difusão.

A relativa igualdade de oportunidades entre os competidores, o prazer provocado pela tensão de um combate simulado e as expectativas de relaxamento ao final da partida com a vitória de sua equipe, induziam à catarse das massas. Mas, nas décadas de 1970 e 1980, tais autores se deparariam com uma questão paradoxal na definição do sentido do *processo civilizador* no futebol: a escalada de violência entre os torcedores. Após a realização da Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, o aparecimento dos *hooligans* ingleses se mostraria um fator de inquietação para a sociedade.

Vistos pelo senso-comum como arruaceiros e bárbaros que descontavam suas frustrações pessoais cotidianas em dias de jogos, tanto nos estádios como nas imediações destes. Desta forma, os valores apregoados por estes grupos pareciam colidir com todos os princípios racionais dos desportos desde a sua instituição na modernidade. Em vista disso, Norbert Elias via-se diante de um novo desafio teórico. Os públicos esportivos haviam sido forjados de maneira correlata à invenção dos espetáculos de massa, mas a busca da excitação – força motriz do ato de torcer – acabava por se sobrepor ao controle das emoções. A apresentação de uma justificativa para o caso propiciou ao autor o esclarecimento de sua própria teoria, uma vez que ele demonstrava a

não-linearidade de seu conceito e a idéia da possibilidade de recorrência de processos de *descivilização* em momentos históricos precisos. Segundo o sociólogo alemão, os ritos de violência entre os torcedores estão associados à ineficácia dos mecanismos de autocontrole de uma dada sociedade.

A sua vigília constante é uma premissa que deve ser estendida como *habitus* social à maioria da população. Além disto, os problemas relativos às torcidas de futebol não devem ser tratados como peculiares a estas, ao contrário, para o autor esta problemática deve ser percebida como um sintoma global do meio envolvente. Norbert Elias tinha em mira mostrar como a sociedade, ao se reger pela polaridade *established-outsiders*, contribuía para a ampliação de uma situação social de marginalidade entre estes indivíduos.

Conforme o diagnóstico do autor, este tipo de manifestação era a contrapartida de experiências humanas pautadas pelo vazio da existência, pela abundância da publicidade e pela oferta do consumo, apenas acessível a uma pequena fração da sociedade, fato que desencadeava um acentuado ressentimento social por parte de grupos segregados. Tal situação se verificou na Europa, algumas décadas depois da Segunda Guerra Mundial, com a sedimentação da cultura de massas.

No Brasil, a obra do antropólogo Luiz Henrique de Toledo é uma das principais referências no assunto. Em sua pesquisa sobre as principais torcidas organizadas de São Paulo, o autor procurou desvencilhar-se das generalizações do fenômeno e salientou as particularidades das características dos torcedores brasileiros em relação aos torcedores europeus. Apesar de várias semelhanças, continuidades e correlações, uma série de diferenças substantivas pode ser notada entre eles.

Sendo os *hooligans* a primeira torcida organizada, se faz necessário falar um pouco da sua história, para então, se chegar à realidade da Paraíba. O *Hooliganismo Ingles* é um movimento histórico da década de 1960, catalizador de grupos alheios ao esporte como os *skinheads*, de origem

proletária, estes vislumbraram no futebol um meio de expressão de sua insatisfação social e até de enfrentamento com as instituições totais. Por outro lado, a morfologia das torcidas organizadas no Brasil apresenta uma origem social difusa, heterogênea e, não se distingue por um viés ideológico claro para além da dimensão esportiva.

Os *hooligans* utilizam-se do anonimato entre a multidão para burlar a inspeção policial e provocar tumultos, ao passo que as torcidas brasileiras valem-se do uso de vestimentas e de todo tipo de símbolos para a sua identificação. Luiz Henrique de Toledo condiciona a percepção do fenômeno aos desenvolvimentos históricos e culturais de cada país, o que enriquece a abordagem e a afasta de uma visão reducionista. A abordagem do autor é oportuna também, pois vai ao encontro das análises feitas pelo antropólogo francês Christian Bromberger acerca do mesmo objeto.

Amparado em uma etnografia dos principais clubes de torcedores nas cidades de Marselha, Turim e Nápoles, este autor pôde perceber a existência de um modelo alternativo ao tipo de torcida inglesa e, com isto, reconsiderar a univocidade das estruturas torcedoras. Haveria, destarte, duas configurações históricas esquemáticas de torcidas européias.

A primeira se irradiou a partir da Inglaterra, em fins da década de 1960 e estendeu seu arco de influência sobre a Europa setentrional, em especial, sobre a Alemanha, além de ter atingido o norte da França.

Sua formação social é homogênea, sua coesão interna é bem acentuada e associa-se com maior intensidade aos contingentes juvenis do proletariado. Seus membros são de difícil localização no cotidiano e avultam apenas nos dias de jogos. Já o segundo modelo foi difundido na Itália durante a década de 1970 e sua propagação se deu em maior grau na Europa meridional, com destaque para a Espanha e para o sul da França. Com um tecido social menos uniforme e com uma composição mais híbrida, as torcidas latinas procuraram se congregar através da institucionalização.

A distribuição territorial em grupos e subgrupos, a veiculação de revistas próprias e a ritualização de certas práticas permitiram-lhes uma

maior integração na sociedade. Esse ponto parece decisivo na orientação do trabalho, pois enseja a captação em potencial de uma pluralidade de formações históricas sobre torcidas passíveis de serem apreendidas para além do âmbito europeu. Malgrado sua grande influência, o caso inglês não seria um paradigma irredutível a que todas as demais deveriam se sujeitar. A eleição de novos focos de pesquisa contribuiria para o enriquecimento deste ponto, seja os *ultras* franceses, os *tifosis* italianos, os *barra-bravas* argentinos ou as *torcidas jovens* cariocas.

A propagação do fenômeno no continente europeu deu-se em 1975, coincidindo com o auge do hooliganismo na Grã-Bretanha. Aparecem, então, os *hooligans* que seriam a primeira torcida organizada. No início, estes surgiram como um grupo sem organização explícita onde a participação era determinada pela vulnerabilidade social.

O Relatório de Harrington em 1968, “sugere que os *hooligans* são oriundos, principalmente, das classes trabalhadoras, ou seja, das classes menos favorecidas, com problemas específicos inerentes ‘às grandes cidades industriais e portos, onde se sabe existem subculturas violentas e delinquentes.’” Estes torcedores pareciam querer compensar a sua baixa perspectiva social por meio de excitação e identificação, por exemplo, por meio um clube vencedor, com um grupo que mobiliza o aparelho policial e, ainda, o prestígio individual pelas façanhas especiais e de desafio a toda estrutura de suporte ao espetáculo esportivo.

Vale salientar, também, que o grau de desordens dos fãs no futebol, em grande parte, parece haver dependido do nível em que as classes trabalhadoras passaram a estar “integradas” dentro da principal corrente da vida social britânica, ou seja, aqueles que tiveram uma ascendência, dentro das classes mais estabelecidas, tiveram que assumir comportamento mais adequado a tal, gerando assim uma exclusão ainda maior daqueles que estavam dentro da sua própria classe de excluídos.

Pela tradição violenta dos *hooligans* um grupo de jovens foi atraído, não pelo futebol, mas pelos acontecimentos que este lhes proporcionava. É neste contexto que explicam o aparecimento dos grupos de extrema-direita, onde os grupos de jovens, “irrequietos”, “não

estruturados”, “provocadores” e “com pouca ou nenhuma perspectiva social” constituíam uma fonte de recrutamento para estas organizações (Williams; Dunning; Murphy *apud* Marivoet, 1992a). Os autores consideram, também, que a imprensa assumiu um papel ampliador do pânico moral, verificando-se um conseqüente aumento de medidas de controle, tendo-se apresentado, deste modo, como o fator principal no desenvolvimento do fenômeno.

Quais seriam os motivos norteadores, do *hooliganismo*? Tendo como embasamento teórico, as explicações feitas por Williams, Dunning e Murphy observa-se que duas são as premissas que tem como intuito explicar as causas do *hooliganismo* no futebol, são elas: explicações correntes do *hooliganismo* no futebol e as explicações acadêmicas acerca do mesmo tema.

A seguir será feito um relato de tais explicações que foram elaboradas pelos autores supracitados:

- As explicações correntes do *hooliganismo* no futebol é composta vulgarmente por duas explicações principais e ambas parecem ter sido bastante aceitas, nomeadamente, que o mesmo é provocado pela bebida e/ou pela violência no campo de jogo. As duas, contudo, possuem sérias limitações e, na medida em que possuem elementos válidos, necessitam ser expostas dentro de um quadro de explicação mais vasto.

Para explicitar a violência que ocorre entre as torcidas organizadas, será abordado e conceituado o termo violência. Definir a violência é um assunto difícil e complexo porque, na maioria das vezes, está relacionada à relação pessoal, política, social e, em alguns casos, está associada a um comportamento cultural naturalizado. Violência, em sentido amplo, é qualquer comportamento ou conjunto de comportamentos que visem causar dano a outra pessoa, ser vivo ou objeto. Nega-se autonomia, integridade física ou psicológica e, até mesmo a vida do outro. É o uso excessivo da força além do necessário ou esperado.

O termo deriva do latim *violentia* (que por sua vez deriva de *vis*, força, vigor); aplicação de força, vigor, contra qualquer coisa ou

ente, ou seja, qualquer ato que cause dano físico, moral, psicológico ou patrimonial à pessoa ou à sociedade.

Segundo uma extensa revisão, elaborada por Williams (2002), a definição de violência está relacionada à definição de agressão. Essa mesma autora cita Bandura (1973, p. 2) que afirma: "tentativas de definir um conceito representam essencialmente um convite a caminhar por uma selva semântica". Tal fato acontece porque não existe um consenso na definição de violência. Williams (2002) cita, ainda, Hacker (1973) e Loeber e Stouthamer-Loeber (1998) que definem a agressão como atos que infligem danos corporais ou psicológicos a outros, referindo-se a atos que causam danos menos sérios, enquanto violência é definida como atos agressivos que causam danos sérios. Para Wistedt e Freeman (1994) o conceito de agressão é mais amplo que violência incluindo, também, palavras ou ações ameaçadoras e irritabilidade.

A opinião da pesquisadora coaduna com o pensamento de Wistedt e Freeman, visto que a agressão também é uma forma de violência e pode gerar algum dano psicológico.

Williams (2002), Parke e Sawin (1997) definem que a agressão não é um comportamento, mas um rótulo cultural de padrões de comportamento, sendo resultado de um julgamento social por parte do outro.

Outra definição de violência foi apresentada por Chauí (1985), que coloca a violência como uma realização que está associada às relações de força, tanto em termos de classes sociais, quanto em termos interpessoais. Sidman (1989), Andery e Sérgio (1997) definem a violência como sinônimos de coerção.

Na complexidade da definição do termo violência, foi possível entender que a mesma é um conjunto que envolve, não só atos de agressão física como também palavras que podem causar danos a quem as escuta.

A violência sempre esteve presente na história da humanidade, desde o homem pré-histórico, que se utilizava da força para subjugar os mais fracos e, também, para escolher a sua parceira. Na Grécia Antiga, os

próprios deuses do Olimpo já possuíam os sentimentos de inveja, raiva, ansiedade e, como consequência disso, afloravam os sentimentos de violência. Estes quando ficavam furiosos com algo que não lhes agradava, castigavam cruelmente aqueles que os tinham “insultado”. Vale à pena ressaltar que os deuses foram criações dos próprios homens, na tentativa de explicar o que lhes acontecia e ao seu redor. Mesmo a violência estando presente na sociedade desde seu princípio, a compreensão de seu significado se tem modificado com a ampliação e democratização dos direitos considerados humanos e sociais.

Embora sempre tenha estado presente na história da humanidade, a violência não é tida como uma fatalidade, mas como um fato produzido socialmente. Surge, então, um questionamento: a violência seria um produto da sociedade? Ou um fator que contribuiu para a formação da mesma? Ao referir a violência como fator participativo ativo na formação de toda e qualquer sociedade pode-se tomar como exemplo o Brasil, onde a violência sob diversas formas foi uma variável fundamental na constituição da sociedade brasileira.

Tais formas podem ser observadas desde a ocupação européia do atual território brasileiro, que foi feita mediante a destruição de centenas de culturas indígenas e da morte de milhões de ameríndios. Fosse pelo confronto direto em combate, fosse por doenças, escravidão e desorganização de sua vida social, os índios brasileiros foram, em grande parte, dizimados. A instituição da escravidão foi também outro violento componente na formação da sociedade brasileira. Isso não se deu apenas com os nativos, a dominação violenta, física e simbólica atingiu em primeira instância índios e, depois a mão-de-obra africana que durante quase quatro séculos, foi objeto do tráfico. Milhões de indivíduos, provindos de diferentes regiões e culturas africanas foram trazidos para o território brasileiro de forma brutal sob forma de violência física e cultural.

Teria então o Brasil se tornado civilizado, através da violência e destruição de outras civilizações? Vale salientar, no entanto, que mesmo numa sociedade formada com raízes em meio à violência, este é um fator aterrorizante para os cidadãos brasileiros.

A violência possui um caráter de problema permanente e recorrente nas sociedades contemporâneas. A tentativa de coação recíproca entre povos, por meio de atos violentos e as vitórias alcançadas no curso dessas chacinas e matanças mútuas, tornaram-se motivos de orgulho e regozijo corroborando para o estabelecimento de uma tradição, constituída com raízes profundas nos hábitos sociais dos indivíduos pertencentes a tais grupos.

Falar de violência na sociedade é necessariamente referir-se a grupo de pessoas, organizadas ou não. Desta forma, este estudo tem como foco os grupos organizados de futebol, ou seja, a violência dos torcedores.

Os atos violentos no desporto, no caso o futebol, serão analisados neste estudo como um fator importante da sociedade. Assim como a violência, o desporto é também um elemento que sempre esteve presente em todas as formas de sociedade desde o começo das civilizações, dessa forma, o mesmo não deve e nem pode ser tratado distintamente da sociedade, pois a violência recíproca dos grupos de pessoas e o desporto ao longo dos processos civilizatório se fazem presentes em todas as sociedades.

Em todas as culturas, as brincadeiras violentas surgem espontaneamente, a partir do momento que a criança começa a andar e interagir socialmente com outros indivíduos, esse comportamento agressivo é percebido com mais frequência nas crianças do sexo masculino.

O fator masculinidade na violência é tratado por Williams, Dunning e Murphy (1992), estes explicam a sociogênese da masculinidade agressiva, como também a masculinidade violenta e desordens no futebol.

Segundo esses autores, a predominância dos homens em situações de violência está associada à liberdade desfrutada pelas crianças e adolescentes das classes trabalhadoras de nível mais baixo, o controle exercido pelos adultos que os rodeiam e o fato de iniciarem sua vida social nas ruas junto a colegas da mesma idade, determina a tendência

para a interação agressiva entre si. Este padrão de comportamento é alentado no fato de que os pais que pertencem ao nível mais baixo de classes trabalhadoras exercem menor pressão sobre os filhos na fase de crescimento, em relação aos pais de uma classe social mais elevada, tendo em vista o autocontrole rigoroso e contínuo sobre o comportamento agressivo.

Após essa breve abordagem acerca da violência e seus significados, retoma-se o contexto do futebol, especificamente, a história do futebol na Paraíba.

O futebol na Paraíba data de janeiro de 1908, quando estudantes acadêmicos em período de férias se reuniram no sítio do Coronel Manoel Deodato, que ficava nas imediações da atual Praça da Independência. Os mesmos possivelmente não vislumbravam a importância que esse momento teria ao criarem os primeiros times de futebol do Estado. Nem o acadêmico José Eugênio por ser o responsável pela primeira bola de futebol que deu início a este fenômeno esportivo no local. (SORIANO,1994, p. 5).

O primeiro clube de futebol a ser criado foi denominado de "*Club de Foot Ball Parahyba*", este foi dividido em duas equipes Norte e Sul e, na tarde de 15 de janeiro houve o primeiro espetáculo de futebol local. Quando o período de férias terminou estes acadêmicos retornaram para suas universidades, contudo, deixaram alguns associados, os quais um ano depois, fundaram o "Clube Atlético Paraibano" em maio de 1909, a seguir, o clube passou a se chamar "*Parahyba United*".

Com o intuito de organizar, disciplinar, institucionalizar e orientar os clubes, em 5 de março de 1914, foi criada a "Liga Parahybana de Futebol". É de se lamentar que desses times e desses momentos não foi encontrado qualquer registro fotográfico, no entanto, encontrou-se uma nota acerca da mesma (figura 1):

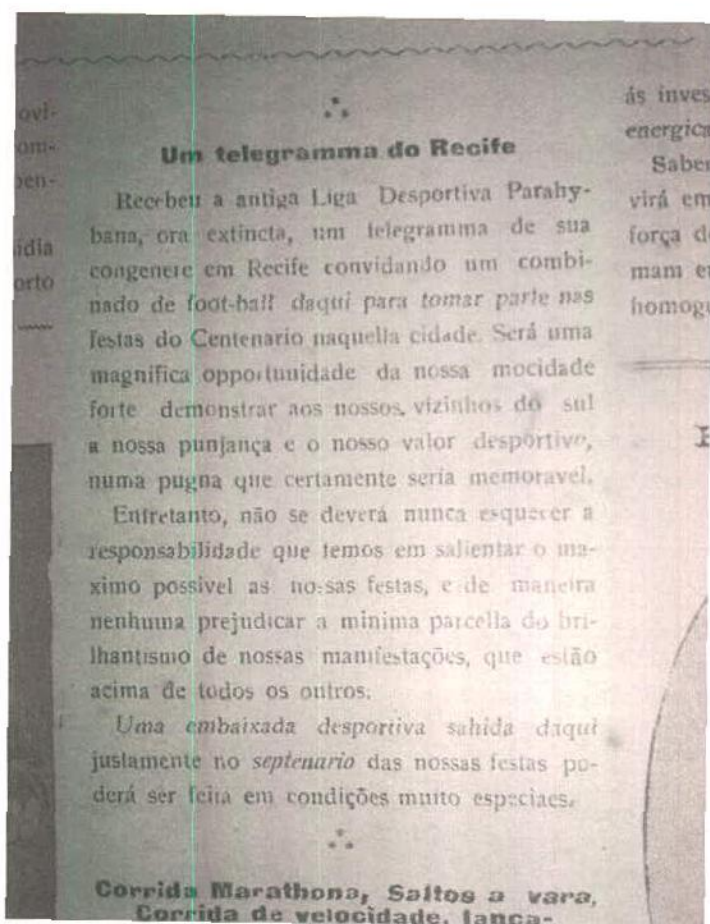


Figura 1 - Nota sobre a Liga Parahybana de Futebol

Fonte: Revista Era Nova.

A Liga supracitada, foi a seguir chamada de Liga Desportiva Paraibana (1919). O primeiro jogo oficial organizado e determinado, pela então Liga Desportiva Paraibana, aconteceu no Hipódromo Parahybano, no dia 25 de maio de 1919. O Cabo Branco venceu forte representação do Royal por 1 x 0 (figura 2):

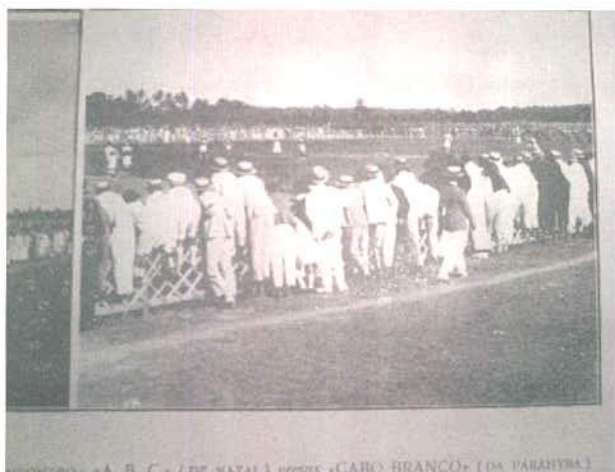


Figura 2 - Hipódromo Parahybano.
Fonte: Revista Era Nova

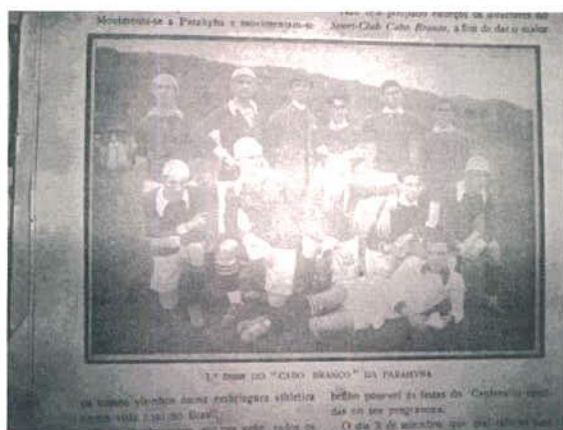


Figura 3 - Registro fotográfico do primeiro time do Clube Cabo Branco.
Fonte: Revista Era Nova

Futebol e torcidas organizadas

Outro clube onde se encontrou alguns registros e fotografias foi do então *Pytaquares Foot Ball Club*, que data também da época do Clube Cabo Branco, e costumava realizar seus treinos semanalmente nas Trincheiras.



Figura 4 - Primeiro time do Pytaquares Foot Ball Club.

Fonte: Revista Era Nova.

Em 1941, criou-se a Federação Desportiva Paraibana que passou a ser chamada, em 1947, de Federação Paraibana de Futebol até os dias atuais.

Após esse breve histórico do futebol na Paraíba, retoma-se o assunto das torcidas organizadas agora com o foco no Estado paraibano. É de se observar que o comportamento do torcedor brasileiro vem se modificando com o passar dos anos e um dos aspectos mais notáveis é o crescimento das torcidas em todos os Estados do Brasil. No entanto, esse crescimento é um dos fatores que tem contribuído para o aumento da violência nos estádios de futebol.

Segundo Carlos Pimenta (2000), o comportamento do torcedor nas arquibancadas dos estádios brasileiros começou a mudar a partir da década de 1980. De acordo com o autor, esse fato decorreu do surgimento das configurações organizativas com característica burocrática/militar, fenômeno essencialmente urbano que cria uma nova categoria de torcedor, o chamado "torcedor organizado".

Na Paraíba, na década de 80, há registro da primeira torcida organizada, a Gaviões Rubros que teve sua fundação datada de 01 de maio de 1986. A partir de então começou a existir um torcedor organizado e tipificado, padronizado e que pode e quer ser identificado como tal.

A violência nos estádios de futebol na Paraíba é um fator de relevância e um tema sempre presente, tanto que levou o Ministério Público da Paraíba a propor a assinatura de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) para as torcidas organizadas. O TAC tem como normas o comprometimento das torcidas em enviar, no prazo de 60 dias, seus estatutos à Promotoria de Justiça, Federação Paraibana de Futebol e ao clube para o qual torce, informando endereço, fontes de recursos, constituição e funcionamento da diretoria. Também deverá ser realizado um cadastramento de todos os integrantes para que seja criado um banco de dados que ficará à disposição do Ministério Público, da Polícia Militar e da Federação Paraibana de Futebol.

As torcidas devem desenvolver ações capazes de promover a paz nos estádios, evitando tumultos, brigas, vandalismo, apologia ao crime ou contravenção penal. Para tanto deverão ser estabelecidas normas de caráter educativo e probatório aos membros. Todos os eventos promovidos pelas torcidas devem ser comunicados à Promotoria e à Polícia Militar com antecedência mínima de 72 horas.

O envolvimento em quaisquer atos de violência ou em atos que coloquem em risco a ordem pública resultará na aplicação de medidas educativas e de advertência ou suspensão de comparecimento aos estádios que sediarem eventos esportivos coordenados pela Federação Paraibana de Futebol, seja em campeonatos estadual, nacional e até internacional, variando de dois jogos a um ano de suspensão. Os

torcedores que persistirem com atos de violência fora dos estádios serão encaminhados ao Juizado Especial Criminal. Também estão proibidos de entrar nos estádios de futebol de João Pessoa mastros, instrumentos de charanga e bateria ou qualquer objeto que coloque em risco a integridade física de uma pessoa.

O Brasil é formado por diferentes etnias, com um processo civilizador do qual tem raízes com histórico de violência. Nas torcidas organizadas, a violência é mais uma via de manifestação pela busca da liberdade, uma forma de extravasar os comportamentos considerados indevidos pela sociedade, onde alguns se aproveitam para deixar aflorar a maldade para com o próximo. Mas dentre essas muitas diferenças de pensamentos e comportamentos, é possível notar um sentimento comum que é a paixão pelo futebol.

Por ser bastante tênue a relação entre futebol e violência é que o assunto deve ser estudado e analisado de forma cuidadosa. Assim, por considerar relevante o tema, fica o propósito para um estudo mais profundo, no futuro, a respeito desse movimento social, esperando-se ter despertado, também, o interesse em colegas e profissionais da área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEVIDES, M.V. "Linchamentos: violência e 'justiça' popular". In: VVAA. **Violência brasileira**. São Paulo, Brasiliense, 1982.

BROMBERGER, Christian. **Le match de football: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin**. Paris: Éd. de la Maison des sciences de l'homme, 1995.

ELIAS, Norbert. ; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

____; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa:Viseu, 1992.

____; **The Civilizing Process, 1978; e State Formation and Civilization.** Oxoford, 1982.

GIL C. Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Editor Atlas S.A., 1999.

GERON, A. C. **Torcida organizada - uma paixão violenta.** In: **Futebol brasileiro em debate: pisando na bola,** Rio de Janeiro: Pinheiro Assessoria de Comunicação, série 1, 1993. Cap. 4, p. 56.

HELAL, R. **Passes e Impasses - Futebol e Cultura de Massa no Brasil.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

JOGE, José; **Estatuto do Torcedor, Educação Ciência e Tecnologia.** Brasília, Senado federal, 2003.

LERNER, J. (ed.). **A violência no esporte.** São Paulo: Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, Imesp, 1996.

LUCENA F. Ricardo; SOUZA FILHO, Edilson. **Educação Física Esporte e Sociedade.** João. Pessoa: Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba, 2003.

LOPES, José Sérgio Leite. "A morte da alegria do povo". In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

MARIVOET, S. **Uma perspectiva teórica do hooliganismo no futebol.** Horizonte, Lisboa: Livros Horizonte, v. 8, n. 48, p. 213-216, 1992a.

MURAD, M. **Dos Pés à Cabeça - Elementos Básicos de Sociologia do Futebol.** Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

____; "Futebol e violência no Brasil". In: MURAD, M. (et al.). **Futebol: síntese da vida brasileira.** Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural/ SR-3, 1996, p. 96 e 97.

PILZ, G. A. 1982. **Wandlungen der Gewalt im Sport.** Ahrensburg.

PIMENTA, CARLOS ALBERTO MÁXIMO. **Violência entre torcidas organizadas de futebol**. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 14, n. 2, 2000.

REIS, H.H.B. **Futebol e sociedade**: As manifestações da torcida. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RUBIO, K. **O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo**. Revista eletrônica de geografia y ciências sociais, vol. VI 119 (95). Universidad de Barcelona.

RUBIO, K. **O Imaginário Esportivo o Atleta Contemporâneo e o Mito do Herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

SALLES, João Moreira. "Uma breve descrição do torcedor". In:

<<http://www.nominimo.com.br>>. Acesso em: 17 de março de 2007.

TOLEDO, Luiz Henrique de. "Transgressão e violência entre torcedores de futebol". In: **Revista USP**. São Paulo: s.e., 1994, nº 22.

Williams, L. C. A. (2002). **Efeito da denúncia da mulher na violência física do parceiro: O que faz o homem parar de agredir a mulher?** Projeto de pesquisa encaminhado ao Programa de Iniciação Científica. CNPq/UFSCar.

HISTÓRICO DO BASQUETEBOL- DE MASSACHUSETTS A PERNAMBUCO (1891-2001): *reflexões preliminares acerca da criação, desenvolvimento e ensino-aprendizagem*

Júlio Ricardo de Barros Rodrigues
Centro de Memória do Esporte e da Educação Física

Apresentação:

O presente texto se constitui em uma releitura de minhas monografias de graduação - na qual investiguei a história do Basquetebol, sua criação e desenvolvimento no mundo e em Pernambuco -, e de especialização - onde foram investigadas e propostas algumas possibilidades de abordagem do Basquetebol como conteúdo para as aulas de Educação Física. Essa releitura tem como base algumas constatações de meus estudos ulteriores - apresentados e discutidos no IV Congresso Nacional de Educação Física, Saúde e Cultura Corporal (Recife, 2010) - acerca da apropriação e abordagem, por parte da área do conhecimento Educação Física, do Basquetebol como um dado da cultura/ objeto pedagogizável; perspectiva na qual a compreensão de sua construção histórica se sobreleva.

Desse modo, ao longo do texto, serão apresentados e discutidos alguns dados relevantes atinentes à construção histórica do Basquetebol, sua chegada ao Brasil e a Pernambuco; a profissionalização, a organização e transmissão do campeonato da NBA (como principal elemento de disseminação mundial da modalidade) como aspectos socioculturais caracterizadores das possibilidades de abordagem teórico-metodológicas deste, da qual o Mini-basquetebol emerge como um elemento considerável.

Basquetebol: criação e desenvolvimento (de Massachusetts a Pernambuco):

Segundo Daiuto (1991) Basquetebol como conhecemos foi criado pelo Professor James Naismith no dia 21 de dezembro de 1891, que diante da iminência de um inverno rigoroso naquele ano, se viu responsabilizado pela elaboração de uma atividade física que tivesse as seguintes características:

- Comportasse grande número de jogadores;
- Pudessem ser adaptados a qualquer espaço;
- Servisse de exercício completo;
- Fosse atraente;
- Não fosse muito violento;
- Fosse fácil de aprender;
- Fosse científico, para que pudesse atrair o interesse geral.

Então, partindo do princípio que as coisas novas nada mais são que combinações de coisas velhas, Naismith passou a estudar todos os jogos que conhecia, e percebeu que em todos eles a figura da bola se fazia presente; apenas com algumas variações de tamanho. Depois procedeu da mesma forma em relação aos gols. Com estas análises, concluiu que os jogos com bolas pequenas necessitavam do uso de tacos ou raquetes; e que o gol deveria ser colocado horizontalmente, para que assim fosse

eliminada a necessidade de força física dentro de um recinto fechado. A partir daí foram definidos os princípios básicos do jogo:

- A bola seria esférica e grande;
- O jogador seria proibido de correr com a bola;
- A bola deveria ser passada a um companheiro de quadro;
- Seria proibido o contato corporal;
- A meta seria posicionada horizontalmente.

Daí o Prof. Naismith apresentou aos 18 alunos que naquela ocasião estavam sendo submetidos a treino o regulamento do Novo Jogo. A primeira partida foi, então, disputada por duas equipes compostas por 9 alunos do Curso de Secretários da YMCA, em Springfield, Massachusetts:

- **Equipe A:** John J. Thompson, Eugéne S. Libby, Edwin P. Ruggles, William R. Chase, T. Duncan Patton, Finlay G. Mac Donald (capitão), William H. Daves, Tyman R., Archibald e Benjamin S. French.
- **Equipe B:** George R. Welles, Wilbert F. Carey, Ernest G. Hildner, Raymond P. Kaichn, GenzabaroSadakn Ishikawa, Franklin E. Barnes, George E. Day, Henry Gelan e Frank Mahan (capitão).

O jogo teve como placar final EQUIPE A 1X0 EQUIPE B, sendo este único gol feito por William R. Chase, que arremessou a bola do meio da quadra. James Naismith foi o juiz deste jogo.

Sendo assim, a criação do Basquetebol teve em conta a consideração de determinadas nuances históricas e contextuais caracterizadoras tanto de seu formato quanto de sua dimensão sociocultural. A compreensão dessas nuances esclarece em muito tanto o significado do Basquetebol no cenário esportivo mundial moderno, quanto sua identificação frente ao seu "país de origem" (TUBINO, 1992).

Ainda sobre essas nuances – fundamentalmente decisivas na construção da modalidade -, o próprio Naismith declarou anos depois:

A intenção de esclarecer a origem do jogo exige que seja necessário, antes de mais nada, lembrar algo a respeito da situação em que nos encontrávamos naquela época.

Agora, observo os jovens com todas as facilidades de que desfrutam e também toda a variedade de jogos e esportes que existe. Na verdade, chegamos a um ponto em que grande parte da educação física consiste de jogos e a política de inúmeras instituições acha-se baseada neles.

Em 1890, quando pela primeira vez ingressei nesta instituição, não havia praticamente jogos, com exceção do rugby, beisebol e atletismo: rugby no outono, beisebol e atletismo na primavera. Praticávamos muito pouco o futebol. A partir da época em que parávamos de jogar rugby, no outono, até o começo da prática do beisebol, na primavera, nada tínhamos a fazer senão praticar ginástica em aparelhos e calistenia. Imagino o que os responsáveis pela educação física, hoje em dia, fariam para trabalhar numa área limitada como aquela. Como poderiam progredir?

Precisávamos de um tipo de jogo que fosse interessante e pudesse ser praticado no inverno, em recinto fechado. Tínhamos, então, “três profundidades” (“three-deep”), “linha de bola” (“line-ball”) e o jogo do Dr. Gulick, chamado “cricket”.

Mantínhamos um seminário no qual debatíamos essas questões com bastante frequência. Era um seminário sobre psicologia. Falando um dia sobre invenções, o Dr. Gulick fez esta afirmativa: “Não há nada de novo sob o sol, pois todas as coisas novas são simplesmente uma recombinação de fatores de coisas já existentes”. Tal foi a proposição a nós apresentada. Simplesmente deveríamos reconstituir fatores antigos e estabelecer os novos.

Enquanto caminhávamos pelo hall, conversando a respeito, ele afirmou: “Naismith, esta será uma boa ocasião para inventar um novo jogo, coisa que você disse que poderia fazer”. Cerrei os punhos e olhei para o rosto do Dr. Gulick, procurando um lugar para colocá-los, porém vi uma cintilação especial em seus olhos, que parecia dizer: “Resolva, sim ou não”.

Portanto, foi na *International Young Men's Christian Association Training School* (Springfield College) em Springfield, Massachusetts que tudo começou. "Foi James Naismith o homem que em 13 artigos, apenas 13, alicerçou as bases deste jogo que hoje é praticado em quase todo o mundo e que é um dos únicos esportes deliberadamente inventado, 'construído' e criado com um objetivo previamente definido. Apesar de ter sido inventado quase de improviso, as modificações feitas objetivaram unicamente o aperfeiçoamento dos pontos que a experiência demonstrou a necessidade de adaptação e de atualização, em virtude do grande desenvolvimento e extraordinária difusão do basquetebol em todo o mundo". (ACM-SP, s.d., n/p).

Segundo Daiuto (1991), as primeiras regras, a partir das quais se deu a difusão e o desenvolvimento do Basquetebol foram as seguintes:

"Os "gols" serão duas cestas ou caixas com cerca de 0,381m (15 polegadas) de diâmetro superior e de profundidade. Deverão ser presos um em cada extremo do campo, a uma altura aproximada de 3,05 m (10 pés) do solo. O objetivo do jogo é fazer com que a bola entre no "goal" do adversário, o que pode ser feito atirando-a de qualquer parte do campo com uma ou ambas as mãos, obedecendo as seguintes regras:

A bola deve ser de Futebol Association.

1. A bola pode ser atirada em qualquer direção com uma ou ambas as mãos;
2. A bola pode ser batida em qualquer direção com uma ou ambas as mãos (nunca com os punhos cerrados);
3. O jogador não pode correr com a bola. Ele é obrigado a atirar a bola do lugar onde a recebeu; somente lhe sendo permitido dar passos com a bola quando estiver tentando parar, depois de recebê-la na corrida;
4. A bola deve ser segura pelas mãos; os braços ou o corpo não devem ser usados para auxiliar o recebimento da bola;
5. Não é permitido empurrar, segurar, trançar os pés ou tocar no adversário; a primeira

infração deste artigo por parte de qualquer dos jogadores será contada como falta; a segunda, o desclassificará até ser feita uma cesta ou, havendo intenção maldosa, poderá ser ordenada sua desclassificação para todo o restante da partida, não sendo permitido substituí-lo;

6. Considera-se falta bater na bola com os punhos cerrados, havendo transgressão dos artigos 3,4 e 5;

7. Se os componentes de um dos quadros praticarem 3 faltas consecutivas, contar-se-á uma cesta para o adversário (entende-se por 'faltas consecutivas' o caso dos adversários não haverem cometido nenhuma falta nesse meio tempo);

8. Uma cesta é feita quando a bola é atirada do campo para dentro da cesta, ali permanecendo sem que qualquer dos defensores da cesta tenha tocado na mesma. No caso da bola ficar sobre a cesta e o adversário tocá-la, será marcado ponto;

9. Quando a bola sai do campo, será devolvida pelo primeiro jogador que se apossar dela. Em caso de disputa, o Fiscal a jogará no campo. O jogador que vai repor a bola em jogo tem 5 segundos para fazê-lo, depois do que será dada ao adversário. Se qualquer dos quadros persistir em demorar o jogo, o Fiscal deverá marcar falta contra o mesmo;

10. O Fiscal - "Juiz dos homens" - observará principalmente os jogadores, devendo anotar as faltas e notificar o Árbitro quando forem feitas três consecutivas. Ele tem poderes para desclassificar jogadores de acordo com o artigo 5;

11. O Árbitro - "Juiz da bola" - observará principalmente a bola, decidirá quando a mesma está em jogo, a que quadro pertence e marcará o tempo de jogo. Decidirá ainda quando é feita uma cesta, contará as mesmas e desincumbir-se-á das demais obrigações comumente atribuídas aos juízes;

12. O tempo de jogo será de dois períodos de 15 minutos cada um, com 5 minutos de intervalo;

13. o quadro que fizer maior número de pontos durante esse tempo será declarado vencedor. Em caso de empate, por acordo entre os capitães, a partida será prorrogada até que seja feita uma cesta.

O número de jogadores que compõem um quadro depende principalmente das dimensões do campo, podendo variar de 3 a 40 jogadores para cada lado. Com pequeno número de disputantes o jogo torna-se mais científico, porém, com maior número é mais interessante. Estes jogadores podem ser colocados no campo conforme o desejo do capitão, mas tem sido verificado que 'um guardião, dois guardas, três centros, dois alas e um avante', dispostos nesta ordem, produzem melhor jogo. Compete aos dois guardas e ao guardião evitar que os adversários façam pontos; aos alas e ao avante cumpre tentar marcar pontos, aproveitando os passes que receberam dos jogadores do centro; assim sendo, *nove jogadores é o número ideal para cada quadro*. Julga-se conveniente solicitar dos diretores a observação rigorosa destas Regras, nos primeiros tempos de sua aplicação. Estas regras foram publicadas em "O TRIÂNGULO" de 1892.» (Idem, *ibdem*).

A partir da delimitação das regras e em virtude do contexto histórico no qual foi engendrado, o Basquetebol foi definido pela primeira vez – pelo *The Standard Dictionary of the English Language* – como sendo: “um jogo parecido com o futebol (rugby), no qual os gols são engradados de ferro, colocados nas duas extremidades de um ginásio. Jogado por moças”. (DAIUTO, 1991).

Com o desenvolvimento próprio da modalidade, em termos de aceitação popular e pela comunidade escolar de maneira geral, a *construção desta sob a égide do modelo esportivo herdado da Inglaterra* não tardou a chegar. No caso do Basquetebol, sua influência se deu primordialmente a partir de sua inserção nos Jogos Olímpicos e da fundação da *Federação Internacional de Basketball Association* - a FIBA-, e da *National Basketball Association* – a NBA (DAIUTO, 1991 e RODRIGUES, 2002).

A FIBA teve sua origem em 1932 como *Federation Internationale de Basket-Ball* (FIBB) devido à necessidade de haver uma unificação das regras através da criação de uma entidade internacional que fosse

independente e especializada em Basquetebol. Foi inicialmente composta pela seguinte diretoria:

- Presidente: Leon Buffard (Suíça);
- Vice-Presidente: Conde Giorgio Asinaridi San Marzano (Itália);
- Tesoureiro: Maurice Abramowicz (Suíça);
- Secretário Geral: Renato William Jones;
- Membros: Angel BracerasHaedo (Argentina) e Henry Brandt (Portugal).

A primeira atribuição da FIBA foi a inclusão do basquetebol no programa dos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936. O primeiro brasileiro a ser eleito Presidente da FIBA foi Antônio dos Reis Carneiro, que foi reeleito em 1964.

O Basquetebol profissional surgiu em 1896 em Trenton, New Jersey, com a participação de jogadores que não podiam competir nos jogos universitários. Eles organizaram um jogo que se realizaria no *Masonic Temple Auditorium* e venderam os ingressos. A arrecadação superou as expectativas, deixando cada jogador com 15 Dólares. Daí surgiu a *National Basketball League* (composta pelas equipes de New Jersey, Brooklin e New York City).

Deve ser destacado que nesta época os negros eram proibidos de integrar equipes de brancos e mesmo de jogar contra eles (o primeiro negro a ser admitido na NBA foi *Sweetwater Clifton*, em 1950). Isso fez com que Abe Saperstein fundasse no dia 07 de janeiro de 1927 o famoso *Harlem Globetrotters*; que convidou por duas vezes (1959 e 1963) um brasileiro para integrar o seu grupo. Foi o bicampeão mundial (também em 1959 e 1963) Carmo de Souza, mais conhecido como Rosa Branca. "Claro que eu queria ir, mas naquela época o basquete brasileiro era dirigido por militares. Eles simplesmente não me liberaram e pronto. Os dirigentes do Palmeiras chegaram a pedir 40 mil Dólares aos Globetrotters, para me deixarem sair". (World Basketball, n.4, 1995, p.31). Para os padrões da época aquela era uma proposta milionária. Hoje Rosa Branca está com 72 anos e trabalha no setor de esportes do SESC de São Paulo.

Histórico do basquetebol de Massachusetts e Pernambuco (1891-2001)

A National Basketball Association foi fundada em 1949-50 (inicialmente com o nome de *Basketball Association of America*) devido à necessidade

de se unificar as ligas então existentes (1896 - 1949/50) de Basquetebol Profissional. Era composta por 11 franquias que competiam em duas divisões:

1. **Divisão Leste:** Boston Celtics; Philadelphia Warriors; Providence Steamrollers e Washington Capitols.
2. **Divisão Oeste:** Pittsburgh Ironmen; Chicago Stags; Detroit Falcons; Saint Louis Bombers e Cleveland Revels.

Inicialmente modelada na experiência com o hockey. Ao contrário de hoje os salários eram bastante modestos (em média US\$ 5 mil por temporada), o que fazia com que os atletas precisassem de outras profissões para se manter.

Em 2002, a NBA era composta por 29 franquias (28 americanas e 1 canadense) classificadas em duas conferências: (1) a Conferência Leste (divisões Central e do Atlântico) e (2) Conferência Oeste (divisões do Pacífico e Meio-oeste) (RODRIGUES, 2002, p.25-26).

De modo geral campeonato divide-se em três grandes fases:

- **PRIMEIRA FASE (“REGULAR SEASON”):** Fase na qual todas as equipes, independentemente de Conferência, jogam entre si. Consta de 82 partidas para cada equipe no total.
- **SEGUNDA FASE (“PLAYOFFS”):** Corresponde às finais de cada Conferência. Desta fase se classificam as duas equipes representantes de suas respectivas Conferências para realizarem a terceira Fase.
- **TERCEIRA FASE (“FINALS”):** Compreende no máximo 7 jogos entre as duas equipes finalistas, sagrando-se campeã aquela que alcançar o número de quatro vitórias.

Entre a Primeira e a Segunda fases existe uma festa de confraternização entre os atletas chamada *All-Star Weekend*. O *All-Star Weekend* foi criado em 1951, em Boston, pelo então Comissário da NBA Maurice Podoloff e, considerando o período investigado, se compunha das seguintes competições: (1) "2-Ball"; (2) "Shoot-Out"; (3) "SlamDunkChampionship"; (4) "ShickRookieChallenge"; e (5) "All-Star Game".

Em cada partida da temporada regular, os torcedores recebem uma ficha com os nomes dos principais jogadores da NBA. Em cada ficha, o torcedor tem o direito de votar em dois alas, dois armadores e um pivô de cada Conferência. Estas fichas podem ser depositadas em urnas instaladas nos próprios ginásios ou enviadas à Organização do All-Star Game. Os dados colhidos são, então, computados e, de acordo com os números tabulados, são formadas as equipes titulares de cada Conferência. O torcedor também tem o direito de votar em dois jogadores que não estejam relacionados na ficha, bastando para isso, preencher o espaço determinado com o nome e a posição do(s) atleta(s). Os demais jogadores que comporão as equipes como suplentes são votados pelos técnicos dos 29 times da liga. É a principal atração do festival.

Nestas duas últimas competições são premiados os jogadores que mais contribuíram para o resultado de suas equipes com o troféu *MVP* (Most Valuable Player).

Uma das razões para o êxito da NBA foi o seu desejo de organizar-se. Equipes que não conseguiam atingir o índice eram afastadas. Os árbitros da Liga também modificaram algumas regras para criar mais ação. Numa das alterações, a equipe tinha que arremessar a bola dentro de 24 segundos da obtenção de sua posse. Isto evitava o retardamento do jogo e estimulava um escore mais alto. Para evitar choques e contusões entre jogadores, a Liga estabeleceu regras especiais para as faltas. (AMAZING CENTURY, 1992, n/p).

Atualmente campeonato da NBA é visto como o mais organizado do mundo, e movimenta em média US\$ 16 bilhões por temporada (RODRIGUES, 2002 e VARGAS, 2010).

Voltando ao desenvolvimento histórico do Basquetebol, foi em 1904, na 3ª versão dos Jogos Olímpicos realizada em Saint Louis, Estados Unidos, que o basquetebol foi incluído como esporte-demonstração, assim como o Baseball e o Lacrosse. Já nesta época, os atletas negros se destacavam na prática da modalidade, e por isso, tinham suas participações limitadas às exibições das chamadas “Jornadas Antropológicas”.

A demonstração em Saint Louis envolveu a participação de três equipes universitárias dos Estados Unidos: a Escola Superior Hiram (campeã); a El Wheaton (vice-campeã); e a Universidade Later Day Saints (atual Brigham Young), que disputaram o torneio em uma quadra ao ar livre. Foi o primeiro passo e fez com que nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924, o basquetebol fosse novamente incluído como esporte-demonstração. Mas a diferença era evidente. “No estádio de Colombes foram instaladas várias quadras e, nos dias 18, 19 e 20 de julho foram realizados vários jogos com a participação das seguintes equipes: Methodist Memorial; London YMCA; YMCA de Torino; Foyer da Soldat (5º Regimento de Infantaria); Unión de Paris “A” & “B”; Unión de Bercy; Unión de Chamart y de lassocietédés Foyers de l’Unión Franco-Americaine de Douai, Romilly-sur-Seine; Chaverville, Nancy, Lille, Valenciennes, Saint-Quentin & Mulhouse”. (DAIUTO, 1991).

Com o objetivo de incluir o basquetebol na programação dos Jogos Olímpicos de Amsterdã, foi instituída em abril de 1928 uma *Comissão Olímpica de Basketball*, que era presidida por Forrest C. Allen. Mas devido à iminência da efetivação do pleito, pois os Jogos já se realizariam em julho daquele mesmo ano, não foi possível naquela ocasião, o alcance do objetivo. Contudo, o esforço do Dr. Allen recebeu o apoio de vários países, no sentido de ver o basquetebol incluído no programa dos Jogos Olímpicos seguintes, que se realizariam em Los Angeles (1932).

Mesmo com o direito de, como sede, incluir, a título de demonstração, um esporte na programação dos Jogos, mais uma vez, nada foi obtido junto à Comissão Organizadora. Mas os esforços realizados neste sentido não se limitavam às fronteiras norte-americanas. A Confederación Argentina de Deportes obteve como resposta à sua solicitação, um documento assinado pelo então presidente Conde Baillet-Latour, que datava de 23 de maio de 1930, que garantia a inclusão do basquetebol como modalidade olímpica nos Jogos Olímpicos, mas sem esclarecer em quais(!).

Após seis anos de esforços da Comissão Olímpica de Basketball, associada à Confederación Argentina de Deportes; e graças aos entendimentos mantidos entre Carl Diem (representante da Comissão Organizadora dos Jogos Olímpicos de Berlim) e William Jones (representante da recém-fundada FIBA) e ao Sr. Loahku Ri, da Universidade Naseda (Tóquio), que informou ao Dr. Allen que realizava-se anualmente no Japão uma Olimpíada Oriental na qual o basquetebol, já há algum tempo, integrara a programação geral; segundo o COI, em reunião realizada em Oslo, Noruega, em 28 de fevereiro de 1935, o basquetebol (finalmente) passaria a integrar a programação dos Jogos Olímpicos em 1936.

Portanto,

foi curiosamente aos olhos de Hitler, na Berlim de 1936, onde os Estados Unidos apresentaram uma seleção com maioria de jogadores negros que levou a primeira medalha olímpica deste esporte ao derrotar o Canadá na final por um exíguo 19-8. (JOGOS OLÍMPICOS: 100 ANOS DE HISTÓRIA, 1996, p. 131).

Contudo, quando o assunto é o basquetebol olímpico, nenhuma edição foi mais marcante que a dos Jogos Olímpicos de 1992, sediada em Barcelona, na Espanha. O que caracterizou a realização destes Jogos foi a primeira participação dos profissionais da NBA em eventos olímpicos. O "Dream Team" (Time dos Sonhos) foi a grande atração em Barcelona, transformando a 24ª edição dos Jogos Olímpicos em um divisor de águas;

uma fronteira que distinguia o antes o depois deste encontro, ao reunir em uma mesma equipe: Michael Jordan e Scottie Pippen (do Chicago Bulls); John Stockton e Karl Malone (do Utah Jazz); David Robinson (do San Antonio Spurs); Clyde Drexler (do Portland Trailblazers); Christian Laettner (do Minnesota Timberwolves); Patrick Ewing (do New York Knicks); Charles Barkley (do Philadelphia 76ers); Larry Bird (do Boston Celtics); Chris Mullin (do Golden State Warriors); e Earvin "Magic" Johnson (do Los Angeles Lakers).

Os Jogos Olímpicos de Barcelona transformaram-se, então, em uma vitrine que mostrou ao mundo a superioridade da organização americana no tocante a um esporte extremamente significativo à sua Cultura Corporal de Movimento (JOGOS OLÍMPICOS, 1992 e RODRIGUES, 2002).

O Basquetebol no Brasil e em Pernambuco:

O Basquetebol chegou ao Brasil em 1896 tornando-o o quinto país do mundo e o primeiro da América do Sul a adotar a modalidade. Foi trazido por *Auguste Farnham Shaw* (1865-1939) que introduziu o jogo no Mackenzie College de São Paulo.

A prática do Basquetebol iniciou-se com as alunas desta instituição, passando depois a ser praticado também pelas alunas do Instituto São Caetano de Campos, por intermédio do *Professor Oscar Thompson*.

Devido a essa gênese alguns jornalistas da época consideravam o Basquetebol uma atividade física que equivalia para as mulheres o mesmo que o Futebol para os homens; tornando-o assim uma modalidade essencialmente feminina.

Foram detectadas algumas vantagens como a necessidade de um espaço maior; de uma duração de tempo menor; de requerer menos gastos; e poder ser jogado tanto no verão quanto no inverno, em locais fechados ou não; fatores que o faziam um sério concorrente para o Futebol.

O Basquetebol chegou ao Rio de Janeiro através da *Associação Cristã de Moços (ACM)* de São Paulo, e daí para o restante do país. Sua

prática como esporte começou em 1912 no Rio de Janeiro, e teve como destaque curioso o fato de no centro do local onde se realizavam os jogos haver colunas que dificultavam sua prática.

A tradução das primeiras regras oficiais se deu em 1915 por uma comissão composta por: Itagiba R. Novaes, D.F. Moutinho, Osvaldo M. Rezende, Victor A. Auguste e Henry J. Sims.

Neste mesmo ano se deu o primeiro torneio realizado em território nacional, que contou com a participação das seguintes instituições: ACM do Rio de Janeiro; América F.C.; Clube Internacional de Regatas; Colégio Sylvio Leite; Clube Ginástico Português e o Corpo de Marinheiros Nacionais de Villegaingnon. A equipe da ACM sagrou-se campeã, sendo formada por: Itagiba R. Novaes, Rômulo Alexandre, Lysias e Cerqueira Leite, Victor Mussafir, Sylvio Vianna, Victor A. Auguste e Renato Eloy de Andrade; tendo como técnico o Professor Henry J. Sims.

O Basquetebol brasileiro foi inicialmente dirigido pela *Confederação Brasileira de Desportos* (CBD), que organizou o primeiro Campeonato Brasileiro em 1925. Este campeonato contou com a participação de equipes apenas de São Paulo e do Rio de Janeiro, sendo esta última a campeã.

A *Confederação Brasileira de Basketball* (CBB) foi fundada em 25 de dezembro de 1933, ainda sob a denominação de *Federação Brasileira de Basketball* (FBB). No dia 30 de março de 1935 foi eleita a primeira diretoria da entidade:

- Presidente: Dr. Gerdal Gonzaga Boscoli;
- Vice-Presidente: Antonio Autran;
- Conselho Administrativo: Plínio Leite, Ilmar Tavares da Silva e Antonio dos Reis Carneiro;
- Conselho Fiscal: Dr. Ernani P. Negrão, Manoel Mire e João Pereira Gomes.

A denominação “Confederação Brasileira de Basketball” foi acordada em reunião extraordinária no dia 07 de junho de 1941. Sua primeira incumbência foi adotar algumas restrições relacionadas à regulamentação do basquetebol para homens e mulheres, tais como:

Histórico do basquetebol de Massachusetts e Pernambuco (1891-2001)

1. Duração da partida: Partida disputada em quatro quartos de oito minutos com intervalos de dois minutos entre eles e de dez minutos entre o terceiro e o quarto quartos.
2. Desconto de tempo: Cada equipe teria direito a cinco descontos de tempo “debitados” durante o jogo.
3. Falta técnica: Configurada com o ato de tentar tomar a bola quando esta é retirada por outra jogadora, sendo desclassificada àquela jogadora que alcançar o número de cinco infrações.
4. Proteção em caso de acidente ou fadiga: O árbitro da partida tem o direito de nos dois últimos quartos do jogo pedir “um tempo” de cinco minutos por motivo de acidente ou detecção de sinais de fadiga em grande parte das disputantes.
5. As demais regras da Confederação Brasileira de Basketball serão observadas.

Contudo, estas restrições não alcançaram os objetivos esperados, deixando que o Basquetebol feminino continuasse a compartilhar das mesmas regras que o Basquetebol masculino.



Seleção brasileira (1959)



Seleção brasileira (1963)

O Basquetebol chegou a Pernambuco em 1934 com a equipe do *Clube Náutico Capibaribe* e com duas quadras de saibro: uma em frente à sede do próprio Clube Náutico (Rua do Corturo) e outra no Quartel do Derby; quadra na qual os jogos eram realizados.

Como já foi dito anteriormente, a primeira equipe pernambucana verdadeiramente constituída foi a do Náutico, que tinha a seguinte constituição titular: Roberto Rosa Borges; Renato Ribeiro; Bernoni Sá; Marco Bandeira e Otávio Rosa Borges, sendo os dois últimos os únicos ainda vivos.



Equipe do Clube Náutico Capibaribe (1934)

Nesta época a *Federação Pernambucana de Desportos* (FPD) situava-se na Rua Marquês de Olinda; depois foi transferida para a Rua da Imperatriz, sendo então fundada a *Federação Pernambucana de Desportos Amadores* (FPDA), situada, na Rua Manuel Borba e finalmente separada do futebol.

Em 1954 foram liberados da FPDA por força de Lei, os esportes amadores, que foram então direcionados para as suas respectivas Federações Estaduais Especializadas. As Federações Especializadas, agora desvinculadas da FPDA, viram-se obrigadas a elaborar seus próprios estatutos para que ficassem devidamente legalizadas.

A *Federação Pernambucana de Basquetebol* (FPB) passou a ser oficializada em 22 de novembro de 1955. Neste mesmo dia realizou-se a 1ª Assembléia Geral de Fundação da Federação. Os clubes que participaram da fundação da FPB foram:

- Sport Club do Recife (Nilton Agra);
- Clube Náutico Capibaribe (Helena José de Farias – Presidente do Clube);
- Liga Olindense de Esportes (Ubiratan de Castro e Silva);
- Clube de Sargentos Wolff (Antonio Pinto Ramalho);
- Atlético Clube de Amadores (Laival Vasconcelos);
- Estudantes Futebol Clube (Dr. Alfredo Leite);
- América Futebol Clube (Rubem Rodrigues Moreira);
- Clube Esportivo Almirante Barroso (Amadeu Dias).

Nesta mesma assembléia foi aprovado o estatuto da entidade e encaminhado à Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB) e Conselho Nacional de Desportos (CND). Ainda nesta assembléia foi eleita a primeira diretoria da FPB:

- Presidente: Nilton Agra;
- Vice-Presidente: Brasil Geraldo;
- Secretário: Jaime Brito Bastos;
- Tesoureiro: Paulo Montezuma.

Os primeiros jogos ocorreram mais ou menos em 1936 e foram realizados nas categorias Aspirante e Adulto (1^o e 2^o quadros). Tiveram como participantes na 1^a e 2^a divisões: Náutico; Sport; Santa Cruz (Polícia Militar); Sargento Wolff; Flamengo e Liga Olindense. Por não haverem registros, os placares dos jogos não puderam ser divulgados.

Tendo em vista os esforços de verdadeiros abnegados pelo Basquetebol em disseminar a prática da modalidade em Pernambuco, a FPB criou, em reconhecimento, o título de Benemerência, que é oferecido às pessoas que se destacaram na divulgação e desenvolvimento da modalidade dentro do estado no respectivo ano ou período de premiação.

Mas, voltando a 1998, a Seleção Pernambucana Juvenil masculina foi Vice-Campeã Brasileira no campeonato realizado em Recife, Pernambuco. Ainda em 1998, o ano áureo do Basquetebol pernambucano em âmbito nacional, as equipes Infanto-juvenil, Juvenil, Sub-20 e Sub-22 masculinas e femininas se qualificaram para a Divisão Especial do Basquetebol brasileiro.

O *Departamento de Basquetebol do Sport Club do Recife* constitui até hoje uma referência para o Basquetebol do Norte-Nordeste no que se refere à organização, responsabilidade, vitórias e tradição.

Fundado em novembro de 1955 tem como principais títulos: bicampeão brasileiro (Juvenil masculino-1973/1974); duodeca campeão Adulto masculino (pernambucano-1968/1980); duodeca campeão mirim masculino; dezenove vezes campeão Infantil masculino; vinte e uma vezes campeão Infanto-juvenil (cadetes) masculino; vinte e três vezes campeão Juvenil masculino; trinta vezes campeão Adulto; oito vezes campeão Juvenil feminino; dez vezes campeão Adulto feminino e vice-campeão brasileiro Juvenil feminino (1994).



Equipe feminina juvenil do Sport Club do Recife (1994)

Devido à ausência de registros escritos que tratem de cada um destes títulos de forma mais detalhada, só nos foi possível transcrever os depoimentos de um torcedor assíduo do Basquetebol rubro-negro que presenciou todos estes fatos, e que, estranhamente, negou-se a revelar o seu nome completo para que fosse aqui editado. No entanto, no *Ginásio Conselheiro Jorge Maia* (Ginásio do Sport) todos o conhecem por "Paulinho".



Equipe masculina do Sport (1968)

De todos os títulos mencionados anteriormente, o de maior relevância para todos os envolvidos com o Basquetebol da Ilha do Retiro é o de duodeca campeão pernambucano, uma vez que foi com a conquista deste título que o basquetebol do Sport Club do Recife deu o seu primeiro passo para se tornar o líder regional. Por isso faz-se necessária a menção dos atletas e comissões técnicas envolvidos neste importante momento do esporte da bola ao cesto em Pernambuco: Atletas: João Damásio, Romero

Mancilha, Otávio Luiz da Rosa Borges, Mauro Marconi Galindo, Argemiro Forte, Luiz Moraes, Jorge Cardoso, Adalberto Guerra; Técnicos: Prof. Antônio Maria Cardoso Júnior, Gileno Correia da Silva, Ronald Frare e Silva, Marcílio Barbalho Galindo, Arthur Pimentel, Angelo Pinheiro.



Equipes masculina e feminina do Sport Club do Recife (1998)

De acordo com o Sr. Antônio Serrano de Andrade¹, o *Departamento de Basquetebol do Clube Náutico Capibaribe foi fundado*

¹ Em entrevista concedida em 2002.

Histórico do basquetebol de Massachusetts e Pernambuco (1891-2001)

em 1934, tendo como estrutura central uma quadra de saibro. O atual Ginásio Vitorino Maia (nome dado em homenagem ao Presidente alvirrubro responsável por sua construção) foi inaugurado por volta de 1950.

Os primeiros títulos do clube foram conquistados ainda quando o Campeonato Pernambucano se estruturava apenas em 1^o e 2^o quadros; sendo, então, campeão nos seguintes anos: 1934; 1935; 1940; 1941; 1942; 1943; 1948; 1949 e 1950.



Equipe masculina adulto do Clube Náutico Capibaribe (1951)

Com a subsequente criação das categorias Infantil, Juvenil e Adulto masculino em 1951, o Clube Náutico conquistou os seguintes títulos:

- Categoria Adulto masculino: 1952; 1953; 1954; 1955; 1956; 1957; 1958; 1962; 1964; 1965; 1967; 1986; 1988; 1995 e 1997.

- Categoria Infantil masculino: 1961; 1962; 1963 e 1964. Nesta categoria, é importante mencionar, participaram os senhores Antônio Maria Moreira Cardoso Júnior e Raul Siqueira Lopes; que posteriormente se tornaram professores das disciplinas Basquetebol I e Basquetebol II dos Cursos de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade de Pernambuco, respectivamente.

A versão feminina do Basquetebol alvirrubro teve início por volta de 1970. Como destaque desta agremiação, pode ser citada a atleta Maria da Conceição Vasconcelos de Santana (Ceça), que foi convocada para integrar a Seleção Pernambucana em 1974 e a Seleção Brasileira de 1976 a 1981. Ela, que chegou ao Náutico em 1972, hoje é técnica das equipes Infantil masculino e Adulto Feminino.

O Mini-basquetebol como possibilidade de ensino do Basquetebol à luz de sua própria história: considerações preliminares:

A partir de agora, buscarei estabelecer alguns nexos nos quais as dimensões histórico-social e teórico-metodológica do Basquetebol se aproximem no sentido de promover um salto qualitativo no ensino e aprendizagem da modalidade, tendo como eixo norteador a área do conhecimento Educação Física. Essa tentativa tem como objetivo delinear algumas possibilidades de ensino do Basquetebol a partir de sua própria história, ou seja, considerando sua construção histórica como objeto e/ou estratégia de ensino (GRAÇA, 1997 e RODRIGUES, 2010).

Nesse sentido, é de importante destaque a consideração da relevância do *Mini-basquetebol* como possibilidade/ estratégia de ensino do Basquetebol tradicional (RODRIGUES, 2004; STÖCKER et al., 1983; TEODORESCU, 1984). O Mini-basquetebol constitui uma variação do Basquetebol de inofismável importância para o caráter pedagógico da Educação Física; uma vez que, segundo Daiuto (1974, p.98) "é o basquetebol adaptado às possibilidades biológicas das crianças menores de 12 anos, respeitadas suas características, necessidades e interesses".

Foi criado por Jay Archer em 1950. Filho de imigrantes italianos e nascido em Scranton, Pensilvânia, E.U.A, em 1912, formou-se em Educação Física pela EastStronbsburgTeacher'sCollege. A idéia do Mini-basquetebol surgiu de uma observação feita em sua prática na escola primária, na qual percebeu a carência, no que se refere a opções esportivas, para os meninos menores de 12 anos.

Baseado nos resultados obtidos pelo experimento do Prof. Archer, o Departamento de Educação Física do governo americano providenciou uma divulgação mais ampla, o que levou o Mini-basquetebol (ainda com a denominação de Biddy-Basketball) para o Canadá e Porto Rico quase que simultaneamente. O Biddy-Basketball chegou à América do Sul em 1959, sendo que no Chile, graças aos esforços do Sr. Sérgio Molinari (então Presidente da Federação Chilena de Basketball), a novidade já era praticada desde 1955. Os principais responsáveis pelo feito foram Vicente Zanon e a Revista Rebote Barcelona. Foi quando finalmente foi adotada a denominação oficial de Mini-basquetebol.

Oficializado pela FIBA, foi criado o *Comitê Internacional de Mini-basquetebol* (CIM), presidido por Anselmo Lopes. Devido ao sucesso alcançado na Espanha, países como Itália, Inglaterra, Portugal, Alemanha e Rússia passaram a praticá-lo. O Mini-basquetebol é jogado sob a forma de festivais (ou jamborês), priorizando o interesse pela participação e não pela vitória. Hodiernamente é praticado em grande parte dos países em que se joga Basquetebol, figurando como parte importante dos programas da disciplina Educação Física, entretanto, sem e nenhuma referência à sua constituição como elemento da Cultura Corporal de Movimento (DAOLIO, 2002; LUCENA, 2001 E 2005 e RODRIGUES, 2004 e 2010; TUBINO, 2010).

Considerações finais:

O Basquetebol foi criado há 119 anos pelo Prof. James Naismith que se encontrava com a incumbência de idealizar uma atividade que

mantivesse o trabalho da ACM de Springfield, Massachusetts, durante o inverno rigoroso que se aproximava. É, portanto, o único desporto verdadeiramente americano, haja vista que não se originou de antigos jogos europeus, a exemplo do futebol e do beisebol. É uma modalidade que foi totalmente inventada com o objetivo de suprir uma necessidade momentânea, mas que, diante da popularidade que adquiriu, tornou-se um dos esportes mais evoluídos da atualidade seja física, técnica, tática, psicológica ou estruturalmente. O seu país de origem constitui o maior celeiro cestobolístico, do mundo, contando ainda com a realização daquele que é reconhecido como o campeonato mais organizado do mundo (a NBA).

Assim como todo fenômeno social, o Basquetebol (esporte) percorreu um longo caminho pela história da humanidade. Enfrentou preconceitos de opositores e envolveu-se em interesses políticos, sociais, econômicos e culturais que foram, como sempre, paulatinamente reduzidos pela ação do tempo.

Chegou à América do Sul em 1896, tornando o Brasil o primeiro país deste continente e o quinto do mundo a conhecê-lo. Foi aqui definido, inicialmente como um esporte exclusivo para o sexo feminino, ao que parece, para não rivalizar, frente ao sexo masculino, em popularidade com o futebol. Em 1934 chegou a Pernambuco, sendo praticado empiricamente por um bom tempo. Tudo leva a crer que, assim como no voleibol, também à ACM recaiu a responsabilidade de difundir o esporte, dando início à sua popularização em nosso estado.

Aqui o processo evolutivo seguiu o mesmo caminho. No entanto, a inevitável elitização inicial, que ainda hoje se faz presente no cenário local, retardou (e ainda retarda) bastante a popularização do jogo. Infelizmente, muitas crianças e jovens conhecem o basquetebol apenas pela TV. Poucos são os estabelecimentos de ensino que têm condições (mínimas) de apresentar a modalidade àqueles que os freqüentam regularmente. Quanto aos clubes, o panorama não é diferente. O trabalho de iniciação (escolinhas de basquetebol) costuma cobrar taxas que, na maioria das vezes, obstaculizam o acesso do grande público. E diante da possibilidade (que alguns técnicos e muitos

dirigentes insistem em chamar de opção) de contratar atletas formados em outros centros para integrar suas agremiações, reduz ainda mais o interesse local em investir neste importante espaço de trabalho pedagógico e social para a transmissão metodológica do conhecimento; e para a conseqüente descoberta e formação de valores, prescindindo-o diante do que consideramos uma deturpação do termo “profissionalização”.

Com outras palavras, a conscientização/ extrapolação do conhecimento atinente ao Basquetebol frente ao papel interventivo desempenhado pelo(a) professor(a)/ profissional de Educação Física no tocante às instâncias de manifestação deste como um dado cultural, devem ser consideradas, contextualizadas e aprofundadas nas demais modalidades que compõem esse conjunto de conhecimentos de nossa Cultura Corporal de Movimento. É da confluência e consistência desses procedimentos inerentes ao trabalho interventivo desempenhado por esse(a) profissional que resulta(rá) o maior enriquecimento da área do conhecimento Educação Física e, assim, um maior e mais rápido desenvolvimento desta como tal.

Sendo estas as primeiras aproximações apontadas a partir de meus estudos ulteriores que tiveram a constituição histórica do Basquetebol como um dado da cultura e, daí, como um objeto pedagogizável da área do conhecimento Educação Física, espero ter *contribuído com outras reflexões – já em curso e/ ou delas advindas –* acerca da história da Educação (Física) e do Esporte em Pernambuco e, assim, no Brasil.

Referencial bibliográfico:

ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS DE SÃO PAULO. **Jubileu de diamante do basquetebol** – 1891-1966. Promoção: Instituto de Preparação de Secretários. Supervisão: Prof. Moacyr Daiuto. São Paulo: s.d.

AMAZING CENTURY- LIVRO 3: 1945-60. Contemporary Books Inc. and General Learning Corporation. Trad. Antônio Maria Moreira Cardoso Júnior. Northbrook: Illinois, 1992.

ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS DE SÃO PAULO. Jubileu de diamante do basquetebol: 1891-1966.

COMEÇOU NO BRASIL. BasketBrasil. Rio de Janeiro, a.1, n.6, mar. 1999, p.18.

DAIUTO, Moacyr B. **Basketball**: metodologia do ensino e do treinamento. São Paulo: Companhia Brasil Editora, 1960.

____ **Basquetebol**: metodologia do ensino. 4 ed. São Paulo: Editora Esporte e Educação, 1974.

____ **Basquetebol**: origem e evolução. São Paulo: Iglu Editora, 1991.

DAOLIO, Jocimar. **Jogos esportivos**: dos princípios operacionais aos gestos técnicos-modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. Revista Brasileira Ciência e Movimento, Brasília, v.10, n.14, p.99-104, outubro de 2002.

GRAÇA, Amândio Braga dos S. **O conhecimento pedagógico do conteúdo no ensino do basquetebol**. Dissertação apresentada às Provas de Doutorado no ramo de Ciências do Desporto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Orientador: Prof. Dr. Carlos Januário. Porto: 1997.

GRANDES MOMENTOS DO SPORT. Basquete leonino é líder regional. Jornal do Commercio. Recife, mai/1995. p.3.

JACKSON, Phil, DELEHANTY, Hugh. **Cestas sagradas**: lições espirituais de um guerreiro das quadras. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997. 220p.

JOGOS OLÍMPICOS: 100 anos de história. Trad. Nilson Souza. Recife: **Diário de Pernambuco**, 1992. 192p.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001.

Histórico do basquetebol de Massachusetts e Pernambuco (1891-2001)

____ O jogo e o esporte: qual o problema? In: **Educação Física: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Marcílio Souza Júnior (Org.). Recife: EDUPE, 2005, pp.141-152.

NBA: O MELHOR BASQUETE DO MUNDO. Supersport.a.1, n.3, out. 1994, p. 12-15.

NICOLAU, José Eduardo. NBA.World Basketball.São Paulo: a.1, n.5, p.42, nov/dez. 1995.

O CAMPEONATO MUNDIAL DE BASQUETE FEMININO. Supersport, a.1, n.3, out. 1994, p. 22-23.

O PRIMEIRO JOGO DA NBA. Supersport. São Paulo, a.1, n.3, out. 1994, p. 08-09.

RODRIGUES, Júlio R. de B. **Basquetebol**: possibilidades teórico-metodológicas de ensino na escola, no treinamento e no lazer. Texto norteador específico ao desenvolvimento do mini-curso homônimo oferecido pelo autor no IV Congresso Nacional de Educação Física, Saúde e Cultura Corporal. Recife, 2010.

____ **Conteúdos de ensino da disciplina educação física**: noções preliminares sobre a seleção, organização e sistematização de conhecimentos. Texto elaborado para o desenvolvimento da disciplina Conteúdos da Educação Física Escolar: Jogos, Esporte, Lutas, Danças e Ginásticas constante do currículo do Curso de Especialização em Educação Física Escolar promovido pelo Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

____ **O basquetebol como conteúdo para as aulas de educação física**: uma proposição teórica. Monografia apresentada ao Departamento Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco como requisito final do curso de Pós-Graduação (Especialização) em Educação Física Escolar. Recife, 2004.

___ **Histórico do basketball:** de massachusetts a pernambuco. Monografia apresentada ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco com objetivo de concluir o Curso de Graduação em Educação Física. Recife, setembro de 2002.

SANTOS, Ana Paula. Sport planeja investir alto no basquete. Diário de Pernambuco. Recife, Dom. 4/abr./1999, p. 06.

STÖCKER, Gerhard; BISCHOFF, G.; WEUSTER, K.; WORTMANN, N. **Basquetebol:** sua prática na escola e no lazer. Trad. HildgundeSchauss. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

TEODORESCU, Leon. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos.** Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

TUBINO, Manuel José Gomes **Estudos brasileiros sobre o esporte:** ênfase no esporte-educação. Maringá: EDUEM, 2010.

VARGAS, Vagner. A nata do basquete. **Diário de Pernambuco.** Caderno Superesportes. Recife, 26 de outubro de 2010, D6.

IMAGENS E ESPORTE:

Modos de ver e de compreender o fenômeno

Allyson Carvalho de Araújo

Centro de Memória do Esporte e da Educação Física

1. Olhar sob imagens: percepções do esporte

O esporte e as imagens que geramos deste vêm metamorfoseando-se continuamente. A excitação no fenômeno incitou sua divulgação, os meios propiciaram outras perspectivas, as visibilidades promoveram novas significações e estas ainda estão em mutação...

Entende-se que a possibilidade de observação do mundo em um momento histórico que estimula a visibilidade configura-se como uma potencialização do conhecimento sensível dado a profundidade de significados que as imagens podem nos conceder. Ao mesmo tempo as mutações das formas de olhar, com suas intenções implícitas e explícitas, ou dos suportes que criamos para gerar imagens aprofunda a gama de significações que podemos creditá-las. E a inquietude frente ao mundo de imagens não cessa.

A palavra imagem está ligada à imitação, à cópia: é mimogenética, ou seja, nasce na vontade de reproduzir. Entre representação e o representado, ocorrem procedimentos de identidade, já que a identificação é o objetivo. Representação, isto é, apresentar de novo o mesmo. (COLLI, 2005, p. 81)

Partindo do princípio que imagem pressupõe representação e identificação, ao dirigirmos nosso olhar às imagens criamos certo elo de

filiação para com elas, certo sentido de pertencimento (ARAÚJO, 2006), que nos possibilita significar a coisa vista de uma perspectiva individual e/ou coletiva. Posto a possibilidade de significar, é necessário refletir sobre as formas de reprodutibilidade técnica de imagens com as quais a significação humana tem dialogado ao longo dos anos e como estas formas assumem sua função em nossa compreensão dos fenômenos expostos.

As imagens permitem, pois, este duplo movimento: sair de si e trazer o mundo para dentro de si. É nesse movimento entre olhar e imagem que está o princípio do pensamento. Sem pensamento, a imagem do mundo seria apenas um decalque do que acontece no exterior, sem nenhuma intervenção da inteligência. Com o pensamento, cria-se um mundo imaginário, que, nesse sentido, não é ficção, mas invenção do novo. (NOVAES, 2005, p. 12)

Partimos do preceito de que “a produção das imagens jamais é gratuita, e, desde sempre, as imagens foram fabricadas para determinados usos, individuais e coletivos” (AUMONT, 1993, p. 78). Paralelamente, entendendo as imagens como objetos estéticos, coadunamos com Medeiros (2005, p. 38) ao afirmar que “no objeto estético há intencionalidade”. Assim sendo e, tendo um valor de representação das coisas mostradas, a imagem também carrega consigo uma função significativa que pode ter relação com o suporte ou formato na qual se apresenta, alterando possivelmente a compreensão do objeto mostrado.

É neste ponto que nos inscrevemos na possibilidade de relacionar as formas de apresentação de imagens do esporte e das práticas corporais ao longo de sua história. Para isso foram selecionados alguns indicativos históricos na área da educação física a partir dos registros imagéticos disponíveis para dialogar os sentidos das imagens na compreensão das práticas corporais ao longo da história.

A saber, utilizaremos com fins analógicos nesta reflexão a imagens fotográficas dos pertencentes ao século XIX que constavam nos manuais de ginásticas do Movimento Ginástico Europeu, berço da Educação Física; também serão resgatadas imagens esportivas da cronofotografia, do cinema lento ou pré-cinema, a partir dos estudos de Marey e Demeny no decorrer da segunda metade do século XIX; bem como imagens mais contemporâneas do esporte no século XX e início deste século, em especial as imagens televisionadas.

O esporte¹, fenômeno de estudo neste espaço, inaugura-se, na compreensão que temos atualmente dele, sob o rótulo do esporte moderno como manifestação da cultura de movimento que se caracteriza fortemente pela competição e o rendimento físico-técnico, surge no seio da cultura européia ainda no século XVIII e firma-se no século XIX, tendo como seus desdobramentos mais clássicos são a burocratização e a busca pelo *record* (BRACHT, 2003).

De modo amplo conceito de esporte moderno declarado demarcou com clareza o que se entendia por esporte dentre as manifestações apresentadas historicamente. No entanto, com o desenvolvimento cultural e suas conseqüentes evoluções tecnológicas e informacionais, ampliou-se as possibilidades de visualização e compreensão deste fenômeno.

Imagens da retidão: por uma pedagogia do movimento

A ginástica, termo que inaugura a área da educação física no século XIX espelha uma sociedade moderna que caminha na sistematização do movimento a partir da expressão da cultura européia articulando

1 Na historicidade da palavra, esporte deriva do termo inglês "*sport*" arraigado de um sentido hedonista que denotou a partir do século XIV significações de diversão ou passatempo, tendo inclusive significado similar ao de fazer amor no século XVI. Desde sua delimitação enquanto esporte moderno (século XIX) este fenômeno cada vez mais abandona sua conotação de prazer em favor da disciplina.

diversas práticas corporais, dentre elas as festas populares, o espetáculos de rua, o circo, exercícios militares e jogos com bola. Muito influenciada pelo espírito científico da época, a técnica do movimento valorizava um ideal de saúde, vigor e energia associados ao um dispositivo moral que trazia em seu interior princípios de ordem e disciplina (SOARES, 2002).

Dentre as heranças que este momento histórico nos disponibiliza destacam-se os registros fotográficos que, em sua maioria, compunham os manuais de ginástica comuns naquele período e nos transportam para o ideal de movimento e de corpo daquela época.

Pensando no uso das imagens ligadas ao estudo do corpo, por exemplo, podemos recordar a importância atribuída à fotografia no século XIX e a sua ampla utilização por diferentes campos da ciência que objetivavam conferir veracidade aos estudos desenvolvidos. Falamos sobre como a ciência positivista tentou fixar significados sobre o que via ou fazia ver, isto identificava na fotografia a promessa de, pelos seus instrumentos técnicos, compreender o que até então se mostrava mistério. (GOELLNER & MELO, 2001, p. 123)

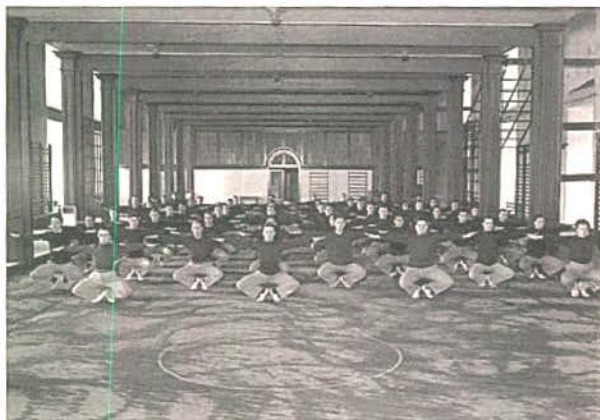
As imagens fotográficas remontam um espaço tempo e assumem em conteúdo e função um papel importante na construção de um imaginário social sobre as práticas corporais. Para além de estas serem mero resultado da ação luminosa sob substâncias fotossensíveis sob um suporte específico, o dispositivo da fotografia é, sobretudo, uma captação do tempo para restituí-la a seu espectador (AUMONT, 1993) e, portanto, devem ser trabalhadas a partir de uma ampliação da noção de testemunho.

As manifestações das práticas corporais do século XIX detinham uma compreensão ampliada de ginástica, donde cabiam práticas tais como canto, jogos esportivos, esgrima, natação, dentre outros. Esta ampliação do significado do termo ginástica é o que permite a investigação de imagens deste período para configurar os primeiros esboços do esporte que já se desenhava neste cenário (VIGARELLO,

2008). Registros nos mostram que “o manual de exercícios ginásticos dos anos 1890 é, por outro lado, também, e pela primeira vez, um manual de “jogos escolares”². É uma organização nova, sobretudo, é preciso repetir, que esses jogos se tornaram “esportes” na França, a partir dos anos 1880” (IDEM, p. 472).

Feitas as considerações, considero importante remetermos às imagens, como significantes elementos neste período de compreensão das práticas corporais. Como dito anteriormente as imagens das práticas corporais decorrer do século XIX é possuem um conteúdo e uma função bem definidos.

No que se refere ao conteúdo, as fotografias pertencentes aos manuais de ginástica apresentam as formas corretas de execução das diversas escolas de ginásticas difundidas na Europa. Associadas a uma característica instrutiva, educativa, as imagens configuram sua função gerativa de uma pedagogia do movimento, não possível para as instruções escritas.



Imagem/ Image 1: Método de ginástica/ Method of gymnastics.

Fonte/ Source: Soares, 2002.

2 *Manuel d'exercices gymnastiques e de jeux scolaires*. Paris, 1982.

A utilização das imagens na difusão das práticas corporais não foi fortuita. Ela esteve impregnada de um caráter disciplinar que coadunava com ideal social que também regia o próprio Movimento Ginástico Europeu.

A imagem, como resultado técnico da utilização de diferentes aparelhos, torna-se parte integrante das explicações e constitutiva de discursos sobre o movimento humano, este novo objeto de estudo da ciência experimental que potencializa o rigoroso esquadrinhamento do corpo realizado no século XIX. (Soares, 2001, p. 58)

Em um momento em que o detalhamento das técnicas corporais que estão em voga, as imagens regem as formas de exercitação corporal, assegurando inclusive que a ginástica se difunda também nos comportamentos privados e não somente nos ginásios que e multiplicavam na Europa, sobretudo em Paris. No entanto, a inserção dos jogos com bola na visibilidade possível das imagens veiculadas nos manuais e em outros veículos além do próprio avanço da compreensão de uma utilidade competitiva do gesto corporal, leva o esporte a também se destacar já na segunda metade do século XIX, necessitando de “várias décadas para que o esporte se imponha sobre uma ginástica ao longo do tempo dominante, na França sobretudo.” (VIGARELLO, 2008, p. 460).



Imagem/ Images 2 e 3: Jogos com bola/ Games with ball.
Fonte/ Source: Soares, 2002.

Os jogos, em sua dinâmica, destoavam do perfil higienista das práticas corporais daquela época, mas não estavam isentos de uma estética da retidão (SOARES, 2001) que esquadrihava o movimento humano mapeando sua potencialidade sob a égide da ordem e disciplina. O esporte antes de assumir um caráter agonístico que lhe caracteriza atualmente, apropriou-se de uma postura moral que validava o perfil de um esportista amador seguindo uma cultura que tem berço na Inglaterra dos anos 1880. Ao passo que a ginástica recebia críticas por apresentar-se como militarismo dos jovens, o esporte por sua vez foi criticado por seus movimentos livres perturbadores da ordem ginástica e a síntese deste impasse no final do século XIX foi a implementação de um outro princípio ao corpo e às práticas corporais, “o ‘esportista’ acrescenta uma visão energética do corpo à visão mecânica do ‘ginasta’ ” (VIGARELLO, 2008, p. 475).



Imagem/ Images 4 e 5: Esporte em 1900/ Sport in 1900.
Fonte/ Source: Michel Rand, 2001.

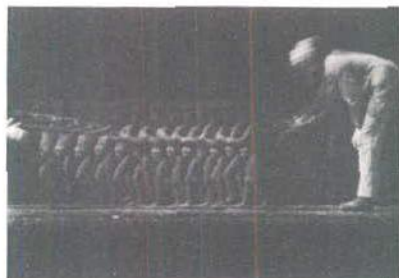
Neste primeiro instante as imagens das práticas corporais, agora emancipadas sob o rótulo de esporte, denunciam os momentos de vitória, superação e todos os superlativos que demandem a significação de vigor que o esporte representou naquele momento e que só se aprimora nos anos seguintes.

Imagem e (em) movimento: desempenho e performance no esporte

O acelerar da transformação do fenômeno esportivo em direção à competição, ao *record* a busca pelo rendimento foi acompanhada historicamente também por uma transformação das imagens que ganham a celeridade e a sofisticação do movimento.

A fotografia, até então utilizada como imagem estática, é potencializada por uma seqüência de semelhantes projetada para gerar um movimento aparente que, portanto, temporaliza a imagem e gera as primeiras experiências do que viria ser o cinema, chamado neste estágio de pré-cinema. (AUMONT, 1993). Este mecanismo, ainda em desenvolvimento, articula-se perfeitamente com a nova acepção do que o esporte adquiria que “não consistia mais apenas em obter resultados, em perder ou ganhar, mas em animar o próprio princípio da competição” (VIGARELLO, 2008, p. 434).

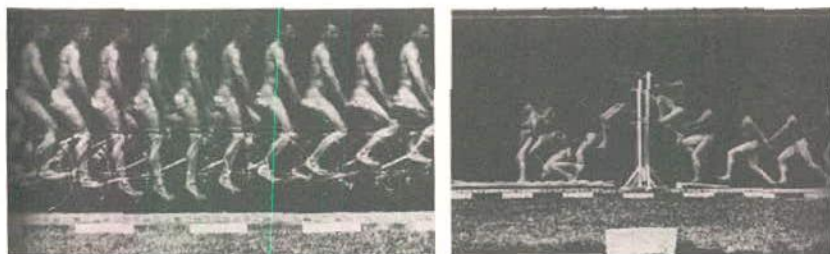
Como um dos personagens centrais dos estudos que tematizavam a imagem como forma de conhecimento, vamos encontrar Étienne-Jules Marey que, como seu auxiliar G. Demeny, realizou estudos mais exatos e rigorosos sobre a locomoção humana [...]. Marey e Demeny criaram os precisos métodos gráficos, cronográficos e cinematográficos para a compreensão do movimento humano com base nos estudos do movimento de aves e animais. (SOARES, 2001, p. 58)



Imagem/ Image 6: Cronofotografia em Marey e Demeny/
Chronophotograph in Marey and Demeny.

Fonte/ Source: Soares, 2001.

A íntima relação estabelecida entre imagem em movimento e esporte ancora-se na exploração mútua dos objetos para seu desenvolvimento. Os experimentos com as cronofotografias utilizam-se das práticas corporais como objetos a representar por serem móveis por excelência, bem como as práticas corporais, em especial o esporte, que por sua vez dialoga com as imagens em movimento com fins de melhor potencializar o movimento esportivo, possibilitando análises mecânicas dos gestos. A produtividade, o rendimento corporal dizia mais sobre o esporte mais do que qualquer outro princípio.



Imagem/ Images 7 e 8: Cronofotografia -

Movimento humano/ Cronophotograph - human Movement.

Fonte/ Source: Soares, 2001.

Com as transformações e solidificação da linguagem fílmica e das práticas esportivas, já sob o rótulo do Esporte Moderno, as relações foram se estreitando cada vez mais. O cinema passou a ser um recorrente canal de representação do esporte e seus ideais.

Para começar a discutir as relações entre cinema e esporte, devemos destacar o fato de que ambos, mesmo possuindo raízes anteriores, são fenômenos típicos da modernidade, se organizando no âmbito de uma série de mudanças culturais, sociais e econômicas observáveis desde o fim do século XVIII, crescentes no decorrer do século XIX e consolidadas na transição e no decorrer do século

XX. Não surpreende o fato de que o cinema e os Jogos Olímpicos tenham surgido na mesma época (1895 e 1896, respectivamente) e no mesmo lugar: França, país-chave para entender um novo estilo de vida que estava sendo gestado. (MELO, 2006)

Segundo Baecque (2008), o registro de corpos relacionando-se no espaço é o que caracteriza o cinema primitivo que recorreu à representação de corpos excepcionais para atrair o público, utilizando-se de temas como monstros, pornografia, crimes e, sobretudo, imagens de atletas culturistas. Ainda na fala deste autor

O cinema se inscreve nesta continuidade da cultura espetacular dos corpos na Belle Époque. Quase todos os artistas burlescos dos primeiros tempos, por exemplo, são acrobatas, e a maioria das primeiras salas de cinema de Paris se instalaram no mesmo local onde haviam esses espetáculos do corpo excepcional, em teatros de café-concertos reformados, em cabines de figuras de cera, às vezes em bordeis ou ginásios. (BAECQUE, 2008, p. 483)

Na produção da representação cinematográfica várias são as películas remontam momentos importantes da existência do cinema, bem como também os valores e compreensões do esporte ao longo dos anos. Emblematicamente é necessário citar *Olympia*³, documentário sobre os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, que teve grande repercussão social pelo uso ideológico do esporte e reafirmação do sobrepujar como máxima do Esporte Moderno. Outro longa-metragem memorável foi *Carruagens de fogo*⁴, que apresenta uma tensão de formação esportiva no início do século XX entre o amadorismo e a cientificação do treinamento, dentre outras questões das transformações do fenômeno esportivo.

3 Filme dirigido por Leni Riefenstahl, composto por duas partes. A parte I, intitulada de "A festa do povo", e a parte II, denominada "festival da beleza".

4 Filme de 1981 dirigido por Hugh Hudson.

Não há como negar que “esporte e cinema ao mesmo que expressam representações, princípios, sentidos e significados constantes no século XX, também foram fundamentais na consolidação desses” (MELO, 2003, p. 176).

O nosso olhar nos encaminha para a compreensão de que foi com imagem movimento, cronofotografia e posteriormente o cinema, que o esporte afirma algumas de suas mais importantes características, tais como a busca por uma *performance* excelente e a alta competitividade. A primeira foi desenhada a partir de das análises cinéticas dos gestos corporais na cronofotografia, potencializando um estudo do rendimento corpóreo impensado para épocas passadas. A segunda característica fortaleceu-se pela própria representação do esporte nos filmes que, por sua lógica espetacular, favorecia o destaque no sentido agonístico das práticas esportivas, mesmo que tangenciando outros temas.

Novamente, a imagem, produto cultural e expressão técnica de certo período histórico, contribui para a formulação de uma representação do esporte que, cada vez mais, aproxima-se da compreensão atual que temos hoje dele. As transformações seguintes será uma imersão na espetacularização das práticas, que potencializam a sedução das imagens e autonomizam o telespetáculo esportivo.

Voyeur esportivo: sedução e prazer no esporte contemporâneo

Não só no esporte, mas em variadas práticas é possível perceber um processo de espetacularização dos ambientes sociais, em que, notadamente, as relações inter-pessoais são mediadas por imagens espetacularizadas (DEBORD, 1997).

Com o advento das imagens videográficas, em especial a televisão, a potência de difusão de um apelo sensível das práticas esportivas ganhou sua amplitude máxima. A construção de um ideal esportivo possível a partir deste veículo é, segundo Bourdieu (1997) ao referir-se às Olimpíadas, a produção dos Jogos Olímpicos como um espetáculo televisivo. Este mesmo autor afirma que este movimento é “um conjunto

de relações objetivas entre os agentes e as instituições comprometidos na concorrência pela produção e comercialização das imagens e dos discursos sobre os jogos” (BOURDIEU, 1997, p. 125).

Segundo a ótica da espetacularização e suas implicações estéticas, o espetáculo esportivo atual apresenta-se como fenômeno estruturado não apenas para o jogar, mas também para o admirar; o assistir... E, acompanhando essa lógica, o esporte assume componentes comerciais, políticos, econômicos e performáticos para adquirir a designação de esporte-espetáculo (BETTI, 1998).

Ao contrário de outros momentos históricos, donde o esporte tinha um caráter demasiado rígido e tecnicista, talvez o esporte atual sob a lógica espetacular esteja aproximando-se de sua compreensão original que, ainda no século XIV, remetia ao entretenimento e à diversão.

(...) de acordo com o modelo disciplinar tradicional, o esporte estava associado à ascese. Como o esporte devia servir para controlar desejos corporais, suas conotações eróticas inerentes deviam ser também caladas. Hoje, essas têm permissão de aparecer à luz clara. O esporte contemporâneo é uma das esferas em que a relação intrínseca entre o estético e o erótico recebe permissão de manifestar-se. (Welsch, 2001, p. 145-146)

Tendo como ponto de partida a interferência midiática, Betti (1998) considera que a associação entre o esporte e a televisão, vem alterando progressiva e rapidamente a prática do esporte e a percepção que dele temos. Ao trabalhar com a lógica da espetacularização, a televisão fragmenta e descontextualiza o fenômeno esportivo, construindo uma realidade autônoma: o telespetáculo esportivo.

A imagem televisiva vem favorecendo uma maior apreciação do fenômeno esportivo e também gera uma mudança estética significativa no mesmo. Marchi Jr. (2003) explicita esse fato ao analisar a entrada do voleibol na programação das grandes redes de televisão. Ele nos diz:

Temos que o processo de inclusão do esporte na televisão exigiu das entidades diretas do Voleibol uma readaptação da modalidade nos conceitos

de competitividade, emotividade, dinâmica e duração das partidas. Por exemplo, a introdução de novas regras para o Voleibol certamente aprimorou o layout da modalidade como produto de comercialização para as redes de televisão, haja vista a redução do tempo de transmissão das partidas, em média, de 25% nos jogos masculinos e 15% nos femininos. Em essência, essas modificações visaram constituir o esporte em um produto de televisão para telespectadores passíveis de gerir um exponencial potencial de consumo. (MARCHI JR., 2003, p. 6)

As mudanças no *layout* do esporte, não só o voleibol, a partir de sua transmissão televisiva implica em outras possibilidades de apreensão deste. Ao representar o esporte, o veículo televisivo formula protótipos espetaculares de atleta, de jogo, de jogada e, por conseqüência, de esporte.

Como fenômeno sociológico, todavia, a televisão é capaz de criar gostos e propensões, necessidades e tendências, esquemas de reação e modalidades de apreciação, que acabam por tornarem-se determinantes para a cultura, até mesmo no terreno estético. (BETTI, 1998, p. 43)

Segundo Betti (1998), a transmissão televisiva do esporte deve ser entendida como uma nova forma de comunicação que não cria uma estética própria, mais adapta o fenômeno aos seus códigos, a um novo formato no qual o som, a imagem e a narrativa se mesclam continuamente.

Assim, a experiência que se vivencia na apreciação de uma imagem televisiva, esportiva ou não, é fruto de uma construção modificada do fenômeno real pelo meio que o veicula, no caso, o aparato televisivo, a exemplo do que acontece com a fotografia e o cinema.

A imagem televisiva não contém, pois, nela mesma, a completude de interfaces encontradas no objeto que ela representa e por isto não se basta enquanto essência do que se vê, mas sim na evocação do que se vê. Ao propor reflexões sobre a incompletude da imagem, Wolff (2005) nos

esclarece que para além da imagem não requerer necessariamente todas as características de um objeto, ela também representa apenas uma possibilidade de representação de uma realidade. Pensamos que essa representação também pode ser interpretada de diferentes formas se considerarmos a presença daquele que aprecia e que, na sua apreciação, pode evocar suas mais significativas lembranças, afetos e sentidos existenciais diversos.

A característica de sensibilizar e significar através de apelos estéticos, que não necessariamente dialoguem com a vitória, *o record* e o desempenho máximo, talvez seja a principal modificação da construção das imagens esportivas atuais. Muito além do avanço tecnológico de produção e transmissão, essa modificação do foco transmuta uma compreensão ampliada de esporte que extravasa o campo normativo da competição para significar pelo que sensibiliza o telespectador.

Um bom exemplo deste fato é o foco delimitado para eventos específicos em âmbito esportivo. Tomemos como exemplo a veiculação televisiva recorrente da imagem referente à atleta Suíça, Gabriele Andersen Scheiss, na linha de chegada da prova de maratona da Olimpíada de Los Angeles (1984).



Imagem/ Image 9: Sacrifício espetacular/ spectacular sacrifice.

Fonte/ Source: [on line] Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/olimpiadas>

A imagem em questão apresentava um paradoxo. A atleta apresenta-se notadamente exausta e decidida a completar a prova. O contexto em que se insere esta cena apresenta um pódio já definido por atletas que obtiveram os melhores tempos do dia, algumas desistências de concorrentes durante a prova e um estádio repleto de espectadores na expectativa de aplaudir o melhor desempenho humano em cada prova, para configurar o campeão, como de costume. Este cenário já bastava na representação de um evento esportivo unicamente balizado pela competição, no entanto, este evento esportivo em especial não reverenciou a *campeã da prova, mais sim a última classificada, e por quê?*

Os objetivos atrelados à veiculação dessa cena esportiva indicam uma impressão estética que se opõem ao ideal olímpico "*citius, altius, fortius*"⁵ e, portanto, a imagem não carrega consigo a atração pelo viés da harmonia e perfeição que a demais cenas esportivas carregam, mas busca uma aproximação com a dramatização do evento. Apesar de forte e agressiva, a imagem de uma atleta cambaleando para sustentar os últimos passos em direção a seu objetivo incita um sentimento de admiração, superação e compaixão para com a atleta.

A estética dessa cena é a face embrutecida do espetáculo esportivo, no entanto, a partir do enfoque televisionado, do telespetáculo esportivo, essa mesma imagem pode desencadear uma sensação prazerosa de pertencimento para com aquela atitude corajosa da atleta, e é exatamente esta a indução possibilitada pela ofertada de apreciação das cenas.

Neste sentido, o espetáculo é pensado como um evento que

Possui uma natureza quente, procura impactar nossas emoções, sentimentos e sensibilidade, fazendo-nos rir, chorar ou exaltar. Um bom espetáculo deve aumentar nossa carga emotiva, faz crescer nossas emoções e, no final, permitir sua descarga, embora ao longo do mesmo existam

5 Expressão do Latim que evoca o desejo de ser o mais rápido, o mais alto e o mais forte e assim elevar o desempenho humano nas provas olímpicas.

descargas parciais da emotividade. Um espetáculo que não nos comove deixa de sê-lo e torna-se sem graça, contra nossos gostos, contra aquilo que esperamos que proporcione (LOVISOLO, 1997, p. 83).

Nesse cenário telespetacular do esporte, geralmente promovido pela divulgação midiática, até o trágico sacrifício humano (MELO, 2003) no esporte rendimento tem conotação de algo belo. É o que Soares (2002) chama de estetização do sacrifício, referindo-se aos excessos corporais proporcionados, ocultando dor e reprimindo a expressão de seu corpo, em severos treinamentos para a perfeição técnica. Por outro lado, os atos imperfeitos, feios ou incorretos podem assumir o status de belo no esporte por meio de sua eficácia, sua *performance* ou seu efeito sensibilizante na produção de sentido da imagem, como no exemplo acima.

As imagens esportivas televisionadas, geradoras de boa parte dos sentidos atrelados a este fenômeno atualmente, proporcionam muito mais uma ampliação da compreensão esportiva do que propriamente a reedificação do modelo disciplinar que regia o esporte até o presente momento. As imagens televisionadas do esporte, e todas as outras que as acompanham, assumem uma postura de significação aberta bem diferente da função pedagógica das imagens fotográfica que formulavam os manuais de ginástica e jogos no século XIX ou da função analítica e competitiva que permeava a cronofotografia e o cinema dos séculos XIX e XX.

Na leitura de imagens, é possível uma compreensão do conceito esportivo atual?

É a partir da tese de que “as imagens adquirem significados não apenas pelo que exibem, mas pelo que em nós reverbera no momento em que somos chamados a observá-las” (GOELLNER e MELO, 2001, p. 125)

que buscamos pensar as funções destas na constituição da compreensão do esporte na história. Os momentos e as fontes requisitadas foram intencionalmente selecionados para demarcar momentos importantes da história dos esportes em associação com algum tipo de imagem que o representava em cada período histórico. Na síntese, admitem-se funções diferenciadas para as imagens esportivas em cada momento histórico que coadunam com o ideal esportivo correspondente.

A fotografia teve seu papel pedagógico junto às instruções dos manuais ginásticos e de jogos no século XIX, muito mais do que ilustração essas tinham papel de demonstrar o movimento em sua perfeita execução na linha cientificista que a ginástica permeava naquela época. A cronofotografia, no segundo momento de destaque, assume um papel analítico do movimento humano na busca de um melhor aproveitamento de um gesto motor para desenhar um ideal de performance que será melhor desenvolvido nos enredos e temas desenvolvidos pelo cinema já nas primeiras décadas século XX. Este momento é de afirmação de um caráter competitivo por excelência, próprio do movimento desportivo generalizado que surge na França neste período.

Já as imagens televisionadas, foco do terceiro momento de debate, assumem papel de sensibilizador do fenômeno esportivo. Nelas estão presentes, em destaque, diversas significações. Todas no sentido de extasiar o telespectador acarretando uma possibilidade de ampliar a compreensão do esporte.

As consequências deste movimento é que práticas corporais diversas aceleram seu processo de esportivização por conterem em sua essência e, por consequência, em suas imagem o caráter emotivo que sensibiliza o telespectador; bem como o foco competitivo do fenômeno esportivo negocia seu espaço com outras nuances do esporte, desestabilizando sua categórica definição via perfil agonístico.

Não almejando fazer juízo de valor sobre esta transformação, fica neste momento o questionamento de como é possível definir o esporte atualmente. O indicativo que queremos apontar é que, a partir das

imagens é possível refletir sobre a condição atual do conceito esportivo. No entanto abre-se uma larga agenda de pesquisa dado a multiplicidade de possibilidades de produção de imagem do esporte atualmente. Fotografia, cinema, televisão aberta e canais fechados de televisão, imagens veiculadas na internet, dentre outras possíveis estão negociando a todo tempo uma compreensão atual do esporte e, muito provavelmente, somente a partir do diálogo com estes diferentes veículos que se poderá construir uma síntese fiel do que compreendamos atualmente sobre esporte.

Referências

ARAÚJO, Allyson Carvalho. 2006. *Um olhar estético sobre o telespetáculo esportivo: contribuições para o ensino do esporte na escola*. Natal, RN. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 178 p.

AUMONT, Jacques. 1993. *A imagem*. Campinas, Papirus, 317 p.

BAECQUE, Antoine de. 2008. O corpo no cinema. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). *História do Corpo: as mutações do olhar – o século XX*. Petrópolis, Vozes, p. 481-507.

BETTI, Mauro. 1998. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas, Papirus, 190 p.

BRACHT, Valter. 2003. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 2ª Ed. Ijuí, Unijuí, 154 p.

BOURDIEU, Pierre. 1997. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 143 p.

COLI, Jorge. 2005. O invisível das imagens. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Muito além do espetáculo*. São Paulo, Editora Senac São Paulo, p. 80-92.

GOELLNER, Silvana Vilodre & MELO, Victor Andrade. 2001. Educação física e história: a literatura e a imagem como fontes. In: CARVALHO, Yara

Maria de & RUBIO, Kátia (Org.). *Educação Física e ciências humanas*. São Paulo, Hucitec, p. 115-128.

LOVISOLO, Hugo. 1997. *Estética, esporte e educação física*. Rio de Janeiro, Sprint, 171 p.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. 2003. Voleibol e mídia: lances de um “jogo” desconhecido. In: Congresso Brasileiro de Ciências do esporte, XIII, Caxambu, 2003. Anais do *Conbrace*. 1:1-12.

MEDEIROS, Maria Beatriz. 2005. *Aisthesis: estética, educação e comunidades*. Chapecó, Argos, 185 p.

MELO José Pereira. Sacrifícios do corpo. 2003. In: ALMEIDA, M. da Conceição; KNOBBE, Margarida & ALMEIDA, Ângela (Org.). *Polifônicas idéias*. Porto Alegre, Sulina, p. 165-171.

MELO Victor Andrade. 2006. Educação Física, esporte-espetáculo e imagem: computador, televisão, cinema e publicidade – origens históricas. In: Congresso de Ciências do Esporte da Região Norte, I, Macapá, 2006. Anais do *Conceno*. 1:1-23.

_____. 2003. Memórias do esporte no cinema: sua presença em longas-metragens brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 25(1): 173-188.

NOVAES, Adauto. 2005. A imagem e o espetáculo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Muito além do espetáculo*. São Paulo, Editora Senac São Paulo, p. 8-15.

SOARES, Carmen Lúcia. 2002. *Imagens da educação no corpo*. Estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 2ª Ed. Rev. Campinas, Autores Associados, 145 p.

_____. 2001. Imagens da retidão: a ginástica e a educação do corpo. In: CARVALHO, Yara Maria de & RUBIO, Kátia (Org.). *Educação Física e ciências humanas*. São Paulo, Hucitec, p. 53-74.

_____. Corpo, prazer e movimento. 2002. *Sesc, verão, corpo feliz*, 1(1): 15-23.

VIGARELLO, Georges. 2008. O corpo trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain (Org.). *História do Corpo: da revolução à grande guerra*. Petrópolis, Vozes, p. 393-478.

WELSCH, Wolfgang. 2001. Esporte - Visto esteticamente e mesmo como arte? In: ROSENFELD, Denis L (Org.). *Ética e estética*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, p. 142-165.

WOFF, Francis. 2005. Por trás do espetáculo: o poder das imagens. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Muito além do espetáculo*. São Paulo, Editora Senac São Paulo, p. 16-45.

O ESPORTE CONFESSADO NA ESCOLA: Reflexões sobre práticas esportivas no contexto escolar no início do século XX

Maria Helena Câmara Lira

Centro de Memória do Esporte e da Educação Física

Rita Cláudia Batista Ferreira

Centro de Memória do Esporte e da Educação Física

INTRODUÇÃO

Estudar o Esporte enquanto fenômeno social, seus princípios no treinamento esportivo e sua história é algo bastante comum no âmbito da educação física seja na forma de artigos, tese, como objeto de congressos e debates. Ao pensar nos programas de ensino ou propriamente nas aulas de educação física logo nos vem a lembrança da prática de Esporte¹. Este pensamento foi e vem sendo constituído na sociedade por vários fatores que podem ir desde a relação estabelecida

1 O entendimento de Esporte presente neste texto se remete a um fenômeno da modernidade, que, desde o final do século XVIII, apresenta características marcantes em sua prática social, como: formação de clubes, formação de profissionais na área, produção de mercado ao seu redor. Portanto, não é uma prática que se encerra em si, pois gera influências para além de suas especificidades (MELO, 2007).

pelo senso comum de que Educação Física é Esporte, e é comum pensar que este *reduz* a violência, *tira* os jovens das drogas, que Esporte é saúde, que é componente para a ressocialização de indivíduos; da experiência enquanto estudante; da ênfase dos meios de comunicação aos Esportes, seja ele como forma de educação, lazer, alto-rendimento; o incentivo dos governos através de patrocínio, bolsa-atleta e daí até a possibilidade de ascensão social.

Essa predominância da prática do Esporte na Educação Física pode estar associada, além desses fatores já citados, à concepção de espaços para o desenvolvimento deste conhecimento na escola. A construção de espaços para aulas de Educação Física, em sua grande maioria, restringe-se a quadras poli-esportivas, deixando de reconhecer as necessidades dos outros espaços, como salas para dança, ginástica e lutas. Além da questão dos espaços, há a questão do acesso aos materiais que, em geral, também são esportivos. Tatames, trampolins, equipamentos de som, que são recursos necessários para a organização do conhecimento, dificilmente são vistos nas escolas. Todo esse conjunto de fatores facilita o acesso ao conhecimento do universo esportivo, ao mesmo tempo em que limita o acesso aos demais conhecimentos da cultura corporal.

No Brasil, o Esporte tem sido um dos conteúdos pioneiros na Educação Física. Entretanto, se tem quase que um referencial obrigatório que no final do século XIX a ginástica era predominante e na virada do século, início do século XX, o Esporte 'substituiu a ginástica'. Compreender a História da Educação Física por esse viés é entendê-la de forma linear. As práticas corporais se completavam, podendo até serem confundidas.

Desde o início do século XX, o Esporte já era uma prática que aparece de forma significativa entre a população, podendo inclusive ser apreendido como um elemento que possibilita a explicação acerca do processo civilizador brasileiro².

2 A respeito do esporte como elemento do processo civilizador brasileiro, ver Lucena (2001) em *O Esporte na Cidade*.

É possível que esta prática tenha se estabelecido entre a população – prática social – pelo seu caráter lúdico, tomando ruas, praças e a própria escola, constituindo-se posteriormente como prática legal.

Seguindo o viés da História, investigaremos neste artigo, o Esporte no contexto da Educação Física Escolar. Para tanto, objetivamos compreender a influência do fenômeno esportivo, no início do século XX, fazendo um apanhado acerca desse assunto no cenário escolar de uma forma geral e, ressaltando ainda, algumas especificidades das experimentações esportivas presentes na *Academia Santa Gertrudes*, escola confessional presente na cidade de Olinda/PE, no período datado.

Compreendendo o espaço formal de Educação e os caminhos trilhados pelo Esporte na Educação Física

Compreendemos a escola como um espaço de educação formal que, por meio da apropriação dos conhecimentos historicamente construídos pela humanidade, deve possibilitar aos indivíduos compreendê-los e reelaborá-los. É preciso que esta relação seja contínua e inseparável da ação e intervenção do homem consigo mesmo e com o coletivo o qual também compõe.

Nessa relação de compreensão, apropriação e reelaboração do conhecimento é fundamental entender que essas condições constituem constantemente os indivíduos e as estruturas sociais. Com isso, deve-se reconhecer que o conhecimento não é estanque, mas dinâmico, que o conhecimento é construído em uma relação do indivíduo com outros indivíduos, além do desenvolvimento social, cultural, político, econômico, e que não devem ser observados separadamente, mas que se articulam e se complementam na perspectiva da formação de um todo social.

Na tentativa de compreender a formação deste todo social a escola tem papel fundamental não apenas na relação com o conhecimento (esta relação por si só deixa de ter sentido), mas na relação humana que se estabelece com o conhecimento. Conhecimento há em todo lugar,

no entanto, a escola deve selecioná-lo, organizá-lo e sistematizá-lo de maneira compreensível aos que o acessam.

Contudo, as escolas brasileiras não agregaram, prioritariamente, funções que se ligavam à seleção, organização e sistematização dos saberes, mas se preocuparam, entre outros valores, com a manutenção, ascensão e controle social.

Para Romanelli (2003), a educação brasileira foi constituída em classe, com características que bem distinguiam a aristocracia rural; mesmo quando a demanda social de educação começou a aumentar, atingindo as camadas mais baixas da população e obrigando a sociedade a ampliar sua oferta escolar, esta relação não foi diferente.

Diante dos estabelecimentos dessas relações, parece haver um grau elevado de consideração aos trabalhos intelectuais, aos saberes intelectuais, tendo em vista que a classe dominante e intermediária, como afirmou Romanelli (2003), precisaria manter-se (classe dominante), ascender (classe intermediária) e controlar as classes servis, para tanto os saberes deveriam ser diferenciados.

Sabemos que as escolas brasileiras recebem influências das instituições européias, que ao chegarem aqui traziam seus modelos de escola, educação, currículos. As práticas de ginástica, esporte, já faziam parte daquele contexto e no Brasil também vão se difundindo.

Essas influências trazem consigo suas estruturas, e não acreditamos que por uma imposição, mas por uma aceitação mútua entre os brasileiros e imigrantes, o exercício físico vai tomando salas e pátios das escolas.

Um dado importante a reconhecer nesta relação de aceitação refere-se à forma pela qual a Educação Física foi sendo justificada: o caráter higienista que possibilitaria a formação de homens sadios em hábitos, costumes e pensamentos. É possível que este seja um indício da inserção nos currículos escolares, considerando que este argumento foi aceito e recebido pela população brasileira.

Ao discutir acerca da História do Currículo, Goodson (1995) afirma que esta oferece algumas "pistas para analisar as relações

complexas entre escola e sociedade, porque mostra como as escolas tanto refletem como refratam definições da sociedade sobre o conhecimento culturalmente válido em formas que desafiam os modelos simplistas da teoria da reprodução" (p. 114).

Por isso, é importante reconhecer a posição de que existe uma relação de aceitação entre o que se tinha nas escolas brasileiras e os novos modelos que chegam. Nesta relação há aproximações e distanciamentos das definições da sociedade formada no que se refere ao conhecimento que culturalmente vai se validando e sendo reconhecido na sociedade e nos currículos escolares.

O esporte e as atividades físicas institucionalizadas chegam ao Brasil junto à importação dos modismos e bens culturais europeus³. Para Betti (1991), duas influências marcam fortemente a implantação das práticas esportivas no Brasil.

A primeira refere-se à influência dos estudantes da elite brasileira que ao retornarem das universidades européias traziam hábitos daqueles países. A outra influência é a dos próprios imigrantes como um fator relevante a ser considerado no desenvolvimento do campo esportivo no Brasil. Esses trouxeram o hábito e o desejo de estruturar clubes, organizar competições esportivas e até mesmo ensinar práticas ligadas às atividades físicas e esportivas.

Diante dessas influências, percebe-se que o Esporte vai permeando os hábitos da população brasileira, constituindo-se enquanto uma prática social.

Nesta perspectiva, fica difícil reconhecer a linearidade que é colocada à questão ginástica e esporte na Educação Física. Para ajudarmos a compreender esta questão refletiremos a partir das considerações de três autores que apontam aproximações acerca da inserção do Esporte nesta disciplina escolar.

A esse respeito, Melo (1998) pergunta: "Qual(is) teria(m) sido o(s) conteúdo(s) desenvolvido(s) na Educação Física brasileira no século XIX,

3 Ver Melo (2001).

momento de sua introdução em nossas escolas? Teria sido a ginástica ou o esporte?" (p. 48); essas são questões que servem como ponto de partida para o autor discutir sobre os conteúdos tratados na inserção da Educação Física nas escolas brasileiras.

Para ele desde o século XIX já se podia encontrar em muitas escolas a atividade física sendo oferecida nos currículos, nos diferentes níveis de ensino, bem como uma forte preocupação governamental que era refletida na legislação daquele momento.

Diante da possibilidade do Esporte e da Ginástica terem dividido o mesmo espaço, Melo (1998) atribui a diferenciação na ênfase de acordo com a região e com a escola. Isso se deve ao fato de que o desenvolvimento tanto das escolas como das regiões, ou seja, o desenvolvimento urbano de maneira mais geral, está atrelado às questões que envolvem a imigração no país, que trazia consigo todas as suas práticas, costumes, cultura, inclusive a corporal.

Uma questão bastante interessante é apontada por Pagni (1997) acerca da inserção do Esporte nas escolas brasileiras e da Ginástica (exercícios físicos). O autor aponta que o esporte parecia não exigir tantos sacrifícios para o corpo como os exercícios físicos. Sua prática ligava-se a um caráter mais espontâneo e a uma visão de "contato com a natureza", desenvolvida por algumas pessoas, praticada aos domingos e feriados, aglutinava não só praticantes, mas também espectadores.

O Esporte foi contestado por médicos, jornalistas e escritores; esses afirmavam que o Esporte trazia efeitos nocivos à juventude, estimulando a pronúncia de um vocabulário de baixo escalão, promovendo a violência, o abandono dos estudos, do cultivo da inteligência e do espírito.

...esses intelectuais [médicos, jornalistas e escritores] recriminavam o esporte pelo fato de mobilizar e liberar os instintos e as paixões humanas de modo desordenado, ao invés de contê-los, prejudicando a formação moral e intelectual da juventude. Tais recriminações ao esporte parecem justamente mostrar o contrário do que

os seus entusiastas defendiam: sua capacidade em aprimorar a constituição física das pessoas... (PAGNI, 1997, p. 72).

Para o autor, a capacidade de inserção e aceitação popular parecia o único fato que envolvia opositores e entusiastas do esporte. No entanto, toda polêmica gerada em torno do esporte vai surtir uma discussão pedagógica sobre este tema, tentando adequá-lo à idade e incluindo-o em um programa de Educação Física.

Ao analisar a inserção da prática do esporte no contexto escolar, Lucena (2004) chama-nos atenção para uma questão bastante peculiar na relação Esporte⁴ e Ginástica, considerando que os mesmos elementos que moldam o gosto pela prática esportiva e que surgem no contexto social específico da segunda metade do século XIX e início do século XX, no Brasil, vão dar subsídios para uma argumentação em favor da ginástica no contexto escolar. Esses elementos estão baseados em um crescente processo de diferenciação individual, na necessidade de refinamento dos comportamentos e de uma auto-censura mais abrangente.

Para o autor, o Esporte teve na escola mais um espaço de disseminação e desenvolvimento. Diferentemente do que nos é dito, o Esporte se fazia presente nas escolas, não como em uma simples diferenciação com a Ginástica, mas naquilo que chama de "dualidade relacional", sendo ambos parte do mesmo princípio que animava a ação daqueles que dirigiam e freqüentavam a escola ainda no século XIX. *Nesta perspectiva, sugere que a distinção se processa no caminho da racionalização acerca das práticas corporais realizadas nas escolas no século XX.*

A reflexão apontada é, sob nosso ponto de vista, bastante pertinente. Pois, ao considerar que o Esporte e a Ginástica são ações complementares que apontam para um mesmo processo de inter-

4 O conceito de Esporte discutido por Lucena neste texto baseia-se na linha de análise proposta pelo sociólogo alemão Norbert Elias.

relação, entendemos que o Esporte não pode ser explicado por si mesmo, mas apenas na relação com o conjunto de atividades sociais e corporais.

Vai ficando cada vez mais relacionada com o esporte aquela prática que muitos de nós aprendemos a ouvir chamar de ginástica. Ou seja, acreditamos que em muitos casos, quando nossos instrutores falavam sobre a ginástica, reportavam-se a ações referentes às práticas esportivas (LUCENA, 2004, p. 162).

Destacamos o reconhecimento de totalidade que é dado ao conhecimento que envolve a Educação Física. Se o Esporte e a Ginástica são complementares e não antagônicos, ao tratá-los "isoladamente" é apenas com fins pedagógicos. Esse sentido proposto dá à Educação Física um corpo de conhecimento, um objeto a ser estudado na educação formal.

Em cima dessa breve reflexão acerca do Esporte no arcabouço escolar, trazemos para o debate alguns desdobramentos dessa prática em uma escola privada, principalmente nos de 1930, fazendo uma articulação desse cenário com enunciados presentes em impressos que circularam na região estudada.

Confessando o Esporte como prática hegemônica na Educação Física

Diante de toda discussão levantada até então, a nossa tentativa vem sendo a de provocar algumas reflexões acerca da relação entre o Esporte, a Escola e a disciplina escolar Educação Física, sem pretensões de esgotar esse assunto.

Por conseguinte, trazemos algumas especificidades acerca da incrementação do esporte em uma escola confessionalmente católica, considerando que nos de 1930 grande parte das escolas privadas do Estado de Pernambuco eram dirigidas por congregações religiosas⁵,

5 Para mais informações acerca das congregações religiosas que se fizeram presentes no Estado de Pernambuco para fundar escolas confessionais ver

o que, de certa forma, influenciou na consolidação de algumas práticas sociais e na conjuntura da educação formal nesse Estado. Dentre essas práticas destacamos que as experimentações acerca do Esporte foram pautadas em recomendações que ajudaram a desenhar a forma como o este emergiu no ambiente escolar, no período em pauta, o que evidenciou novas proposições sobre a educação do corpo.

Não se pode negar a atenção e os cuidados atribuídos ao corpo em instituições religiosas. Comportamentos, gestos e expressões, eleitas enquanto adequadas, são conferidas a práticas corporais que não deixam de evidenciar o discurso moral e disciplinador que sobre elas deve passar. Dessa forma, como o esporte se apresentaria em uma escola confessional?

Dialogando acerca dessa provocação chamamos a atenção para as Beneditinas Missionárias, fundadoras de algumas escolas no Estado de Pernambuco com a ajuda dos Monges Beneditinos, as quais nomearam sua primeira escola nesse Estado por *Academia Santa Gertrudes*, onde, em 1912, foi reconhecida oficialmente pelo então Governador, Rosa e Silva.⁶

A *Academia* era uma escola feminina, com oferta de internato, onde suas mulheres deveriam assumir um comportamento virtuoso diante da doutrina católica, seguindo os ensinamentos litúrgicos, revestindo-se das regras de boas maneiras e conduzindo seus corpos sobre o decoro⁷ e a ordem religiosa.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **Igreja Católica no Brasil: uma trajetória reformista (1872-1945)**. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

6 Para maiores esclarecimentos ver LIRA, M.H.C.. **Academia das Santas Virtudes: A educação do corpo feminino pelas beneditinas missionárias nas primeiras décadas do século XX**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CE. Educação, 2009.

7 O sentido da palavra decoro utilizado neste texto foi concebido a partir da perspectiva apresentada por Santos & Aguieros (1999), na qual ressalta a ideia de respeito às normas sociais que servem para delimitar e regular a interação entre as pessoas.

Ao estudar o cotidiano dessa escola, durante pesquisa em nível de mestrado realizada entre os anos de 2007 e 2009, tivemos a oportunidade de entrar em contato com o arquivo da *Academia Santa Gertrudes*, no qual há alguns registros sobre a consolidação dessa escola.

[...] as palavras ou os vestígios que nos chegam do passado são como conchas de clamores antigos. As palavras e os vestígios são signos que possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. (ALBUQUERQUE Jr., 2007, p.91)

A memória das Beneditinas preservada no arquivo não deve ser considerada como uma totalidade homogenia do passado ou uma totalidade dos fatos. No entanto, esses vestígios que chegam do passado estão sempre em busca de preservar a ideia de uma essência que atravessa os tempos.

O documento investigado possibilitou a visualização de algumas questões que podem ter acontecido no transcorrer dos primeiros anos em que essas estrangeiras se ocuparam em terras brasileiras, além de trazer informações acerca dos costumes doutrinários que envolviam a rotina e a educação do corpo das alunas da *Academia*. Dentre os registros que encontramos no arquivo da instituição estão os álbuns de fotografias que mostram apontamentos de atividades as quais vão além dos ensinamentos domésticos ou da “ginástica” com as agulhas de costura, o que era convencional para as escolas femininas desse período. Algumas fotografias, datadas no final dos anos de 1920 e no decorrer dos anos de 1930, demonstram uma preocupação em registrar práticas como a Dança, a Ginástica e até mesmo Esportes que não eram tão comuns entre o público feminino desse período, como é o caso do Basquete.

As imagens reveladas nas fotografias evidenciam experimentações de Esportes como o Vôlei e o Basquete em situações que se assemelham a um torneio ou festival, pois conta com a presença de um grande público constituído por alunas, religiosas e outros convidados que assistiam atenciosamente a desenvoltura esportiva das garotas dessa escola.

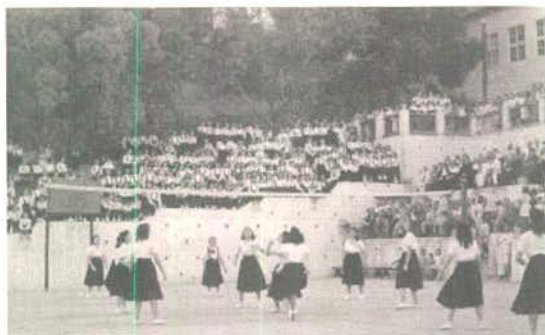


Imagem 1. ALUNAS JOGANDO VOLEIBOL. Alunas da Academia Santa Gertrudes jogando Voleibol na quadra da escola, sobre o olhar de vários espectadores. Foto presente no arquivo da Academia Santa Gertrudes, datada, aproximadamente, no final dos anos de 1930.

Com a quadra lotada para assistir às apresentações esportivas, as alunas não abriam mão de suas indispensáveis saias abaixo do joelho, entretanto, dessa vez elas se permitiram arregaçar as mangas e deixar cair os suspensórios para facilitar a execução dos fundamentos do Voleibol, Esporte muito recomendado para o público feminino nessa época.

Como principal responsável pela criação de uma raça forte, capaz de construir uma nação forte, a mulher estava proibida de participar de atividades físicas que apresentavam algum risco de lesão do útero. Como, na concepção da sociedade, a grande maioria dos esportes enquadrava-se nessa categoria, à mulher, recomendava-se a prática do Voleibol, do tênis, do atletismo, da natação da esgrima dos dois braços e de exercícios rítmicos. Tais práticas eram recomendadas por serem entendidas como atividades que, exigindo da mulher apenas um esforço moderado, agiriam sobre os músculos da bacia e formariam um belo corpo (SOUSA, 1994, p. 94).

O Voleibol, com sua ausência de contatos físicos, seria inofensivo para o corpo feminino, já o basquete era alvo de mais desconfiança por estabelecer uma aproximação maior entre os corpos. Mas, ainda assim, não deixava de ser praticado pelas alunas da *Academia Santa Gertrudes*.



Imagem 24. ALUNAS JOGANDO BASQUETE. Alunas da Academia Santa Gertrudes jogando basquete na quadra da escola. Foto presente no arquivo da escola, datada, aproximadamente, no final dos anos de 1930.

O Basquete não era uma prática tão comum entre as mulheres brasileiras por volta dos anos trinta do século XX. Eustáquia Sousa (1994) traz uma reflexão acerca desse Esporte demonstrando que sua experimentação não era bem vista por médicos do Estado de Minas Gerais, por exemplo, em virtude da possibilidade de confrontos corporais, o que o tornava uma vivência escassa nas escolas femininas e nos clubes.

Para facilitar a análise dessa temática e as provocações que surgem a partir das leituras das fotografias é preciso fazer um cruzamento entre algumas fontes que têm aproximações com o assunto e o período em questão. Dessa forma incluímos em nossa reflexão alguns impressos que circularam na cidade do Recife, que no período já era Capital de Pernambuco. As datas dos impressos se aproximam da que está em pauta e os assuntos tratados contemplam nossa discussão como vamos observar no decorrer do texto.

É válido citar que as pesquisas historiográficas que fazem uso de impressos como objeto cultural vêm demonstrando que esses documentos preservam indícios de práticas de funcionamentos sociais com condições de desvelar processos educativos. Tais documentos aparecem de forma mais precisa nesse universo de pesquisa a partir dos anos de 1990, proporcionando, inclusive, uma apreensão dos modos de funcionamento de campos educacionais (NUNES; CARVALHO, 1993).

Dentro dessa possibilidade de pesquisa o impresso é considerado não só como veículo de discursos pedagógicos, mas também, como um dos resultados de um sistema de regras que regulam o próprio processo de produção e difusão de determinados saberes. Portanto é preciso traçar um olhar analítico sobre os impressos não rejeitando a possibilidade dele se revelar como um produto de pedagogias, entendendo as pedagogias como esse sistema regulador.

O uso desses documentos como fontes historiográficas deve superar a noção de materialidade, que se resume em discutir apenas o suporte do impresso sem fazer articulações com as práticas de produção e o contexto social. Dessa forma consideramos que para tentar compreender ou explicitar alguns fatos históricos é preciso correlacionar os pretensos objetos com as práticas que circulam em seu arcabouço.

O contato com os impressos que subsidiam a reflexão deste artigo também foram usados no estudo de mestrado já citado, que se propôs a investigar a educação do corpo feminino em escolas confessionais nos primeiros anos do século XX.⁸ A partir de questionamentos como: *Quais recomendações de atividades físicas estavam presentes nos impressos dos anos de 1920 e 1930? Quais atividades físicas permeavam o cotidiano escolar nesse período, de forma especial nas escolas confessionais?*

Dentre o material estudado chamamos a atenção para o jornal *O Esporte*, que destacava prescrições de Esportes para o cenário escolar e não escolar.

8 Ver LIRA, M.H.C..

O jornal *O Esporte*, dirigido por Manoel Marqman, disponível no Arquivo Público da Cidade do Recife, sublinhava em diversas matérias a necessidade de se educar as crianças, mulheres e homens com práticas esportivas. As prescrições acerca dessa prática seguem por textos que constantemente citavam o desempenho superior dos Estados Unidos sobre o Brasil fazendo relação ao maior desenvolvimento do Esporte no primeiro.

A matéria intitulada "Educação Physica"⁹, por exemplo, diz que "*O americano compreende o 'mente sana corpo sano'*", cita ainda as práticas de esportes pelas garotas do Collegio Wellesley em Nova York, presentes em fotografia que ilustra o texto. Todas as meninas dispostas na imagem se destacam em algum Esporte, seja o vôlei, tênis, boliche ou hipismo. O autor se refere às garotas da seguinte forma: "*Notem os leitores a saúde que impera nesses rostos de moças sadias e fortes.*"

Portanto, a prática de Esporte na perspectiva do texto era defendida pela relação com o progresso e a saúde a ela atribuída. Com relação às mulheres não seria diferente, bastaria analisar a aparência saudável das americanas que se dedicavam a tais práticas, destaca o autor.

Há, ainda, textos que enfatizam um tom mais crítico direcionado ao público feminino que não realizava Esportes, contextualizando que essa era uma realidade comum no final dos anos de 1920. Cita que ainda iria custar muito tempo para as mulheres entenderem e aderirem aos Esportes, e que uma das razões disso seria a educação que recebiam a qual, para esse jornal, era pautada em uma tradição errada que fazia da mulher uma boneca mimada para qual todo o esforço seria perigoso.¹⁰

O jornal atribui às mulheres brasileiras uma preocupação muito maior com a moda e as danças em detrimento dos Esportes, dizendo inclusive que, para as mulheres, um vestido da moda e uns bons

9 Jornal *O Esporte*. Recife, abril de 1928. Disponível no arquivo público do Recife.

10 OS ESPORTES femininos. Jornal *O Esporte*. Recife, Abril de 1928.

passinhos de dança valeriam mais que todas as coisas desse mundo. Ainda ressalta que esse tipo de atitude também era apresentada por homens, "*almofadinhas*", que valorizavam a moda e os espaços fechados para a realização de danças mais do que os Esportes. No entanto, ressaltam que nada tem contra as danças, mas que elas deveriam ser realizadas em espaços abertos para que as pessoas pudessem respirar um ar puro, longe dos salões imundos e cheios de doenças.

A opinião do jornal *O Esporte* se mostra a favor da prática esportiva feminina e notifica que essa não acontecia com frequência entre as mulheres pernambucanas. Não se refere diretamente a tais práticas dentro das escolas, mas ressalta que esta não aderência aos Esportes seria consequência de uma educação pautada em tradições erradas.

Nesse sentido, podemos dizer que as Beneditinas registraram uma postura que não reforça a ideia de intervenção educacional apresentada por tal matéria, pelo menos no que concerne à prática esportiva, pois a estrutura física da escola e o material fotográfico disponível no arquivo revelam outra perspectiva.

A preocupação em ofertar espaços para a prática de exercícios se mostra nas crônicas das Missionárias desde o ano de 1915, onde há uma nota descrevendo o início da construção de uma sala de ginástica: "**Construção de uma sala de ginástica, e mais tarde ficarão mais classes anexadas**" (Crônicas. Internas e Escola. Novembro de 1915).

O investimento das Irmãs em organizar tais espaços surgiu paralelamente à construção das salas de aula e da construção da escola de uma forma geral.

As atividades dirigidas a tais práticas corporais eram realizadas simultaneamente pelas internas e externas matriculadas na instituição, que realizavam aulas de Ginástica e Esportes com direito a apresentações públicas, para seus familiares perceberem que os dotes agregados às meninas daquela escola não se restringiam às prendas domésticas, pinturas, costuras, músicas.

De acordo com Cavalcanti (1989), as atividades da *Academia* apresentavam uma atenção aos esportes, jogos e brincadeiras por conta

da influência das ideias de Froebel¹¹ nas intervenções que pautavam o cotidiano pedagógico dessa escola.

Froebel considerava as atividades lúdicas como um importante recurso utilizado pelas crianças para alcançar a aprendizagem, ou seja, para o autor, tais experimentações não seriam apenas meras diversões seriam também modos de criar representações do mundo com a finalidade de entendê-lo¹².

O fato de nos debruçarmos sobre uma análise que demonstra um destaque para a educação do corpo, em especial, neste artigo, aos esportes, não quer dizer que esta estava sobreposta aos valores intelectuais das escolas desse período, como a *Academia Santa Gertrudes*. Trazendo para o corpo, nesse caso, um olhar dual coerente aos princípios cristãos que norteavam significativamente a educação formal. Ressaltamos que não havia Educação Física sem que esta fosse perpassada pela Educação Moral, e as atividades não se mostravam aleatoriamente, sem uma sistemática, havia um contexto, uma teoria que justificava suas ações e que reforçava a disseminação de discursos hegemônicos.

Considerações Finais

No início deste artigo trouxemos algumas provocações acerca do estudo do Esporte como um fenômeno social, que ganhou espaço na escola se destacando, muitas vezes, como uma prática corporal hegemônica.

Os pontos abordados sublinharam a necessidade de reconhecer tal experimentação como uma criação humana que foi incorporada

11 O alemão Friederich Froebel (1782-1852) idealizador do Jardim de infância, defendeu a utilização de brincadeiras como forma de expressão para as crianças. Tem em sua autoria a obra *A Educação do Homem* (1826).

12 Cf. FERRARI, Marcio. Revista escola. Edição 160. março 2006. disponível na internet: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/friedrich-froebel>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2009.

aos saberes escolares através da Educação Física, o que nos permite compreender o homem não só como criador, mas reconhecer que toda criação tem a necessidade de ser compartilhada para que dela seja acrescida, retirada, reconstruída e possa ser parte constituinte da vida coletiva. Isso deveria acontecer, por exemplo, na escola, quando a prática do Esporte é vivida e revidada de diferentes maneiras e princípios, a depender da época em estudo.

Observamos ainda que, na medida em que o indivíduo vai constituindo individual e coletivamente a importância dessa criação, esta vai se afirmando enquanto um conhecimento (re)construído pela humanidade. E assim, constrói e marca aquele momento, que não significa ser este o começo nem o fim, pois servirá de base, ou já o é, para reelaborações que virão por meio da releitura do que se conhece daquele passado.

Estudar o Esporte na escola possibilitou-nos reconhecer que o corpo, vai para além do campo biológico, mas que o corpo social, que pode ser palco de permissividades e de punições, também é propagador de um discurso que lhe atribui utilidade pedagógica.

Reconhecemos que o Esporte estava presente no contexto social, assim também deveria como elemento da cultura do corpo, estar presente na escola. Pois, como vimos, a escola tem o papel de fazer essa síntese daquilo que advém da cultura humana. Neste sentido, vale ressaltar que nas primeiras décadas do século XX, o Esporte estava presente na escola, assim como outras práticas corporais. Devemos superar a visão linear fincada na área da Educação Física, entre a ginástica e o esporte. Embora compreendamos a superação desse discurso, reconhecemos a necessidade de avançar nos estudos históricos, no sentido de investigar e revelar outras práticas corporais latentes na escola e, para nós, ainda pouco conhecidas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Editora Movimento, 1991.

CAVALCANTI, Zaida Maria C. Educadoras Alemãs no Trópico: As Beneditinas da Academia Santa Gertrudes. Revista Ciência & Trópico, Recife, v.17, n. 1, p. 25-40, 1989. Disponível na internet: www.fundaj.gov.br Acesso em: 13 dez. 2006.

FERRARI, Marcio. **Revista escola**. Edição 160. março 2006. disponível na internet: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/friedrich-froebel>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2009.

FERREIRA, Rita C. B. **O Esporte como prática hegemônica da Educação Física: de onde vem essa história?**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CE. Educação, 2006.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: Teoria e História**. Petrópolis: Vozes, 1995.

LIRA, Maria Helena Câmara. Por uma geração mais forte: Os esportes femininos e os possíveis enunciados para uma possível qualidade de vida. In: SIMÕES, José Luís (Org.). **Educação Física Esporte e Qualidade de Vida**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

_____. **Academia das Santas Virtudes: A educação do corpo feminino pelas beneditinas missionárias nas primeiras décadas do século XX**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CE. Educação, 2009.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **Quando a Lei é regra: um estudo da legislação da Educação Física escolar brasileira**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desporto, 1994.

_____. **O Esporte na Cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados, 2001.

____. Notas para uma compreensão sobre a relação entre Esporte e Educação Física na Escola. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 155-165, setembro/dezembro de 2004.

MELO, Victor Andrade de. A Educação Física nas Escolas Brasileiras do século XIX: Esporte ou Ginástica? In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). **Pesquisa histórica na Educação Física brasileira**. vol. 3. Aracruz, ES: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998.

____. **Cidade Sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

____. **Dicionário do Esporte no Brasil**: Do século XIX ao início do século XX. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, através da sua Coordenação de Integração Acadêmica de Pós-Graduação, 2007.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **Igreja Católica no Brasil**: uma trajetória reformista (1872-1945). Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

NUNES, C.; CARVALHO, M. M. C. de. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos da Anped**, Belo Horizonte, n.5, p. 7-64, set.1993.

PAGNI, Pedro Ângelo. A Prescrição dos Exercícios Físicos e do Esporte no Brasil (1850-1920): Cuidados com o Corpo, Educação Física e Formação Moral. In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). **Pesquisa histórica na Educação Física brasileira**. vol. 2. Vitória: UFES. Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 28.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SANTOS, Christiane Souzados; AGUIEIROS, Gabriela Hasimoto. **O corpo e a intimidade**: os espaços de constrangimento In: MARTIS, José de Souza

(org.). Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole. São Paulo: Hucitec, 1999.

SCHNEIDER, Osmar; TOLEDO, M^a Rita de Almeida. A Revista Educação Física (1932-1945): fórmula editorial, prescrições educacionais, produtos e publicidade. **Revista Brasileira de História da Educação**. N. 20, p. 193-228, maio/agosto. 2009.

SOUSA, Eustáquia Salvadora. **Meninos, à marcha! Meninas à sombra! História do Ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897 -1994)**. Tese (Doutorado em Educação) _ Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 1994.

Crônicas

Arquivo de Academia Santa Gertrudes

Capítulo – **Internas e Escola**. Recife, março de 1903 – Abril de 1938

Jornais

OS ESPORTES femininos. **O Esporte**, Recife, p.03, abr. de 1928.

BARIONI, Horácio. Educação Physica. **O Esporte**, Recife, p.02, jul. de 1928.

O ESPORTE EM RECIFE EM MEADOS DO SÉCULO XIX: O caso do turfe no ano de 1859

Paulo Fernandes de Oliveira

Centro de Memória do Esporte e da Educação Física

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o desdobramento de uma pesquisa iniciada no ano de 2003 no curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, onde tivemos a oportunidade de fazer parte de um Projeto de Pesquisa denominado "Cidade, Ação e Sports: um estudo da introdução dos esportes em Recife", e que tinha como enfoque o estudo sobre a História da Educação Física e do Esporte nesta cidade.

Dentro do projeto de pesquisa existiam três linhas de trabalho. A primeira, esporte e cidade; a segunda, história da Educação Física Escolar e esportes na escola; a terceira, representações sócio-históricas do esporte. Ao longo da investigação, na linha de pesquisa Sport e Cidade, sobre o início das práticas desportivas na cidade de Recife no final do século XIX e início do século XX, pudemos perceber, que o esporte ocupava um lugar de destaque, pois trazia consigo características da modernidade por ser praticado nos países considerados modelo no período em questão.

Usando como suporte a teoria do sociólogo alemão Norbert Elias, pode-se fazer uma análise da sociedade recifense nesta época, percorrendo pelos conceitos e configurações trabalhadas pelo autor anteriormente citado, bem como os reflexos dessas relações no contexto esportivo. Inúmeras teses e trabalhos têm procurado entender a introdução das práticas esportivas na sociedade brasileira em meados do século XIX.

Portanto, atual e instigante, os estudos sobre a história do esporte, do lazer e da educação física no Brasil, podemos dizer, estão apenas dando os seus primeiros passos no sentido de trazer a compreensão um objeto que por muito tempo foi visto como algo menor no contexto das pesquisas históricas e sociológicas.

As mudanças na sociedade são de fundamental importância para o desenvolvimento das relações entre os indivíduos, bem como o modo como vivem os cidadãos de uma localidade. Essas mudanças influem intimamente na maneira de como essas pessoas vivem dentro da mesma e esse estilo de vida é regulado pelas regras que regem a vida dessa comunidade, o direito e suas leis é que comandam a vida em sociedade e dela dependem todas as decisões e atitudes a serem tomadas por uma determinada população.

Esse texto tem por objetivo traçar um paralelo entre as atividades desportivas no final do século XIX em relação às transformações políticas e econômicas da sociedade recifense nesse período. Tentando assim encontrar elementos que indiquem e expliquem a movimentação social dessa localidade de grande importância dentro do Brasil, usando para isso a análise dos esportes praticados na época. Buscando subsídios nas práticas de esportes altamente regulamentados que refletem um alto grau de desenvolvimento para essas sociedades onde eles estão inseridos.

Sabendo que aquele período foi de fundamental importância para o desenvolvimento da sociedade recifense, no que diz respeito à modernização, consolidando-se como grande centro econômico naquela época, bem como no campo jurídico com a regulamentação de normas que ainda até hoje influenciam e regem o comportamento de seus cidadãos.

RELAÇÕES SOCIAIS: UM OLHAR A PARTIR DO ESPORTE

Elias (1994) realizou uma análise a respeito do processo civilizador da sociedade alemã ao longo do tempo e através disso elaborou conceito para a explicação de fenômenos que ocorriam dentro da mesma, a partir dessa análise ele diferencia dois grupos de indivíduos diferentes, ou seja, duas configurações sociais distintas. O que indica uma sociedade estratificada, onde as relações são bastante hierarquizadas, evidenciando a presença dos estabelecidos e os outsiders.

Os que estavam preparados para participar das atividades desportivas, pois são da classe dominante e tem conhecimento das regras. Os excluídos das atividades desportivas por não atenderem aos requisitos para participarem dessas atividades.

Essa prática carrega consigo um caráter mimetizador, onde há uma representação de uma "guerra", onde não há feridos nem mortos, ou seja, existe a extrapolação controlada dos instintos e sentimentos, mas sem o risco eminente de morte para nenhum dos atores dessa batalha/ jogo. Essa simulação guia-se dentro de um sistema altamente regulamentado controlado por regras que visam controlar a prática do esporte, podendo assim o indivíduo liberar a sua tensão interior com segurança.

Existe implícito o aspecto da excitação e do controle das emoções, trabalhado por Elias & Dunning (1992), onde a regulação desses desvios de padrões de comportamentos era buscada através de normas altamente rígidas e que o seu descumprimento será passível de uma punição. É o respeito a essas regras que regulam as relações da vida em sociedade. Este aspecto está bastante presente nas práticas desportivas que seguem regras altamente sofisticadas, característica presente nas sociedades altamente desenvolvidas.

Nesta análise aqui feita outro conceito de Elias também se faz presente "o habitus", aqui colocado como a mudança de comportamento dos indivíduos durante a prática das atividades desportivas. O comportamento dos indivíduos pertencentes às mais altas castas da

sociedade era guiado por uma educação elitista e refinada própria das sociedades mais desenvolvidas. No momento das disputas há uma transposição das emoções levando o participante a entrar em uma espécie de transe consciente, aonde vem à tona a sua porção mais irracional e primitiva, mas que durante essa prática é permitida.

O aspecto da violência e do controle das emoções sofre transformações importantes, pois com o passar do tempo a sociedade cada vez mais se moderniza e evolui chegando ao atual modelo altamente regulamentado. E o esporte como elemento da cultura e componente desse sistema social também acompanha essas modificações, partindo de um sistema menos regulado até um sistema altamente regulado, típico das sociedades modernas. O esporte como elemento social segue a tendência do controle da violência e da liberação da tensão tendo essas práticas como válvula de escape para as suas exacerbações.

São as regras que vão garantir o bom desenvolvimento da atividade e zelar pela segurança de seus participantes. Diferente das Guerras dos gladiadores nas arenas da Roma Antiga, onde havia uma exacerbação da violência sem nenhum controle, e essas regras vêm a dar um controle para essas atividades.

O Esporte na cidade de Recife em seu início era abordado como uma prática recreativa trazida das Grandes Potências Mundiais como a Inglaterra, a França, etc. Essas atividades foram introduzidas por funcionários de empresas estrangeiras, principalmente inglesas que aqui se instalaram. Com o passar do tempo foram sofrendo modificações em sua prática devido ao avanço e modernização de suas regras, aproximando-se cada vez mais das características original das práticas desportivas trazidas da Europa. Essas atividades eram praticadas pelas classes sociais mais abastadas e dominantes que controlavam tanto as regras, como a eram os únicos que usufruíam as mesmas.

Os indivíduos que poderiam participar eram os cidadãos pertencentes às altas classes da sociedade, pois eram os únicos capazes de entender as regras e detinham poder aquisitivo para a mesma assim sendo aptos a praticá-las, excluindo assim as outras camadas da sociedade.

Neste contexto há um reflexo das relações sociais, que influenciam as regras do Esporte, onde o domínio e o poder de decisão sobre a participação e elaboração das regras que regulam a prática das atividades pertence à classe mais abastada, bem como ao público que terá acesso à mesma.

Como já foi falado, pode ser feita uma análise das modificações sociais na cidade do Recife através do Esporte altamente regulamentado, um dos aspectos que denota um alto grau de modernização da mesma. Inspirada nos países europeus, incluindo dentro de sua organização política e social aspectos de outras culturas que na época eram ditas como modelos a serem seguidos, já que eram as grandes potências econômicas e culturais.

As modalidades desportivas desde muito tempo fazem parte da vida da sociedade recifense, inclusive há relatos que falam da prática do turfe desde muito antes do que se imagina, pois já em 1959 o Jockey Clube de Pernambuco comemorava seu 1º centenário de existência ao contrário do que se pensava, pois em 24 de abril de 1988 foi realizado o Grande Prêmio Centenário. Comemorativo aos 100 anos de fundação do Jockey Club de Pernambuco.

Assim como na capital do Brasil, no período citado acima, na Cidade do Recife também se praticavam as atividades desportivas com o objetivo saciar o desejo de diversão dos funcionários ingleses que aqui se estabeleceram, bem como de outros grupos que configuravam a sociedade recifense da época em questão promovendo práticas desportivas altamente regulamentadas para as classes dominantes e mais abastadas, tendo nessa prática como diferencial entre esses indivíduos e as outras classes.

O CAVALO NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE

Em todo o mundo, o cavalo exerce grande fascínio sobre o povo, pois foi de grande importância em várias fases da história. Serviu de meio de locomoção na Idade Média nas batalhas, assim como nas

Cruzadas que apoiadas no pulso forte da Igreja Católica buscava a difusão do Cristianismo por todas as partes do mundo.

Trazendo para o contexto brasileiro, o cavalo é de grande importância, devida sua grande extensão territorial. Trata-se do Brasil Rural mais evidenciado na Região Sul do país. Nessa parte do Brasil, a criação de gado era extensiva e precisava de um grande contingente de animais e cavaleiros para controlar esses rebanhos. Nas horas de “lazer”

O esporte tem como uma de suas características principais ser predominantemente praticado no ambiente urbano. Ao longo do processo civilizador das sociedades modernas a centralização do poder econômico passou do campo para as cidades, fazendo com que os indivíduos seguissem o mesmo caminho, provocando com isso um êxodo rural que influenciou sobremaneira a formação dos grandes centros urbanos.

A cidade de Recife, então província do Império de D. Pedro II, era um ponto estratégico na Região Nordeste econômica e estruturalmente, pois nela havia um comércio forte e bem desenvolvido além da modernização e industrialização, pois estavam sendo implantadas várias indústrias para a execução das obras que aconteciam naquela época.

Há uma relação muito íntima entre as práticas esportivas modernas e a cidade, pois nos locais onde eram realizadas as corridas de cavalo desde a sua gênese deram origem a bairros que receberam nomes condizentes com suas antigas atribuições como os do Prado, Hipódromo, Derby.

A GÊNESE DO TURFE PERNAMBUCANO

As práticas desportivas na metade do século XIX foram bastante influenciadas pela presença de imigrantes ingleses na cidade de Recife, devido à expansão econômica e industrial que necessitava de tecnologia de países altamente industrializados para o seu desenvolvimento.

Várias indústrias multinacionais principalmente inglesas foram instaladas na cidade de Recife a fim de dar suporte técnico às obras que estavam sendo executadas na cidade durante aquele período.

Na cidade de Recife, havia uma boa quantidade cavalos de qualidade, principalmente de origem espanhola, que poderiam ser usados para a prática das corridas, isso devido ao grande valor do cavalo no processo civilizador mundial e mais especificamente pelo período que o nosso colonizador- Portugal ficou sob domínio da coroa ibérica. Bem como todos os materiais necessários para a sua prática eram facilmente encontrados no comércio local.

Os imigrantes principalmente ingleses que se instalaram cidade de Recife sentiam a necessidade de uma diversão competitiva praticada em sua terra natal, para isso organizaram-se de forma a inserir na cidade de Recife as mesmas para o deleite de sua comunidade que contava na época com uma boa quantidade de componentes. O Turfe era o esporte de mais fácil acesso na época, para os indivíduos pertencentes à Aristocracia, pois tinham essas práticas como elemento de diferenciação entre esta e as outras classes.

Esses imigrantes que aqui se localizaram, detinham cargos de alto escalão dentro das empresas que aqui se estalaram e assim sendo detinham relativamente um alto padrão de vida sendo essas práticas organizadas em clubes restritos, onde só poderia participar uma certa parte da população.

O Turfe foi o primeiro desses esportes que foram introduzidos na cidade de Recife que contou com o apoio das mais altas castas da sociedade recifense da época, que tinham o esporte como uma prática de excelência, diferenciando-os das outras classes sociais.

Em seu início a estruturação desse esporte era muito precária. As disputas eram realizadas em pistas retas mesmo assim conseguia atrair alguns adeptos, tanto para participar como simplesmente para torcer. Com passar do tempo houve a necessidade de se organizar e estruturar essas práticas, assim surgiu no dia 12 de novembro de 1859 o Jockey Club de Pernambuco. Segundo a Ata da primeira reunião do Jockey Club de Pernambuco (1859), esta sociedade tem por fim estabelecer um campo para corridas de cavalos, com prêmios e recompensas e proporcionar outros divertimentos campestres como caçadas e passeios.

O estabelecimento de uma sociedade desportiva organizada, bem como da estipulação de prêmios previamente constituídos, indicam que essa prática era regida por uma regulamentação estruturada, distinguindo-a das práticas de lazer anteriormente adotadas. Bem como a participação da aristocracia urbana daquela época evidencia um caráter elitista do esporte e a consolidação do esporte na cidade.

A primeira reunião foi realizada no Hotel Inglês, onde se reuniram os sócios daquela que seria a primeira agremiação desportiva do Estado de Pernambuco onde ficou estabelecida a primeira comissão diretora da entidade:

Assumiram a comissão diretora o Sr. Francisco Antônio de Oliveira (presidente); Manuel Gonçalves da Silva Júnior (tesoureiro); José Antônio dos Santos Azevedo (secretário); Felipe Needham e Carlos Roeck (diretores) (...) Ficou ainda determinado que o Prado seria preparado na Campina Seca, ao lado da estrada do Caxangá, conhecido como Prado do Lucas ou Prado do Piranga (...) (ATA DA PRIMEIRA REUNIÃO DO JOCKEY CLUB DE PERNAMBUCO, 1859).

A cidade de Recife naquela época era bastante influenciada pelo estilo de vida inglês. Nota-se inclusive que os grandes estabelecimentos comerciais eram controlados por capital desse país como, por exemplo, a primeira reunião do Jockey Club que foi realizada no Hotel Inglês. A Inglaterra é o berço do Turfe, pois sua prática se iniciou no Derby de Epton, além disso, exerciam grande influência cultural na sociedade recifense introduzindo assim as práticas desportivas naquela época.

Os senhores que assumiram o controle do Jockey Club de Pernambuco, faziam parte das classes mais abastadas da sociedade recifense naquela época, isso nos indica o caráter elitista dessa prática desportiva, pois nenhum popular fazia parte de sua estrutura organizacional.

Os indivíduos donos de cavalo assumem um posto de destaque dentro da sociedade, pois este animal tem um grande valor. Este fato é reflexo do passado onde era dado inclusive título de nobreza àqueles de possuíssem cavalos de montaria (GOULART, 1964).

Isso demonstra o valor do cavalo ao longo do processo civilizador, bem como vem confirmar o esporte como um elemento usado pela elite dominante daquela época para se diferenciar das outras classes sociais. Usando para isso a posse de um bem muito precioso e de grande utilidade.

D. PEDRO II EM RECIFE: O JOCKEY CLUB DE PERNAMBUCO COMEÇA AS ATIVIDADES

Estabeleceu-se para o dia 8 de dezembro de 1859 como data da solenidade de abertura da entidade, mas a visita do Imperador D. Pedro II adiou a inauguração, esse fato foi o evento mais importante do século XIX acontecido na cidade de Recife.

O Imperador foi consultado sobre a possibilidade de sua presença na corrida em data e horário por ele próprio estabelecido. De acordo com o Jornal do Recife (1859), "Sua Majestade o Imperador dignou-se a marcar para as 4 horas do dia 22 corrente a inauguração da corrida de cavalos do Prado do Piranga da sociedade Jockey Club"

Esse fato demonstra o controle social exercido pelo Imperador D. Pedro II, que naquela época detinha a soberania da colônia, bem como as relações de vassalagem onde os súditos de Sua Majestade não tinham autonomia e dependiam da vontade dele para realizar as suas atividades, mesmo sendo esses pertencentes as mais altas classes da sociedade.

Em 22 de dezembro do ano de 1859 foi realizada uma corrida de cavalos no Prado do Piranga, também conhecido como Prado do Lucas, então local de eventos do Turfe Pernambucano em homenagem à visita de D. Pedro II que na ocasião visitava as Províncias Imperiais datam desde evento já 145 anos. Este evento marca a inauguração do Jockey Club de Pernambuco:

O Jockey Club de Pernambuco ofereceu no Prado do Piranga corridas em homenagem aos Imperadores às 16 horas e meia (...) Compareceram D. Pedro II e Dona Tereza Cristina. O programa contava de três páreos (...). (DIÁRIO DE VIAGEM DE D. PEDRO II)

Do primeiro, tomaram parte os seguintes animais: Pegasso, do Sr. Francisco Antônio de Oliveira; Black Thorn, do Sr. Bomsbboten; Sans Peur, do Sr. Antônio Dubourg e Rago do Sr. Antônio de Paula Eiras. Foi vencedor Black Thorn, que ganhou 720 mil réis (...) Experto, de José A. Hijo; Bobbie do Sr. Bamsbosten; Ipu, de Antônio da Silva Maciel Júnior; Cheviol, de H. Hitch; Dinamarca de C. Dubeaux; e Gjerid, de Manuel Gonçalves da Silva, disputaram o segundo páreo. Foi vencedor Ipu, que ganhou 342 mil réis (...) O terceiro páreo contou com Pegasso, do Sr. Francisco Antônio de Oliveira; Esperança, do Sr. Richard Austin; Black Thorn, do Sr. Bomsbboten; e Patchouly, de Antônio Gonçalves de oliveira. Foi vencedor Black Thorn, que recebeu um prêmio de 450 mil réis (...). (REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DE PERNAMBUCO)

Esse fato comprova que as corridas de cavalo na cidade de Recife eram realizadas mesmo antes dessa data, pois para se realizar um evento desse porte em homenagem ao Imperador, as estruturas do Jockey Club de Pernambuco foram organizadas com antecedência a fim de promover uma peleja sem deixar a desejar àquelas que eram assistidas por ele em outras localidades.

Também retrata a importância dos donos dos cavalos, que eram considerados os "Sportmans" da época, o homem esportivo, que era considerado o esportista por excelência da época e era dono do meio de competição, o barão dono dos cavalos, sendo considerados os jóqueis apenas meros coadjuvantes dos espetáculos esportivos.

Destaca-se a presença de donos de cavalos, como dos próprios cavalos, que sua maioria tinham nome ingleses em referência à influência daquele país e de seus introdutores, que pertenciam às mais altas classes da sociedade recifense da época, detentores do capital que movia o Turfe.

Como sempre, as atividades desportivas, são primariamente criadas para atender às necessidades das elites, mas nesse esporte – o Turfe, mesmo sendo de caráter elitista tem uma grande dependência de uma pequena porção de indivíduos que não pertenciam às classes mais abastadas, "os jóqueis", que eram empregados dos grandes barões donos

dos cavalos. Esse aspecto nos retoma à relação de interdependência que vem desde a Idade Média, as relações cavalheirísticas, onde em troca da moradia na fazenda, assim como alimentação o empregado (servo) cuidava dos bens de seu patrão (senhor feudal).

(...) Pelas 4 ½ horas da tarde, S.M. o Imperador e S. M. a Imperatriz acompanhados de sua comitiva dirigem-se para o Prado do Piranga afim de assistirem as corridas do Jockey Club que nesta ocasião se celebrarão em presença de mais de 3.000 pessoas (...) (*Revista Ilustrada "O Monitor das Famílias"*).

A sociedade recifense ao comparecer às corridas realizadas protagonizava uma espécie de ritual, simbolizando a confirmação de sua posição social e status de elite, comparecendo vestidos a rigor: os homens trajando casaca e chapéu e as mulheres trajando vestidos longos, luvas, chapéu e jóias como símbolo de ostentação, luxo e poder.

O Jockey Club de Pernambuco se podia comparar a uma passarela por onde a nata da mais alta classe da sociedade recifense desfila para prestigiar o grande evento desportivo da época.

Esse fato mostra que as corridas nesta época eram um acontecimento de destaque, pois eram relatadas inclusive nos jornais mais importantes da época e assim sendo faziam parte do círculo de eventos importantes da sociedade daquela época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esporte é parte da nossa cultura e como tal muda de acordo com a mesma, assim pode-se fazer uma análise das mudanças sociais embasando-se nas teorias de Norbert Elias, a partir do aspecto das atividades desportivas usando como base à evolução dos esportes com o passar do tempo, bem como sua utilização e também devido a seu caráter de representação do mundo em que vivemos.

Tomando por base a introdução do Turfe, que se destaca então como primeiro esporte estruturado e organizado a ser praticado na cidade de Recife, foi feita uma análise sobre o estado da sociedade naquele momento específico, mostrando a grande influência dos ingleses que aqui se instalaram na metade final do século XIX, bem como o controle exercido pelo Imperador D. Pedro II.

O espaço urbano é o lócus principal onde essas atividades são praticadas e assim sendo com as modificações que ela sofre, exerce influência nessas práticas, bem como é influenciada por elas. Estabelecendo uma via de mão dupla e tornando essas modificações comuns nas duas vertentes, possibilitando assim uma análise através do esporte.

Evidencia-se a introdução das práticas desportivas na cidade do Recife com caráter elitista e monopolizado, bem como uma hierarquização e estratificação social. O Turfe era "praticado" pela elite para a elite e servia como elemento de diferenciação entre os diferentes grupos sociais.

Esse trabalho é apenas uma pequena contribuição em busca do resgate da História da Educação Física e dos Esportes na cidade de Recife possibilitando assim um melhor entendimento acerca dos fenômenos e transformações que ocorrem na sociedade ao longo do tempo e das relações entre os indivíduos que a compõem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS E ARTIGOS

ELIAS, N. **O Processo civilizador: uma história dos costumes**. Vol.1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GOULART, J. A. **O cavalo na formação do Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. Letras e Artes, 1964.

LUCENA, R. **O Esporte na Cidade: aspecto do esforço civilizador brasileiro.** Campinas: Autores Associados, 2001.

LUCENA, R. & SOUZA, E. (Orgs.). **Educação física, história e sociedade.** João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2003.

LUCENA, R. & PRONI, M. (Orgs.). **Esporte: História e sociedade.** Campinas: Autores Associados, 2002.

JORNAIS E REVISTAS

A PROVÍNCIA, 1859.

JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1859.

JORNAL DO COMMERCIO, Recife 2003/ 2004.

JORNAL DO RECIFE, 1859.

REVISTA ILUSTRADA DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE PERNAMBUCO.

REVISTA ILUSTRADA O MONITOR DAS FAMÍLIAS.

REVISTA ILUSTRADA DO JOCKEY CLUB DE PERNAMBUCO

FONTES

ATA DA PRIMEIRA REUNIÃO DO JOCKEY CLUBE DE PERNAMBUCO

OS ESPORTES NA CIDADE DO RECIFE EM FINS DO SÉCULO XIX (com especial atenção ao Remo)

Joanna Lessa Fontes Silva

Centro de Memória do Esporte e da Educação Física

Leone Severino do Nascimento

Centro de Memória do Esporte e da Educação Física

Introdução

Os estudos históricos sobre o esporte no Brasil têm crescido neste início de século e descentralizado as informações sobre esta prática no país. Antes, concentradas no eixo sudeste-sul, gradualmente temos uma ampliação dessas pesquisas, o que nos abre um novo olhar para a história dos esportes no Brasil. O Rio de Janeiro, como capital do país no século XIX, é reconhecidamente um ponto fundamental de disseminação das “novidades” em todo território nacional, entre elas os esportes. Entretanto, a descentralização dos estudos para outras cidades, principalmente fora de seu entorno, contribui para percebermos o alcance dessa influência, e também, as peculiaridades locais que alterarão significativamente os tempos e espaços de consolidação das diversas práticas.

Podemos dizer que a partir do século XIX temos uma nova prática de divertimento se consolidando: os esportes. Segundo os estudos de

Elias & Dunning (1985) as mudanças trazidas com as grandes revoluções (francesa e industrial) geraram alterações não apenas no contexto político-econômico da época, mas também nos divertimentos públicos. Com isso, a pacificação e o controle das emoções que são algumas marcas desse período para estes autores, terão também seu impacto nas atividades do tempo livre. Por outro lado, os jogos que antes tinham como sentido primordial o ritual, gradualmente passam a se constituir como práticas voltadas para realização em si mesmas, em consonância com o *ethos* da classe emergente do período – a burguesia – e suas perspectivas para a educação da juventude (BOURDIEU, 1990).

Estas novas práticas, em sua maioria de origem britânica, ganharão os mares, chegando às terras brasileiras no século XIX. A vinda da Coroa Portuguesa para o Brasil e a consequente abertura dos portos brasileiros aos ingleses trará grandes novidades ao cotidiano brasileiro e, mais especificamente, ao pernambucano. Sensível à modernização que se disseminava pelo mundo, o Brasil também é agitado pelas mudanças nos seus divertimentos públicos, especialmente naquele que começava a ser disseminado pelo mundo.

Especificamente em Pernambuco, o momento é de agitação. As ideias que afloram com a Revolução Francesa são trazidas de além-mar e influenciam as inquietações locais. Não existia ainda uma “identidade nacional” e por isso muitas disputas estão pautadas em problemas regionais. Na primeira metade do século XIX em Pernambuco podemos destacar várias revoltas, entre elas: a Revolução de 1817, Confederação do Equador (1822), Guerra dos Cabanos (1835) e a Revolução Praieira (1848). A segunda metade do século será um período de mais estabilidade (ANDRADE, 2004).

Concomitante a estabilidade, esta época será de muitas mudanças que marcam a vida da cidade. Embelezamentos, melhorias nos transportes públicos e no tratamento dos dejetos, desenvolvimento dos subúrbios, ampliação das comunicações. A modernização é semeada pelos anseios de que a capital deixe de ser uma “grande aldeia”. As estradas abrem caminho para as periferias e a cidade, cortada por

inúmeros cais, aspira novidades. O primeiro barco a vapor chega em 1839. Mario Sette se ressentia da pouca atenção dada pelos jornais ao fato, preocupados com as agitações políticas. Daí em diante, cresce o número de barcos a vapor e as viagens que ligam Pernambuco (e mais exatamente o Recife, capital desde 1827), não só a outros estados brasileiros, mas também ao Velho Mundo (SETTE, 1978).

Os divertimentos também passarão por mudanças. Os teatros e ginásios recebem os bailes e espetáculos. As procissões religiosas e o carnaval mobilizam os moradores. Os subúrbios, desbravados pelas *maxambombas*, tornam-se espaços centrais para as festas. E em finais do século XIX, Recife recebe os esportes. Estes, semelhante ao que Jesus (2000) apontou para caso específico do futebol, chegam a partir de grande influência estrangeira que fazia parte da vida da cidade. Desta forma, marinheiros, técnicos de ferrovias ou operários de minas, professores dos estabelecimentos educacionais, jovens bacharéis egressos das universidades europeias e missionários europeus são alguns dos possíveis agentes difusores dessas práticas.

Mas, o que faz destas práticas, esportivas? O que faz delas algo mais do que meros divertimentos públicos, parte do cotidiano de quaisquer cidades? Apresentaremos mais adiante possíveis respostas a partir do exemplo do Remo, um dos esportes que chega ao Recife no final do século XIX.

Esportes e/ou divertimentos: o exemplo do Remo em Recife

As viagens para os subúrbios, as mudanças de trastes, os passeios das autoridades, o transporte dos tijolos e da lenha, o embarque na barca de vapor, tudo se efetuava no bergantim a muitos remos, no escaler de um só remador, na canoa a vara ou a velas (SETTE, 1978, p.57).

A exploração das águas seja para trabalho ou diversão constitui um importante tema para entender a formação das cidades. Várias

obras já trataram do assunto, não só em Pernambuco, como também no Brasil de forma geral. Em Recife, especificamente, elas fazem parte de sua fisionomia, tanto pelo seu litoral, como por seus rios e cais.

Em finais do século XIX, os rios não eram mais a forma predominante de transporte. Os bondes de burro e os pequenos trens já faziam parte do cotidiano recifense, assim como as pontes que permitiam atravessar os rios “por terra”. Outras atividades surgiam nos rios e mar: os banhos. Se esta começara como divertimento, mais tarde se mostrará útil para cura de muitos males que afetavam a saúde, e também como uma prática elegante das residências dos subúrbios (SETTE, 1978). Além deles, algumas “regatas” estão registradas na memória da cidade, como relata Mario Sette, ao referir-se à Lingueta, um dos cais existentes e bastante frequentado neste período. Segundo ele,

Espectáculos dos mais imprevistos também ali se ofereciam. Uma aposta entre dois catraieiros, certa tarde. Qual deles iria a remadas até o Lamarão contornar um vapor fundeado no ancoradouro externo, voltando primeiro à Lingueta? O que perdesse pagaria 200\$000 e daria seu bote. Aceito o páreo. Testemunhas. Um fiscal da Capitania. O povo afluí para assistir a corrida. E partem, remam, afastam-se, surgem no alto-mar, rodeiam a embarcação estrangeira, e regressam. O vencedor é aclamado e levam-no a um dos botequins para beber (SETTE, 1978, p.73).

Um outro relato semelhante do autor, que pode se referir a mesma regata, traz mais detalhes do que ele intitulou “Regata inesperada”.

De repente, há um sussurro, um princípio de ajuntamento. Barulho? Homem caindo nagua ? Aparecimento de tubarão ? Que foi ? Todos querem ver e se inteirar: Não havia mistério: dois proprietários de botes tinham feito uma aposta singular. José Pires e Vicente Ferreira. Discutiam a velocidade dos seus barcos quando lhes brotou a idéia de uma prova indiscutível para apurar a superioridade, em rapidez, de um dos barcos. Iriam ambos, a força de remos, até ao pôrto externo, ao

Lamarão, dariam volta num cargueiro ali fundeado e demandariam imediatamente o ancoradouro interno, as rampas da Lingueta. Quem o fizesse em menor tempo estaria senhor da vitória e do título de máximo corredor. O vencido entregaria ao vencedor o seu próprio escaler e ainda pagaria 200\$000 aos remadores (SETTE, 1943, p.8).

Estas poderiam ser consideradas as antepassadas das regatas que conhecemos hoje e daquelas que tiveram lugar nas águas do Recife em meados dos anos 1880. E que, de alguma forma, deram margem para a chegada do Remo, como um esporte náutico regulamentado em outras águas e trazido para a cidade. Seja como forma de resistência das elites locais que aclamavam pela modernização, seja como forma de agregar valor às práticas já existentes no tempo livre dos trabalhadores locais, ou ambos, os jornais anunciam a chegada da novidade. Na terça-feira 7 de abril de 1885, o Diário de Pernambuco revela a intenção de um grupo de montar uma associação para organização de regatas inspirado no *Club de Regatas Guanabara*, como um "*divertimento novo e digno de apreço*". Afirma que alguns moços da marinha buscam o melhor local no rio Capibaribe e que haverá regata e baile. O jornal ressalta ainda que as "corridas marítimas" anteriores não se comparam ao "espetáculo" que está sendo preparado.

Somente em julho teremos uma regata. Até lá, os jornais noticiam a organização de um clube. Em 15 de abril de 1885, o Jornal do Recife noticia a sua criação:

Club de Regatas - Realizou-se no domingo ultimo a primeira reunião deste club, comparecendo um crescido numero de socios. Ficou resolvido que tivesse a denominação de *Club de Regatas Pernambucano*, sendo aclamado presidente o Sr. Dr. Antonio Joaquim de Barros Sobrinho que convidou para 1º secretario o Sr. 2 tenente Francisco Agostinho de Souza e Mello, para 2 o Sr Official de fazenda Ernesto José de Souza Leal e para tesoureiro o Sr. Official de fazenda Manoel de Medeiros Gomes...(sic)

O novo clube fará reuniões periódicas para organizar suas atividades administrativas (com eleição do conselho e determinação de pagamento de taxa (a jóias e mensalidades). Uma pesquisa sobre os indivíduos que participavam do conselho administrativo aponta uma maioria de profissionais da marinha engajados na organização do clube. Vale destacar também que o presidente, Dr. Antônio Joaquim de Barros Sobrinho, é um personagem importante da história recifense, estando ligado ao conhecido “Club do Cupim”, uma das associações mais atuantes na luta pela libertação dos escravos. Os demais participantes do conselho administrativo eleito e divulgado nos jornais após algumas reuniões será composto por profissionais da marinha e comerciantes.

É interessante notar que as categorias “amadores” e “profissionais” figuravam na programação da regata. O anúncio do clube no jornal de 07 de julho de 1885 (JR002) já demonstra a existência das duas possibilidades de “práticos”. Nosso questionamento, porém, é: será que esta diferenciação já estava ligada a prática esportiva? Ou será que ela estava ligada a prática profissional da época, tendo em vista que grande parte dos envolvidos no clube provinham da Marinha?

A primeira regata será realizada no domingo 12 de julho de 1885, aproximadamente três meses depois da fundação do clube. Ela será divulgada nos jornais Diário de Pernambuco e Jornal do Recife a partir de 27 de junho, primeiramente convidando para inscrição no evento e, próximo ao dia da regata, anunciando a programação. Os jornais seguintes ao dia da regata anunciarão o evento como um grande sucesso, com destaque a presença do Conselheiro Presidente da província e sua família.

Cabe-nos aqui afirmar que neste momento o remo se encaixa em mais um divertimento que vem tomando conta da cidade através da organização de um clube. Os clubes (naquele período *clubs*) são cada vez mais numerosos, como se pode perceber nos jornais da época. São associações voltadas para a reunião de pessoas com interesses comuns e se proliferam nas mais diferentes atividades: políticas, literárias, teatrais, carnavalescas e, mais tarde, esportivas. É válido dizer que há um

Os espetáculos inesperados no quotidianismo de uma cidade têm um sabor indefinível. Excedem mesmo, no seu prazer, aos previamente anunciados. Aqueles se desenrolam no seu pitoresco, num cenário de escolta momentânea e diante de espectadores eventuais. Ninguém conta com eles e de súbito se oferecem num ar de surpresa incomparável.

Foi assim que se realizou, uma regata em 19 de janeiro de 1870. Não uma regata com pavilhões armados no cais do Capibaribe ou na rua da Aurora; nem com bandas de música a tocar; nem com raia marcada no rio; nem com assistência de damas de capotes de vidrilhos e moças com chapéus de palha desabados... Nada disto. (p.7)

Influências externas

Como afirmamos anteriormente, segundo notícia veiculada no jornal o primeiro clube de Remo de Recife surge sob influência de um clube carioca. Mas não é apenas a capital brasileira daquele momento que vai influenciar a movimentação deste esporte na cidade. Os imigrantes, numerosos desde início do século XIX, também são parte desta história.

Pouco tempo depois da primeira regata do *Club* de Regatas Pernambucano, é criada uma outra sociedade deste tipo: o *Club* de Regatas Ultramarino, noticiado no Jornal do Recife de sexta-feira, 17 de julho de 1885. O nome do clube seria mudado já no dia seguinte para *Club* Internacional de Regatas, sob a justificativa de que faziam parte do clube pessoas de diversas nacionalidades. A frente do clube, o comerciante e diplomata Antônio João de Amorim, que em 1888 viria a tornar-se Barão de Casa Forte. Em agosto será definido o conselho administrativo do clube. E durante o restante de 1885 ambos os clubes realizarão apenas reuniões com seus sócios.

O ano de 1886 será agitado para o Remo. Serão realizadas ao todo cinco regatas. Sendo três organizadas pelo *Club* de Regatas Pernambucano e outras duas pelo *Club* Internacional de Regatas. Ambos os clubes contam com boa assistência e elogios por parte dos jornais para seus eventos. Os dois também começarão a ter atividades extras em seus clubes, tais como bailes dançantes e reuniões familiares, o que mais tarde se tornará o foco do *Club* Internacional de Regatas, que se tornará *Club* Internacional do Recife (existindo até hoje sob essa denominação).

Concomitantemente a cidade adapta-se à novidade. Surge uma marca de cigarros e outra de chapéus de nome "Regatas". Nos anúncios de serviços dos jornais, a venda de barcos e o oferecimento de profissional para fazer costumes (roupas) para a prática.

A presença dos imigrantes é notada não só na criação de um clube internacional. Os nomes estrangeiros nos programas das regatas e mesmo no conselho administrativo; os barcos são trazidos da Inglaterra.

É interessante destacar a matéria do Diário de Pernambuco de sábado, 11-07-1885. Trata-se do relato de uma regata assistida em Londres por aquele que escreve o jornal. "A festa de músculos", como descreve, é a *University boat race*, uma disputa entre as universidades de Oxford e Cambridge existente até hoje¹. O que nos mostra do contato das elites pernambucanas com o estrangeiro e a valorização gradativa das suas atividades.

A corrida de cavalos como ponto de partida para os esportes modernos na cidade recifense.

TRIBOFES s. m. Conchavo doloso entre apostadores e jóqueis nas corridas de cavalos.(SETTE, 1978, p.177)

1 Site da regata: <http://www.theboatrace.org/article/introduction>.

Em finais do ano de 1885, surgem nas páginas dos jornais pesquisados as corridas de cavalo. Não são, certamente, as primeiras notícias sobre a atividade. Mas, são o momento em que passam a vigorar de forma mais constante nos impressos, chegando a tornar-se notícia diária a partir da década de 1890.

Desde 1859 temos notícia sobre corridas de cavalos em Pernambuco, como mostram Lucena & Oliveira (2005). Entretanto, é em 1888 que temos o “apogeu” do hipismo pernambucano. Só neste ano teremos a inauguração de três prados e a cobertura quase que diária desta prática. Um outro elemento faz deste ano muito significativo: é nele que a palavra *sport* aparece pela primeira vez nas notícias sobre os divertimentos recifenses.

As seções dos jornais ocupadas pelos divertimentos (regatas e reuniões dos clubes de Remo, corridas de cavalos, touradas, *cricket*...) são as gazetilhas ou notícias diárias (nelas também têm lugar as reuniões sociais) e os anúncios. Não existe em 1885 um espaço específico para os esportes, ou mesmo, quando do anúncio das atividades dos clubes de Remo ou das corridas de cavalos, não lemos em nenhum momento a expressão esporte. É apenas a partir de 1888 que começaremos a ter o termo *sport* presente nas páginas dos jornais, e, a princípio, com referência específica às corridas dos prados.

O que isso significa precisa ser refletido a partir do contexto mais amplo dos esportes, da cidade e de um espaço específico dos esportes que começa a ser construído, consolidando esta prática e possibilitando chegar ao que temos hoje.

A cidade do Recife, que passa por grandes transformações em fins do século XIX, experimenta os esportes desde a metade do século (com o turfe e também o *cricket*). Porém, as práticas esportivas tomarão parte da cidade e de seu cotidiano com mais força a partir da última década do século XIX. O aparecimento do termo esporte, neste sentido, não é apenas a entrada de mais uma palavra estrangeira no vocabulário brasileiro, mas a porta de entrada para um tipo de prática específica que se espalhava pelo mundo naquele período.

O turfe, por exemplo, que surge na metade do século, tem seu momento chave no final do século, como afirma Sette (1943).

A vida social nos últimos anos do século passado transbordara bastante para os prados de corridas.

Era neles que os cavalheiros e as damas elegantes se reuniam aos domingos, num interesse pelas corridas de cavalos, mas, evidentemente, também atraídos pela convivência das arquibancadas, pelas palestras, pelos comentários sobre modas, pelos namoros, pelos sorvetes, por umas horas alegres de contacto espiritual temperado pelas emoções das vitórias de animais preferidos. (...) 1888 ficou assinalado na história do hipismo recifense como o do apogeu dos prados (p.184).

Isto é reafirmado por Couceiro (2003), em seu trabalho sobre os divertimentos públicos no Recife dos anos 1920, quando nesta época o turfe é “reerguido”. Na mesma perspectiva, temos o remo, que segundo a autora, tem seu momento áureo no início do século XX.

Os jornais dos anos vinte observavam que o período áureo das regatas havia sido nos primeiros anos do século. Para alguns, disputas e brigas entre os clubes e a crescente popularidade do futebol teriam causado o declínio dessa modalidade, que começava a se reerguer novamente a partir da fundação, em 1920, da Liga Náutica (COUCEIRO, 2003, p.111-112).

No trabalho da autora, assim como no livro de Sette, não temos nenhum indício das regatas de finais da década 1880. O que evidencia, mais uma vez, que aquele momento se dava como uma “experiência” da cidade do Recife, que viria a ser fortalecida apenas na virada do século.

A partir de 1888 as corridas de cavalo ganham os jornais existentes na cidade. Além disso, duas revistas serão publicadas periodicamente com notícias sobre este esporte: “O Sport” e “O

Sportman". Demora pouco para que tenhamos notícias diárias sobre os esportes em Recife, não só o turfe, mas principalmente ele.

É neste sentido que colocamos o Turfe como ponto de partida para os esportes modernos no Recife, criando um espaço social específico, de relevância para a cidade e seus moradores e que será conquistado dia-a-dia por outras modalidades tenham elas já feito parte do cotidiano de alguns recifenses ou não.

Das possíveis conclusões

Neste trabalho nos colocamos diante de três desafios manifestos: apresentar o início da prática esportiva como parte de um conjunto de outros divertimentos neste período; expor a influência externa, tanto dos imigrantes, como de outros estados para a prática do Remo na cidade do Recife e evidenciar a corrida de cavalos como ponto de partida para os esportes modernos na cidade recifense. Alguns desafios, porém, permaneceram sempre latentes: conhecer mais sobre as práticas esportivas no Recife; contribuir para os estudos históricos sobre o tema; colaborar com as pesquisas sobre a cidade do Recife em meados do século XIX.

Temos clareza que ainda a muito por fazer, mas trazemos este trabalho como ponto de partida tanto para nosso grupo do Centro de Memória da Educação Física e Esportes, como para aqueles que aceitarem a provocação de adentrar este fascinante tema da história dos esportes na cidade do Recife.

Referências

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1985.

BOURDIEU, Pierre. Programa Para uma Sociologia dos Esportes. In: BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990a, p.207-220.

COUCEIRO, S. C. **Artes de viver a cidade**: conflito e convivências nos espaços de diversão e prazer do recife dos anos 1920. 2003. 320 f.. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, Recife, 2003.

MELO, Victor A. **Cidade sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Relume Dumará, FAPERJ, 2001

ANDRADE, Manuel Correia de. **Pernambuco**: cinco séculos de colonização. João Pessoa, Editora Grafset, 2004.

JESUS, G. M. de. Considerações Teórico-metodológicas sobre a difusão do futebol. **Scripta Nova** – Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais (ISSN 1138-9788), n.69(23), Universidad de Barcelona, agosto/2000. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-69-23.htm>

SETTE, Mário. Regata Inesperada. **Boletim da Cidade e do Porto do Recife**. Recife, Jan-jun, p. 7-9, 1943.

_____. **Arruar - História Pitoresca do Recife Antigo**. Governo do Estado de Pernambuco – Secretaria de Educação e Cultura. Coleção Pernambucana. 3ª edição. Recife, 1978.

MELO, Victor Andrade de. **Dicionário do esporte no Brasil**: do século XIX ao início do século XX. Campinas, SP: Autores Associados. Co-edição com a Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ através da Coordenação de Integração Acadêmica de Pós-Graduação, 2007.

LUCENA, Ricardo de F; OLIVEIRA, Paulo Fernandes de. **Caderno de Memória - O Turfe**. João Pessoa, Idéia, 2005.

Sobre os autores

Profa. Mestre Joanna Lessa Fontes Silva

Possui graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade de Pernambuco (2003) e mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2009). Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. Atua principalmente nos seguintes temas: sociologia do esporte, políticas públicas de esporte e lazer e sociologia figuracional.

Prof. Mestre Júlio Ricardo de Barros Rodrigues

Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade de Pernambuco (ESEF-UPE); Mestre em Educação pela UFPE; professor do Curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Ciências e Tecnologia Prof. Dirson de Barros Maciel; membro-pesquisador do Centro de Memória do Esporte no Nordeste (Núcleo UFPE) e do Laboratório de História e Sociologia do Esporte da UFPE; professor de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.

Profa. Mestre Rita Cláudia Ferreira

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2006), Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade de Pernambuco/UPE (2003) e Graduada em Educação Física pela UPE (2002). Atualmente é professora de Educação Física do Colégio de Aplicação da UFPE. Tem experiência na área de Educação Física Escolar, com também na formação de professores com ênfase nos aspectos históricos e pedagógicos. É membro pesquisadora do Grupo de Estudos Etnográficos em Educação Física e Esporte (ETHNÓS) da Escola Superior de Educação Física/UPE e do Centro de Memória da Educação Física e do Esporte no Nordeste UFPB/UFPE/UFRN.

Profa. Mestre Maria Helena Câmara Lira

Possui Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE (2005) e Mestrado em Educação pela UFPE (2009). Atualmente é Professora Assistente da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, com experiência na área de Educação e Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: Corpo, Educação Física e História da Educação.

Mestrando Leone Severino do Nascimento

Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Pernambuco -UFPE (2009). Atualmente é mestrando do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPB, na linha de pesquisa Inter-relação Atividade Física e Saúde, e desenvolve paralelamente pesquisa na linha da História da Educação Física e do Esporte.

Prof. Dr. Ricardo de Figueiredo Lucena.

Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre e Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Autor de *Quando a Lei é a Regra* (CEFD/UFES) *O Esporte na cidade* (Autores Associados), tendo publicado e organizado ainda outros títulos como: *Esporte, História e Sociedade* (Autores Associados) e *Temas contemporâneos em Educação* (UFPB). Atualmente coordena o Centro de Memória da Educação Física e do Esporte no Nordeste, numa parceria entre UFPB, UFPE e UFRN e apoio da Rede CEDES do Ministério do Esporte.

Profa. Esp. Priscila Santos Canuto

Possui Graduação em Educação Física pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB(2007) e Especialização em Educação Física Escolar pelo Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa(CINTEP) com experiência na área de Educação Física Escolar, atuando principalmente nos seguintes temas: Corporeidade, Educação Física e Saúde.

Profa. Dra. Maria Isabel Brandão de Souza Mendes

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2002) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2006). Atualmente é docente da Graduação e da Pós-Graduação do Curso de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pesquisadora do GEPEC (UFRN) e da Rede CEDES do Ministério do Esporte e Coordenadora do Grupo de Trabalho Temático (GTT) Atividade Física e Saúde do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (2009-2011). Tem experiência na área de Educação Física, pesquisando os seguintes temas: corpo, cultura de movimento, produção de conhecimento, saúde, ideologia do ser saudável e cuidado de si, educação física, esporte.

Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner

Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1C Licenciada em Educação Física pela UFSM, mestre em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS e doutora em Educação pela UNICAMP. Professora na graduação e pós-graduação do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ex-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (UFRGS) no período 2006-2008. Coordena o Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS e o GRECCO - Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo. Compõe a coordenação do Núcleo da Rede CEDES na UFRGS. Ex-Editora da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), periódico do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte ((2005-2007) e da Revista Movimento. Membro do IASI (International Association of Sport Documentation). Tem experiência na área de educação física, com ênfase em educação e gênero atuando principalmente nos seguintes temas: corpo, gênero, história do corpo e da educação física e esportes, documentação e informação e memória.

Prof. Hellyson Ribeiro Costa

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2010). Atualmente é professor de Educação Física da Escola Municipal João Paulo II e pesquisador do grupo de estudo corpo e cultura do movimento, GEPEC. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação Física Escolar.

Prof. Esp. Paulo Fernandes de Oliveira

Licenciado em Educação Física – UFPE (2004). Especialista em Educação Física Escolar – UFPE (2010). Aluno do Mestrado em Educação – UFPE. Diretor Adjunto de Unidade Escolar da Rede Pública Estadual de Pernambuco. Atua principalmente nos seguintes temas: História da Educação Física e dos Esportes em Recife.

Prof. Dr. Jose Pereira de Melo

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1985), mestrado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (1994) e doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (1998). Atualmente é professor adjunto IV da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, professor - , pesquisador permanente - e professor - . Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: educacao fisica escolar, corpo, educacao fisica, esporte e crianca.

Prof. Dr. Antônio de Pádua dos Santos

Professor de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1985); especialista em Educação Motora na Escola pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1999); mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2004) e doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2008). Desenvolve pesquisas teórico-empíricas no campo do esporte, com abordagem no imaginário radical, nas representações sociais e na subjetividade.

Prof. Mestre Allyson Carvalho de Araújo

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2004). Tem Especialização em Corpo e Cultura de Movimento; (2005) e Mestrado em Educação (2006), ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atualmente é doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Sua experiência pedagógica é na área de Educação Física escolar, atuando principalmente nos seguintes temas: educação física, esporte, mídia, estética e educação e inclusão.

vezes relegado a um segundo plano: o esporte, a educação física e outras práticas corporais. A ação do Centro está justamente voltada para esse objetivo e isso é que nos uniu enquanto professores e alunos das três universidades públicas envolvidas no projeto e que tem o apoio do Ministério do Esporte através da Rede CEDES.

Prof. Dr. Ricardo de F.
Lucena.
Coordenador Geral

Esta é uma iniciativa incontestada de jovens pesquisadores, alguns não tão jovens, que por experiência mantêm a robustez do método científico para explicar e, em alguns casos, construir representações possíveis de um objeto tão dinâmico como a própria vida social.

Os autores fundamentam seus textos nas mais variantes epistemologias, e ressaltam o seu olhar pujante, a partir de quem vive em paragens nordestinas. Eis, portanto, um princípio que norteia os escritos que se seguem: “o olhar de quem vive em instituições de pesquisa sediadas na Região Nordeste”. Esse simples fato faz diferença, até porque, segundo Leonardo Boff, “os olhos vêm a partir de onde os pés pisam”. E o piso nordestino tem demonstrado que não só houve uma variada prática de atividades esportivas, como o remo, o turfe, o futebol, o basquete, etc., como também, é nesse piso onde se assentam uma considerável produção do conhecimento, que toma o esporte como objeto científico.

Apoio:



Ministério do Esporte



ISBN 978-85-7745-877-6



9 788577 458776